PEQUENOS BURGUESES

MÁXIMO GÓRKI

Moscou, 1902. Diante do Teatro Artístico de Moscou, uma pequena multidão se comprimia sob o olhar vigilante dos guardas do czar, fortemente armados. Ninguém sabia, ao certo, se *Pequenos Burgueses* chegaria a estrear. O texto da peça, editado alguns meses antes, fora recebido com entusiasmo. Venderam-se 60.000 exemplares, um sucesso extraordinário para a época. Mas a censura havia feito inúmeros cortes na obra, o que provocara desagrado entre seus milhares de leitores.

Um ano antes, em 1901, Máximo Górki fora detido pela terceira vez e só conseguira sair da prisão graças à interferência de Tolstói. Eleito membro honorário da Academia de Ciências, tivera sua posse impedida pelo czar, o que resultara na demissão de dois membros da Academia. Tchekhov e Korolenko, em sinal de protesto. Assim, a presença em massa dos espectadores era não só motivada pelo interesse cultural como também pelo desejo de promover um desagravo ao autor.

Na platéia, a tensão aumentava à medida que se aproximava o momento de se iniciar o espetáculo. O elenco pediu ao público que se mantivesse calmo, para que o autor não fosse prejudicado e pudesse continuar escrevendo. Em resposta. alguns espectadores mais exaltados gritaram: "Abaixo o grão duque".

O CONFLITO DE GERAÇÕES

A representação de *Pequenos Burgueses* foi um enorme sucesso e com ela teve início a linha político-social do teatro russo. Logo no primeiro ato, Górki aborda de maneira vigorosa o conflito de gerações, a oposição entre os poderosos, representantes de um modo de vida tradicional, e os grupos sociais emergentes que a eles se opunham.

O velho Bessemenov, sua mulher Akoulina, os filhos Pietr e Tatiana são personagens contraditórias, ricas, bastante diferenciadas em termos psicológicos, embora oriundas do mesmo grupo social — os *meschane.*

Os *meschane* eram indivíduos que não pertenciam nem à nobreza, nem ao campesinato, nem ao clero. Eram os habitantes da cidade (do burgo) e só nesse sentido poderiam ser denominados burgueses, a que, nos tempos modernos, a palavra ganhou outro sentido. Os burgueses ricos eram designados por outros nomes, de acordo com a ocupação profissional. No sentido moral, *meschanin* (no singular) é o homem extremamente mesquinho, incapaz de apreciar tudo quanto seja grande e belo. A crítica aos *meschane* está presente em toda a obra de Máximo Górki. Em *Vassa Geloznova* (1910), diz uma personagem: ". . . conheço muito bem a sua classe social. Aqui na Rússia como no estrangeiro, é uma classe doente; vocês vivem maquinalmente, vocês se submetem a força das coisas que vocês criaram. Vocês se detestam uns aos outros; e nunca se perguntam por que vivem e quem tem necessidade de vocês. Mesmo os melhores, os mais inteligentes entre vocês, não vivem a não ser por medo da morte . . ."

Assim como havia utilizado a prosa para evidenciar os contrastes e os antagonismos sociais, Górki usa o teatro como outra forma de luta. Mesmo asfixiada, a literatura russa era grande tribuna política durante a repressão czarista. Górki tornara-se o defensor dos *bessiaki*, aquela gente nômade que ele conhecera tão bem, marginalizada pela Revolução Industrial; aquela multidão que abandonava o campo, à procura de empregos nas indústrias das cidades; a massa de desempregados o excesso de mão-de-obra que fugia dos cortiços, das condições subumanas, e errava pelo país à procura de um lugar.

À metafísica da dor — que na obra de Dostoiévski (1821 - 1881) atingira suas últimas conseqüências — e à caridade do agnóstico-cristão-socialista Léon Tolstói (1828 - 1910), Górki opôs a alegria de viver, substituindo a exaltação do sofrimento por uma raiva instintiva e uma justificada violência.

Górki sente-se irmanado com essa multidão de "ex-homens" como os chamaria em *Ralé* (1902), e com os operários.

Sua visão do proletariado era, porem, romântica, apaixonada. e muitas vezes ele se deixava arrebatar, prejudicando a fluência da narração para vociferar contra os burgueses, vencidos e acabados, submersos na hipocrisia de uma vida medíocre e mesquinha. Essa tendência ao manifesto panfletário

tornou-se mais evidente em sua obra teatral, e Górki se esforçou por atingir maior auto domínio, passando a considerar detestáveis algumas de suas peças, como *Os filhos do Sol* (1905*)* e *Os Veranistas* (1905), nas quais o discurso interfere no fluir espontâneo da ação.

UM GRITO DE INDIGNAÇÃO

Aleksiéi Maksímovitch Pieshkóv (era este seu verdadeiro nome) nasceu em Níjni-Nóvgorod, cidade que Stálin (1879 - 1953) batizaria mais tarde como Górki. Referindo-se ao nascimento, escreveu ele em suas memórias: "No ano de 1868, a 14 do mês de março, às duas horas da madrugada, em conseqüência da predileção que tem pelas partidas de mau gosto, e ainda para completar a soma de absurdos que tem cometido em diversas épocas, a Natureza fez-me nascer com uma pincelada objetiva. A despeito da importância desse fato, não conservo dele nenhuma recordação pessoal; mas minha avó disse-me que logo que me foi conferido espírito humano soltei um grito. Quero crer que foi um grito de indignação e protesto".

Filho de artesãos, nascido num meio social muito pobre, Aleksiéi, órfão de pai, foi criado pelo avó materno, um tintureiro.

Com a morte da mãe, em 1878, o menino teve de deixar a casa do avô, para ganhar a vida. Inicia assim uma peregrinação pelas mais diversas ocupações: sapateiro, desenhista, lavador de pratos num navio que percorre o Volga. Nesta última atividade, Aleksiéi dá seu primeiro passo em direção à consciência política
e à literatura. O cozinheiro do navio empresta-lhe alguns livros e desperta nele o interesse pelos problemas políticos. Aleksiéi começa a sentir que seus horizontes se alargam e, a partir de então, nunca mais se separa dos livros.

Por volta de 1884, apaixonado pela cultura, muda-se para Kazan, onde imagina poder cursar gratuitamente a Universidade. Mas isso é um privilégio de poucos, dos que têm dinheiro para pagar. E Aleksiéi não pertence a esse círculo de eleitos. Acossado pelas dificuldades econômicas, emprega-se como vigia num teatro. Desiludido com sua vida de privações torna-se pescador no mar Cáspio e vendedor de frutas em Astrakan. Vai para Odessa com uma turma de marginais nômades que erra de cidade em cidade, à procura de emprego. Trabalha como estivador, auxiliar de escritório, jardineiro, cantor de coro padeiro. Percorre o Cáucaso, a Criméia, a Ucrânia. Sofre a miséria, o frio, a fome, a revolta: este é seu curso universitário batizado mais tarde por ele como *Minhas Universidades.*

MÁXIMO, O AMARGO

Aos 19 anos está em Kazan, onde tenta o suicídio. Sobrevive à bala que lhe penetra um dos pulmões, mas contrai uma tuberculose que o acompanhará para sempre. A propósito desse gesto, escreve: "A culpa de minha morte deve ser atribuída ao poeta alemão Heinrich Heine; inventou o coração que tem dor de dentes. Junto a este bilhete meus documentos de identidade, que tirei expressamente para essa ocasião. Quanto aos meus restos mortais, peço que os submetam a autópsia, a fim de descobrirem de que diabo estava eu possesso nestes últimos tempos." Dessa experiência, resulta o material utilizado em *Um Incidente na Vida de Makar* (1892) e *Como aprendi a escrever* (1912).

De volta à vida, Aleksiéi decide engajar-se na luta política. Na Geórgia, entra em contato com algumas organizações, lê Marx e segue os passos de Lênin (1870 1924). Em 1890 é preso em sua cidade natal, sob a suspeita de exercer atividades subversivas. O relatório policial descreve-o como "um homem extremamente suspeito: leu muito, maneja bem a pena; atravessou quase toda a Rússia (na maior parte do tempo a pé); esteve mais de um ano em Tíflis, sem ocupação certa, e saiu de lá sem saber para onde ir. Posto cm liberdade, Aleksiéi passa dois anos vagando pelas estepes, participando do êxodo para o sul; caminha milhares de quilômetros com a massa de indigentes, vítimas da fome de 1891 - 92. Ainda em 1892, publica seu primeiro conto, *Makar Tchudra*, na

revista *Kavkas*, usando pela primeira vez o pseudônimo de Máximo Górki (Máximo, o Amargo). É saudado com entusiasmo por Romain Rolland (1866 - 1944), que vê nele "o homem que, como Dante, voltou do Inferno, mas não sozinho, trazendo consigo seus companheiros de tormento e seus camaradas de salvação".

Makar Tchudra despertou a atenção dos intelectuais russos por seu estilo vigoroso. Vladimir Korolenko (1853 - 1921), que havia acabado de cumprir uma pena na Sibéria, interessou-se imediatamente pelo jovem autor. Arranjou-lhe um emprego num jornal de Samara, o *Samarskaia Gazieta*, no qual Górki se projeta rapidamente como jornalista e escritor. Em 1898, aparecem suas primeiras coletâneas, os pequenos temas de *Ensaios e Narrativas*, que obtém grande êxito e o colocam entre os melhores escritores da época. Um ano depois, Górki publica dois romances: *Romá Gordiéiev* e *Os Três*. O primeiro é a história de um indivíduo exuberante, cuja vitalidade é tolhida pelo ambiente mesquinho de uma cidade provinciana: o segundo consiste na reelaboração de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski.

A DESCOBERTA DO TEATRO

Em 1901, depois de se livrar da prisão, à qual havia sido recolhido por participar de um movimento estudantil em Kazan, Górki começa a escrever para o teatro. Numa carta a Anton Tchekhov (1860 - 1904), diz ele: "Escreverei um ciclo de dramas, esteja certo. Um sobre os 'inteligentes'. Um grupo de pessoas sem ideais (...) Um outro com um operário proletário citadino semi 'inteligente'. Absolutamente aceitável pela censura (...) Um terceiro sobre o campo (...) Um outro ainda: os sem teto, um tártaro, um judeu, um ator, a dona de um albergue noturno, um policial, prostitutas (...) Será terrível? escuto as vozes, as falas. Os motivos são claros, tudo é claro (...)".

Apesar do sucesso de *Pequenos Burgueses*, a censura proíbe que a peça seja montada em teatros populares ou traduzida para línguas de outros povos do Império. Mas o autor não se deixa intimidar e escreve outra peça. A 19 de julho desse mesmo ano, Górki recebe uma carta de Tchekhov: "Li sua peça *Ralé.* É nova e, sem dúvida, excelente. O segundo ato é muito bom: é o melhor e mais forte, e, quando eu lia, especialmente o final, quase dancei de alegria. O tema é escuro e opressivo; talvez a platéia, não acostumada com essas coisas, saia do teatro e você tenha que dar adeus à sua reputação de otimista.

A platéia não abandonou o teatro, porque embora a visão de Górki seja amarga, está carregada também de otimismo, mesmo quando trata de "criaturas que uma vez já foram homens", como em *Ralé.* Górki havia cumprido a promessa feita a Tchekhov de escrever uma peça sobre os "sem teto".

Ralé (que no original recebeu o título de *No Fundo)* tem várias tramas que se entrelaçam. A mais evidente é a do romance entre Vassili e Vaska, a mulher do encarregado do albergue. Vassili decide abandonar a amante para fugir com a irmã desta, Natasha. Vaska desencadeia sua fúria contra a irmã, e Vassili, para defender Natasha, mata acidentalmente o marido de Vaska.

As demais personagens não são menos importantes: Sátin, o ator decadente; Klesh, o desempregado, e sua mulher; o Barão, a prostituta Nastia, a verdureira Kvasnia, o sapateiro Aliosha. A esse grupo de esquecidos, junta-se Luka. um apóstolo leigo que filosofa sobre a condição humana dos que vivem nos *bas-fonds*, e que consegue manter-se integro, embora massacrado, porque, apesar de tudo, tem uma grande esperança na humanidade. "Os seres humanos", diz ele, "encontrarão o que buscam além." Essas palavras, em contraste com a realidade da miséria em que vivem as personagens de *Ralé*, só poderiam encontrar ressonância naqueles que, como Górki, desejavam uma transformação radical da sociedade.

Górki participou ativamente da encenação de *Ralé*, levada a cabo pelo grupo do Teatro Artístico de Moscou, sob a direção de Stanislavski (1863 -1938). Por sugestão do autor, os atores visitaram o mercado de Khitrov, para conhecer mais intimamente as personagens que iriam encarnar. Górki sugeriu que se contratasse uma prostituta para auxiliar Olga Knipper, mulher de Tchekhov, a compor a personagem de Nastia. O papel do ator Sátin foi interpretado pelo próprio Stanislavski.

Em 1905, Górki é detido por subversão e encarcerado na prisão de São Pedro e São Paulo, em

São Petersburgo, de onde sai pouco tempo depois, graças à interferência de outros intelectuais. Organiza o jornal *Nóvaia Jizni* (Vida Nova), mas é obrigado a abandonar a Rússia logo após o malogro da rebelião operária de dezembro.

Vai para os Estados Unidos, onde sua permanência é dificultada pelo embaixador russo. Górki tenta levantar fundos para a revolução soviética, mas Randolph Hearst, dono de uma grande cadeia de jornais, dificulta-lhe os passos, acusando-o de imoralidade pública, pelo fato de Górki ter-se casado pela terceira vez. O escritor refugia-se com sua mulher, Maria Budberg, em Staten lsland, onde escreve o romance *A Mãe* (1907), e uma peça de teatro. *Os Inimigos* (1906).

Pouco tempo antes, em *Filhos do Sol,* ele denunciara a facção da intelectualidade russa que não se alinhava na luta revolucionária. Em *Os Inimigos,* Górki aborda o problema da relação entre patrões e empregados.

0 romance *A Mãe,* considerado um de seus trabalhos mais importantes, é tido como a primeira obra do realismo socialista. Está impregnado de humanismo. como toda a obra de Górki.

Para Górki, o homem que vincula sua sorte à sorte de seu povo está vivo; aquele que, mesquinhamente, só pensa em sua própria tranqüilidade, mesmo que isso implique estagnação, está morto. Górki não sente a menor compaixão pelo mundo dos pequenos burgueses, que vê como uma multidão cinza e entediada. "Alguns deles", considera o escritor, "tecem vagos sonhos sobre a beleza da vida há duzentos anos atrás, mas ninguém se coloca a simples pergunta: o que a tornará bela se nos limitarmos apenas a sonhar?"

Em fins de 1906 Górki fixa residência em Capri, onde funda uma escola para imigrantes revolucionários que funciona até 1914. Durante o exílio, escreve *Os Bárbaros* (1906), *Os últimos* (1908), *Gente Esquisita* (1910), *Vassa Aheleznova* (1911), *Os Kykov* (1912) e a trilogia autobiográfica: *Infância, Ganhando Meu Pão e Minhas Universidades* (1912 - 13).

Os Últimos, uma das peças escritas durante o exílio, retrata o conflito entre pais e filhos e a ruína de uma família burguesa nos últimos anos do czarismo. Ivan Kolomnitzev, o chefe da família, é um policial corrupto que não hesita em prender um jovem suspeito de cometer um atentado contra a vida do czar, apesar de sua evidente inocência. No conflito, seus filhos Pietr e Vera tomam o partido da justiça contra o pai, que *é* apoiado pelos outros filhos, Nadia e Alexandre. O alvo de Górki, nessa peça, é aquele tipo de sociedade que estimula a corrupção e a existência de pessoas venais, como Kolomnitzev. No final do último ato, só resta a mãe – a impotente Sofia – pedir perdão aos filhos por tê-los colocado no mundo.

Com o início da Grande Guerra, em 1914, Górki retorna à Rússia. Dirige um jornal mensal. *Liétopis* (Crônica), e se alinha com Lénin e os bolcheviques, ajudando a preparar a revolução. Quando esta triunfa em 1917, Górki é considerado herói. Ressuscita o diário *Nóvaia Jizni* e escreve um ensaio sobre Tolstói (1919). Em 1921 adoece gravemente dos pulmões e vai para a Itália, permanecendo em Sorrento durante vários anos. Ali escreve *Recordações sobre Lênin* (1924), *Os Artamonov* (1925) e começa uma grande epopéia. *A Vida de Klim Samgin* (1927 - 36).

Em 1933, Górki decidiu estabelecer-se na União Soviética, apesar de sua saúde precária. Escreve então *Yegor Bolychov,* retratando o fim da classe média por meio da história de um comerciante. Em 1935 concluiu *Dostygayev* e ainda estava escrevendo *A Vida de Klim Samgin,* quando morreu de pneumonia, em 18 de junho de 1936. Foi sepultado com todas as honras oficiais e seu féretro acompanhado por Stálin e Molotov.

CENAS EM CASA DOS BESSEMENOV

Pequenos Burgueses foi concebida em 1900 e Górki trabalhou algum tempo na peça, até que ela atingisse uma forma satisfatória. No início, tinha o título de *Cenas em Casa dos Bessemenov, Esboço Dramático em Quatro Atos*. Na verdade, a peça uso segue uma linha de ação única, mas é antes um mosaico de situações e personagens representativas da vida russa da época.

Numa carta a Stanislavski, Górki diz, que as personagens principais são Nil e Pólia, mas há uma evidente predominância da situação: a lenta deterioração da pequena burguesia. As reflexões de

Górki sobre o mundo pequeno-burguês, em todos os seus aspectos – vida, expectativas, psicologia, contradições, etc. – denotam grande acuidade em relação à "multidão cinza e entediada", bem mais rica e profunda que suas observações sobre o proletariado. Sua visão do proletário é ideal, linear e didática: um ser sem contradições, que sabe o que quer e marcha decidido para a vitoria final.

As personagens de *Pequenos Burgueses* vivem num meio mesquinho, revelando-se quase sempre impotentes para vencer as barreiras desse meio. A impotência, em vários níveis, é o único elemento comum a todas elas. O velho Bessemenov já não tem autoridade para se impor junto à família; a dedicação da velha Akoulina é insuficiente para impedir os choques entre os vários membros da família; a Tatiana e Pietr, cada um por seus motivos, não conseguem romper o asfixiante círculo familiar.

Na referida carta a Stanislavski, Górki assinala esse problema na família Bessemenov: "Akoulina está toda amor aos filhos e ao marido, no desejo de ver os que a rodeiam amarem-se uns aos outros. . ." Ela faz qualquer coisa para evitar as discussões familiares. Adotando a política dos "panos quentes", coloca-se entre os demais para receber todos os golpes. Mas, no seu amor à família, é profundamente egoísta. Marginaliza os "de fora" e não hesita em se comportar de maneira vil e injusta quando se trata de defender os seus. Contudo, apesar de sua vontade de impedir rupturas, não consegue qualquer união no seio da família. Afinal, todos estão sozinhos, isolados por um muro de falsos deveres e obrigações.

O velho Bessemenov "está numa situação absurda, desoladora. Viveu o diabo sabe quanto, trabalhou sem descanso, trapaceou para reforçar o resultado do trabalho e, de repente, vê que tudo foi em vão!" Ele não compreende seu tempo, nem as novas gerações com seus hábitos e comportamento. Encara tudo como desacato, imoralidade, sinal de apocalipse. É o mais distante de todos, por ser o mais conservador e inflexível, o patriarca frustrado, o chefe de família falido, que não consegue, apesar de todo "sacrifício" pelo bem-estar da família ver concretizadas algumas de suas expectativas em relação aos filhos: Pietr está suspenso da Universidade, por suas atividades políticas, e se apaixonou por Elena a quem o velho atribui uma conduta imoral; Tatiana, com 28 anos, é uma solteirona que ele desejaria ver casada, pelo menos para evitar as insinuações dos amigos.

Bessemenov incomoda-se com a opinião alheia sobre seu fracasso como pai. Mas não consegue obter de Pietr senão vagas promessas de que um dia fará qualquer coisa; e, afinal Pietr acaba por feri-lo profundamente quando opta pela vida com Elena, deixando-o estupefato com esse gesto atrevido.. De Tatiana ele recebe apenas a presença. Ela permanece com os velhos por algum sentimento de devoção familiar, do qual é incapaz de fugir, apesar de lhe amargar a vida.

Bessemenov e Akoulina, condenados à vida e à solidão, aferram-se aos antigos valores e culpam o mundo inteiro pela dissolução de sua família.. Negam-se a admitir que são mortos vivos, enclausurados e, sua morbidez, e incompreensão, na mesquinhez de suas vidas e de seu caráter, prontos a responsabilizar todos quantos se oponham às suas idéias.

Obode expiatório mais próximo é Nil, o filho adotivo, operário com o qual Tatiana alimenta uma certa esperança de se casar. "Nil", escreveu Górki, "é um homem tranqüilamente convicto de sua força e do seu direito de reconstruir a existência de acordo com sua própria compreensão das coisas (...) Irritando-se fala firme e distintamente, como quem dá machadadas. A indignação, a ira, tudo nele é firme, sadio. . ."

Nil ama Pólia, que é uma igual com quem ele acredita ser feliz. Nil lhe diz: Nós vamos viver muito bem você vai ver. Você é uma boa companheira. Você não tem medo da pobreza."

Górki descreve Pólia como uma pessoa "simples, modesta e capaz de qualquer heroísmo, sem nenhuma ostentação. Se ama é para a vida toda se acredita em algo, também". Teteriev é o filósofo vagabundo,. Em seu niilismo, é incapaz de fazer algo por si mesmo. Prefere o papel de espectador. "Eu sou um homem um pouco estranho", diz a Tatiana: "não participo muito dos acontecimentos terrenos. . . vivo por pura curiosidade. . ."

Teteriev admira Nil, inveja-lhe a vitalidade, a alegria de viver, está certo de que o mundo lhe pertence. Ama Pólia, aprecia Elena na sua exuberância e generosidade; é condescendente com Chichkin, mas sugere a Tatiana que ela está enterrada viva, detesta os velhos e não tem quaisquer

ilusões em relação a Pietr. No fim da peça ele diz ao velho Bessemenov, desesperado com o filho que está indo embora com Elena, que Pietr voltará: Ë será, com o tempo, tão avarento quanto você, tão seguro de si mesmo como você. . . Tão mau como você. . .”

“Teteriev”, diz Górki, “quis ser herói mas a vida o alquebrou, amassou-o e ele a odeia por isso. Considerando-se muito dotado, trata as pessoas de cima para baixo (. . .) Odeia profundamente os pequenos burgueses, considerando-os, com toda a razão, como inimigos dos homens que pensam e sentem livremente, como destruidores da vida”.

Elena é o sal da existência naquela casa. Viúva e livre, “ela sorri com clara alegria, tem muitos gestos vivos, gosta de que lhe façam a corte e de que a vida, em volta dela, ferva de alegria e de risos. Ama Pietr por compaixão, ou melhor, nem o ama, porém quer contaminá-lo com a felicidade da existência, quer que ele ria”.

Elena, Pertchikin, Chichkin, Tzvetaieva, Nil e Pólia fazem parte daquela multidão dos que sentem e pensam livremente, dos que se opõem aos pequenos burgueses, àquilo que é velho e falido. Para Máximo Górki, eles serão os herdeiros da Terra.

PERSONAGENS

VASSÍLI VASSILIEV BESSEMENOV, *pequeno burguês. chefe de uma empresa de pintura de edifícios. 58 anos*

AKOULINA IVANOVNA, *sua mulher, 52 anos*

PIOTR, *ex-estudante, filho de Bessemenov, 26 anos*

TATIANA, *professora, filha de Bessemenov, 28 anos*

NIL, *afilhado de Bessemenov, mecânico, 27 anos*

PERTCHIKIN, *parente afastado de Bessemenov, vendedor de passarinhos*

PÓLIA, *sua filha, costureira, trabalha por diária em casas particulares, 21 anos*

ELENA NIKOLAIEVNA, *viúva de um chefe de guarda de prisão, locatária dos Bessemenov, 24 anos*

TETERIEV, *cantor, pensionista de Bessemenov*

CHICHKIN, *estudante. pensionista de Bessemenov*

TZVETÁIEVA, *professora, amiga de Tatiana, 25 anos*

STEPÂNIDA, *professora*

O MÉDICO

UMA VENDEDORA

UMA VELHA

O POVO

UM VELHINHO

UM PINTOR

A ação se passa numa cidade de província da Rússia, em 1902.

CENÁRIO

Uma sala numa casa burguesa abastada. À direita, a sala está dividida por dois biombos que formam um ângulo reto, anulando um segundo plano e delimitando em primeiro plano, uma salinha separada de grande sacada de madeira.

Passa através da sacada um arame, donde cai uma cortina colorida. Na parede do fundo da sala grande, uma porta dando para o hall *de entrada e para outra parte da casa, onde se encontram a cozinha e os quartos dos pensionistas. À esquerda da porta, um imenso e enorme bufê onde é guardada a louça; num canto, um baú. À direita, um relógio antigo; seu pêndulo tem forma de lua, que vai e vem lentamente, através do vidro; quando o silêncio cai,* ouve-se *o seu tique-taque indiferente. Na parede da esquerda, duas portas, uma levando ao quarto dos velhos, outra ao de Piotr. Entre as portas, uma lareira. Perto da lareira, um relho divã, forrado de oleado; ao lado dele, uma mesa grande, onde se servem o chá e as refeições. Cadeiras vienenses baratas estão encostadas à paredes com entediante regularidade. Mais à esquerda, no extremo limite da cena, uma cristaleira, que contém caixinhas variadas e coloridas, ovos de páscoa, um par de candelabros de bronze, colheres de chá de sobremesa, e alguns copinhos de prata. No quartinho, atrás da arcada, contra a parede diante do espectador, um piano. Num canto, um vaso com um filodendro. À direita, janelas (duas) através das quais se vêem algumas flores. Perto das janelas, uma espreguiçadeira; perto da espreguiçadeira, uma mesinha.*

ATO I

Mais ou menos cinco horas da tarde. Pelas janelas peneira um crepúsculo de outono. A sala grande se encontra quase na escuridão; Tatiana, recostada num divã, lê um livro. Pólia costura, sentada à mesa.

TATIANA (lendo)

"E a Lua surgiu. E era estranho que ela, assim. tão pequena, tão triste, pudesse derramar sobre a Terra tanto de sua doce luz prateada." *(Pousa o* livro *sobre os joelhos.)* Está escuro.

PÓLIA

Quer que eu acenda a lâmpada?

TATIANA

Não, não vale a pena. estou cansada de ler.

PÓLIA

Como *é* bem escrito Tão simples e . . . tão triste e. . .toma conta da alma da gente. . .*(Pausa.)* Estou louca pra saber como termina. Com quem será que ela fica?

TATIANA

Não se trata bem disso.

PÓLIA
Eu não seria capaz de gostar de um homem assim.

TATIANA
Por quê

PÓLIA
Ele e enjoado. Não faz outra coisa a não ser se lamentar. . . não tem vontade. Um homem tem que saber o que quer na vida.

TATIANA
E Nil, sabe?

PÓLIA (com segurança)
Sabe.

TATIANA
E o que é que ele sabe?

PÓLIA
Eu não seria capaz de dizer assim. . . assim da forma simples como ele diz. Só as pessoas más podem se queixar dele. Ele não gosta de gente assim.

TATIANA
Quem é mau e quem é bom?

PÓLIA
Ele sabe. *(Tatiana se cala sem olhar Pólia. Pólia* sorri *e apanha o livro dos joelhos de Tatiana.)* É tão bem escrito! Ela é tão simpática, sincera! Quando se encontra uma mulher assim a gente se sente melhor.

TATIANA
Como você é ingênua. . . e ridícula, Pólia! Para mim, essa história toda me irrita. Nunca existiu uma mulher assim. Nem essa fazenda, esse rio, essa lua. . Tudo isso é invenção. Nos livros se descreve a vida. de um modo muito diferente da realidade. . . Na nossa vida, por exemplo. . .
PÓLIA
Eles escrevem sobre o que interessa. E nossa vida, que interesse tem?

TATIANA (sem escutar, bastante irritada)
Eu tenho sempre a impressão de que os que escrevem livros não gostam de mim. É como se eles dissessem: Isso é muito melhor do que você pensa: aquilo que você achou bom é péssimo".

PÓLIA
Eu não. Pra mim os escritores são sempre bons. Morro de vontade de conhecer esse autor.

TATIANA (como se falasse sozinha)
As coisas ruins eles não apresentam como eu vejo, mas de uma maneira muito especial. . . em tom trágico. As coisas boas, eles inventam. Ninguém faz declarações de amor como eles escrevem, a vida não tem nada de trágico. . . vai passando lenta, monótona, como um rio lamacento. E quando se vê o rio correr, os olhos vão se cansando. . . um tédio vai tomando conta de tudo, a cabeça vai ficando pesada e nem se tem mais vontade de saber por que *é* que ele corre. . .

PÓLIA (pensativa, olhando para o horizonte)

Eu ia gostar de conhecer o autor. Enquanto você lia, eu ficava pensando. . . Como será ele. . . moço? Velho ? Moreno ?

TATIANA

Quem?

PÓLIA

O escritor

TATIANA

Morreu.

POLIA

Que pena. . . faz muito tempo? Morreu moço ?

TATIANA

Nem moço nem velho. Bebia muita vodca.

PÓLIA

Coitado *(Pausa.)* Por que será que as pessoas mais inteligentes bebem sempre? O pensionista, por exemplo, o cantor. . . Ele é inteligente, não *é?* Pois bem, ele bebe. Por quê?

TATIANA

A vida cansa.

PIOTR *(ainda sonolento, vindo do seu quarto)*

Que escuridão! Quem está aí? Por que e que vocês não acendem a luz?

PÓLIA

Nós estamos vendo o entardecer.

PIOTR

No meu quarto está um cheiro de óleo. . . Vem do quarto dos velhos . . Acho que foi por isso que sonhei que estava remando num rio de água espessa. Eu não conseguia seguir a corrente, ela me levava. . . Eu não via a margem . . . Encontro uns destroços, mal toco neles, eles viram pó . . . Tudo apodrecido, cheio de vermes. Bobagem ! *(Caminha pela sala, assobiando.)* Está na hora do chá?

PÓLIA

Eu vou preparar. *(Acende a lâmpada e saí.)*

PIOTR

Em casa quando vai anoitecendo tudo fica apertado, meio lúgubre. Tenho a impressão de que todas essas coisas pré-históricas vão crescendo, ficando com mais volume, mais peso. . . Vão absorvendo o ar . . . *(Golpeia com as mãos o armário.)* Olhe aí esse armário. Faz dezoito anos que esta plantado no mesmo lugar . . Dezoito anos ! E ficam dizendo que a vida caminha depressa . . . Mas ela não fez esse armário caminhar um centímetro. Quando eu era menino vivia batendo a cabeça nessa fortaleza. E ainda agora, não sei por que . . . ele ainda me atrapalha. Que objeto mais besta! Não é nem um armário. . . é um símbolo. . . que vá para o diabo!

TATIANA

Como você está esquisito, Piotr! Não lhe faz bem Viver assim.

PIOTR
Assim como?

TATIANA
Você não sai para lugar nenhum. . . Só lá em cima, na casa de Elena, toda noite... E isso deixa os velhos preocupados.

(Piotr, sem responder, caminha e assobia.)

TATIANA
Sabe, eu estou começando a me sentir muito cansada. . . Na escola o barulho me cansa. Aqui em casa é todo esse silêncio, essa ordem. Ainda bem que a chegada de Elena trouxe um pouco de alegria. É, eu ando muito cansada. E as férias ainda estão longe. . . novembro. dezembro. . . *(O relógio bate seis horas.)*

SEMENOV *(mostrando a cabeça através da porta do seu quarto)*
Vai assobiando. vai. . . Mas a minha petição, vai ver que você esqueceu de fazer outra vez!. . .

PIOTR
Fiz, fiz sim.

BESSEMENOV
Até que enfim você encontrou uma folguinha. Custou, hein? *(Sai.)*

TATIANA
Que petição é essa?

PIOTR
É uma ação contra o comerciante Sízov, que lhe deve dezessete rublos e cinqüenta copeques pela pintura do forro de um galpão. . .

AKOULINA (entrando com uma lâmpada nas mãos)
Começou a chover de novo lá fora *(Aproxima- se do armário, tira a louça e arruma a mesa para o chá.)* Não sei por que anda fazendo frio na nossa casa. Todas as lareiras estão acesas e ainda faz frio. A casa está velha, o vento entra por tudo quanto e fresta. Paizinho está de novo de mau humor. Diz que esta com dor nos rins. . . Também, está velho, coitado! Só recebe desgostos, só vê desordem, gastos, preocupações. . .

TATIANA (ao irmão)
Você foi ao apartamento de Elena ontem?

PIOTR
Fui.

TATIANA
Estava animado?

PIOTR
Como sempre. Tomamos chá, cantamos, depois discutimos. . .

TATIANA
Quem com quem?

PIOTR
Eu com Nil e Chichkin.

TATIANA
Como sempre.

PIOTR
É. Nil descobriu agora o "progresso vital" e me deixou entediado com os seus sermões sobre "a força do caráter", o "amor pela vida", É ridículo. Quem ouve pensa que a vida, que aliás ninguém conhece, é assim como um tio americano. De repente aparece e nos deixa toda a fortuna do mundo. Chichkin pregava a necessidade do leite e o mal do uso do tabaco. E me acusava, a mim, de uma atitude de pequeno-burguês.

TATIANA
Sempre a mesma coisa.

PIOTR
É, sempre a mesma coisa.

TATIANA
E Elena? Você se sente bem ao lado dela?

PIOTR
É. . . Ela é simpática, alegre.

AKOULINA
E uma desavergonhada. Leva uma vida! Todo santo dia, chás, visitas, danças, cantos, açúcar. . Tem dinheiro pra tudo, menos para comprar uma tina. Toma banho numa bacia, esparrama toda água no assoalho. *(Apontando o forro.)* Enquanto isso nosso teto vai apodrecendo.

TATIANA
Ontem estive no clube, no serão familiar, e o vereador Sómov, aquele que é inspetor da minha escola. me cumprimentou de longe. Quando a amante do juiz Romanoff entrou na sala, ele se jogou em cima dela, se inclinou como se ela fosse a mulher do governador, e beijou a mão dela. . .

AKOULINA
Não tem vergonha na cara, mesmo. Em vez de dar o braço a uma moça direita, preparada, e levá-la a passear pela sala, com todo respeito, diante das pessoas. . .

TATIANA
Você vê? Aos olhos dessa gente, um a professora merece menos consideração do que uma mulher à-toa, com a cara toda borrada. . .

PIOTR
Vamos deixar de mesquinharias! Há coisas mais importantes para se falar. É preciso saber se colocar acima de tudo isso. Só que ela pode ser à-toa, mas não anda com a cara toda borrada, como você diz.

AKOULINA

Como é que você sabe? Já andou lambendo as bochechas dela, por acaso? Ofendem a própria irmã e ainda tomam o partido de quem ofendeu!

PIOTR
Mamãe, chega!

TATIANA
Desisto, é completamente impossível a gente conversar perto da mamãe.

(Ouvem-se passos muito pesados atrás da porta.)

AKOULINA
Ora, ora... Vocês já estão mostrando as unhas. Você, Piotr, em vez de ficar medindo a casa com seus passos, bem que podia ajudar a Stepânida a carregar o samovar. Stepânida vive se queixando: "É pesado demais *(Stepânida entra trazendo o samovar, que coloca no chão quase sufocada.)*

STEPÂNIDA (à patroa)
Bom, a senhora faz como a senhora achar melhor, mas eu já disse mais de mil vezes que não tenho força pra carregar esse demônio. . . Minhas pernas ficam bambas. . .

AKOULINA
E daí? Você não vai querer que eu contrate um homem, especialmente pra carregar o samovar pra você, não é?

STEPÂNIDA
Faz como a senhora achar melhor, mas o cantor não faz nada, bem que ele podia me ajudar. Piotr Vassilievitch, põe o samovar em cima da mesa pra mim juro, não tenho mais força!

PIOTR
Está bem.

STEPÂNIDA
Obrigada. *(Sai.)*
AKOULINA
É boa idéia. Pétia;[1] por que é que você não fala para o cantor carregar sempre o samovar? É, boa ideia. . .

TATIANA
Meu Deus!

PIOTR
Mamãe, a senhora não quer também que eu vá pedir a ele pra carregar água, lavar o chão, limpar as chaminés, lavar a roupa suja?.

AKOUL1NA (com gesto *de desgosto)*
Por que você fala tanto para não dizer nada? Tudo isso se faz sem precisar dele, mas o samovar. . .

PIOTR
Todas as tardes, mamãe, você levanta esse problema fatal: quem é que vai trazer o samovar? Só que a senhora pode estar certa de que ele não vai ser resolvido enquanto a senhora não tomar a decisão de contratar um empregado.

AKOULINA
Mas pra que diabo nós precisamos arranjar um empregado? Seu pai mesmo faz a limpeza da casa.

PIOTR
Isso tem um nome: avareza.. . E ser avarento quando se tem no banco . . .

AKOULINA
Psiu.. . Se seu pai o ouve, ele lhe mostra o banco. Foi você que pôs o dinheiro no banco, foi?

PIOTR
Escute aqui. . .

TATIANA (levanta-se de um salto)
Piotr, pare você pelo menos, pare. A paciência tem limite. . .

PIOTR *(aproximando-se dela)*
Está bem, mas não precisa se irritar. Sem perceber, a gente se atola nessas discussões mesquinhas. . .

AKOULINA
Já começam a resmungar. E a mãe não pode dizer uma palavra. . .
PIOTR
Todo dia a mesma coisa. . . Essas discussões vão deixando na alma da gente uma ferrugem. . .

KOULINA (gritando em direção da porta do seu quarto)
Paizinho, o chá está pronto!

PIOTR
Quando terminar o prazo da minha suspensão da universidade, eu vou pra Moscou. Como já fui antes! Só volto aqui por três ou quatro dias, nada mais. Meus três anos de vida me desabituaram dessa mesquinharia, dessa agitação pequeno-burguesa. . . Como é bom viver só!. . .

TATIANA
E eu.. . eu não tenho mais nenhum lugar pra ir. . .

PIOTR
Já cansei de falar pra você fazer um curso superior.

TATIANA
Pra que um curso. . . É viver que eu quero. . . viver, não estudar, você compreende?

KOULINA (vai *tirar a chaleira da parte superior do samovar e, sem querer, queima a mão)*
Ai! diabo! me queimei!

TIANA (ao irmão)
Eu não sei, não entendo: que quer dizer "viver"? Como é que eu poderia viver?

PIOTR *(pensativo)*
Sim, é preciso saber viver. . . e preciso saber viver. . .

SSEMENOV *(saindo do quarto, lança um olhar aos filhos, se senta à mesa)*

Chamaram os pensionistas?

AKOULINA
Ande, Pétia, vá chamar!

(Sai Piotr; Tatiana se aproxima da mesa.)

BESSEMENOV
Outra vez compraram açúcar em tabletes! Quantas vezes eu já falei. . .

TATIANA
Deixe, papai. Deixe, papai, que importância tem isso?. . .

BESSEMENOV
Não é com você que estou falando, mas sim com sua mãe. . . Pra você eu sei que isso não tem importância nenhuma. . .

AKOULINA
Eu só comprei uma libra em tablete, pai. . . Havia uma barra de açúcar inteira. . . só que eu não tive tempo de quebrar em pedacinhos...

BESSEMENOV
Eu não estou zangado, mas eu digo que açúcar em tablete é pesado, e pouco doce; quer dizer, dá prejuízo. . . De maneira que eu não vejo vantagem em comprar em tablete. Você sempre tem que comprar açúcar em barras, e quebrar em pedaços, aqui em casa mesmo. . . Você vai dizer que vai sobrar uma porção de farelos impossíveis de serem usados no chá. Mas os farelos podem ser aproveitados na comida. E o açúcar em barra é mais leve, mais doce. . . *(Para a filha)* E você, por que não pára de suspirar e fazer caretas?

TATIANA
Não é nada, papai.

BESSEMENOV
Se não é nada não precisa suspirar. É assim tão desagradável ouvir seu pai falar? Não é para o nosso bem, mas para o de vocês, os jovens. Nós já tivemos o nosso tempo, e vocês agora é que tem que viver. Os nossos princípios de vida não lhes agradam? Isso nós sabemos, nós sentimos, mas vocês. . . Que princípio de vida inventaram vocês? Aí é que está o problema!

TATIANA
Papai, pensa um pouco: quantas vezes o senhor disse essas mesmas coisas?

BESSEMENOV
E vou continuar falando até o túmulo. Porque vivo preocupado. Preocupado por causa de vocês. . . Fiz mal. Eu devia ter pensado mais antes de mandar vocês estudarem. E agora ai está: Piotr suspenso da universidade, e você se tornando uma solteirona.

TATIANA
Eu trabalho. . . Eu dou aulas. . .

BESSEMENOV
Já ouvi isso. E onde está o proveito de seu trabalho? Ninguém precisa de seus *25* rublos mensais, nem você mesma. Case, viva dentro da ordem estabelecida ! Aí eu mesmo pago para você cinqüenta

rublos por mês . . .

KOULINA (durante a conversa do pai com a filha, dá voltas em torno da mesa, muito inquieta; tenta várias vezes dizer alguma coisa; por fim, pergunta carinhosamente)
Paizinho, tem uns pasteizinhos doces que sobraram do almoço, quer?

SSEMENOV *(volta se para ela inicialmente com c6lera, depois com um sorriso)*
Está bem, traga os pasteizinhos, pode trazer *(Akoulina vai para o armário enquanto Bessemenov continua falando com sua filha.)* Está vendo, a sua mãe defende vocês de mim como uma gansa defende seus filhotes contra um cachorro. Vive tremendo, com medo que eu machuque vocês com uma palavra. . . Ah, olha quem esta aí, o passarinheiro! Não morreu, apareceu!

RTCHIKIN *(da porta da casa, seguido de Pólia, silenciosa)*
Paz para esta casa! para seu dono de cabelos brancos, e para sua formosa dama! para seus educados rebentos, por todos os séculos, séculos e séculos. . .

AKOULINA
Amém!

BESSEMENOV
Você se deixou embebedar de novo?

PERTCHIKIN
Foi o desgosto que me deixou.

BESSEMENOV
Que desgosto?

PERTCHIKIN *(conta, saudando as pessoas)*
Eu vendi hoje meu tentilhão. Criei esse pássaro por três anos. . . cantava dando um trinado tirolês. . . e eu vendi ele! Fiquei me sentindo uma pessoa à-toa por causa disso. . . fiquei sentido. . . tenho pena daquele passarinho.., eu tinha me acostumado com ele.., tinha amor por ele!. . . *(Pólia sorri, sacode a cabeça para seu pai.)*

BESSEMENOV
Então por que você vendeu'?

PERTCHIKIN *(caminhando ao redor da mesa, se apoiando nas cadeiras)*
Porque me deram um bom preço.
AKOULINA
Pra que você precisa de dinheiro? Você vai jogar tudo fora mesmo.

PERTCHIKIN *(sentando-se.)*
É verdade, mãezinha. O dinheiro me queima as mãos, é verdade. . .

BESSEMENOV
Mais uma vez, você não tinha motivo nenhum para vender o pássaro. . .

PERTCHIKIN
Eu tinha um motivo! O passarinho estava começando a ficar cego. . . ia morrer logo. . .

BESSEMENOV *(com um sorriso)*

Estou vendo que você não é completamente imbecil. . .

PERTCHIKIN
Ah, então foi a inteligência que me fez fazer isso? Qual nada, foi a parte ruim da minha natureza. . . *(Entram Piotr* e *Teteriev.)*

TATIANA
E Nil, onde está?

PIOTR
No ensaio, com Chichkin.

BESSEMENOV
Onde é que eles vão representar dessa vez?

PIOTR
Num circo. É um espetáculo para os soldados.

PERTCHIKIN (a *Teteriev)*
Meus respeitos, trombeta de Deus ! Vamos caçar melharucos, tiozinho!

TETERIEV
Vamos! Quando?

PERTCHIKIN
Amanhã mesmo.

TETERIEV
Eu não posso, eu tenho um defunto.
PERTCHIKIN
E antes da missa?

TETERIEV
Pode vir me apanhar. Akoulina Ivanovna, não teria sobrado alguma coisa do almoço? Um pouco de *kasha*[2] ou qualquer coisa parecida?

AKOULINA
Sobrou, sim, paizinho! Sobrou um pouco de *kasha.* Pólia, vá buscar!

TETERIEV
Gratíssimo ! Como vocês sabem, eu hoje não comi, por causa de um enterro e de um casamento.

AKOULINA
Sei. sei . . .

(Piotr enche urna vasilha de chá, vai para a sala menor seguido pelo olhar crítico do pai e hostil de Teteriev. Durante alguns segundos todos comem e bebem em silêncio.)

BESSEMENOV
Pelo que eu estou vendo, Terênti[3] Khrisanfovitch, você vai ganhar muito dinheiro este mês, quase todos os dias há um defunto. . .

TETERIEV
É . . . eu tenho tido sorte.

BESSEMENOV
E tem havido muitos casamentos também.

TETERIEV
O casamento está muito na moda ultimamente.

BESSEMENOV
Então ajunte dinheiro, e case você também . . .

TETERIEV
Eu não ando na moda. . . *(Tatiana vai até onde está seu irmão; os dois começam a conversar em voz baixa.)*

PERTCHIKIN
Não casa, não precisa ! Pra fenômenos como nós o casamento não serve pra nada! Bem melhor é ir apanhar passarinhos . . .

TETERIEV
De acordo.

PERTCHIKIN
Não há nada mais maravilhoso do que apanhar passarinhos. Veja: a neve acaba de cair, a terra parece toda vestida de noiva . . . principalmente se é dia de sol... então, a alma da gente canta de alegria! De repente, no meio de tanta beleza, glu, glu, glu!. . . Do céu baixa um bando de passarinhos vermelhos, tzu, tzu, tzu! . . e começam a aparecer, cada vez mais, gordinhos como se fossem generais. . . eles andam. . . arranham. . . . resmungam. . . Que beleza! Eu daria tudo para me transformar num pisco, pra brincar na neve em companhia deles. . .

BESSEMENOV
O pisco é um passarinho estúpido.

PERTCHIKIN
Eu também sou estúpido.

TETERIEV
Apoiado.

AKOULINA (para Pertchikin)
Ah! você não passa de um nenenzinho.

PERTCHIKIN
Eu gosto de apanhar passarinhos ! Por acaso existe no mundo coisa mais linda que um passarinho cantador?

BESSEMENOV
Apanhar passarinhos é um pecado. Você sabe disso.

PERTCHIKIN
Sei. Mas, e se eu gosto? Só sei fazer isso. E na minha opinião, qualquer negócio fica santificado pelo amor. . .

BESSEMENOV
Qualquer?

PERTCHIKIN
Qualquer!

BESSEMENOV
E se alguém ama se apoderar da propriedade alheia!

PERTCHIKIN
Isso já não é um negócio, é um roubo!

BESSEMENOV
Hum . . Admitamos. . .

AKOULINA (bocejando)
Oh ! . . . oh ! . . oh ! . . . Como a gente se aborrece ! . . . todas as tardes. Se pelo menos o Sr. Terênti Khrisanfovitch quisesse pegar o violão e tocar um pouco pra nós. . .

TETERIEV *(tranqüilo)*
No meu contrato de aluguel de quarto, respeitável Akoulina Ivanovna, não consta o compromisso de cantar quando a senhora se aborrece. . .

AKOULINA (sem ter entendido)
Que foi que o senhor disse?

TETERIEV
O que a senhora ouviu!

BESSEMENOV *(espantado e* entediado)
Eu olho para você, Terênti Khrisanfovitch, e fico espantado! Você é um homem... desculpe a expressão completamente inútil . . não vale nada! Mas você tem um orgulho, uma altivez de grande senhor. De onde vem isso?

TETERIEV *(tranqüilo)*
É inato.

BESSEMENOV
Mas de que é que você tem tanto orgulho. me diga! . . . me explique, por favor. .

AKOULINA
Ele diz isso pra brincar com a gente. . . de que é que ele pode se orgulhar!

TATIANA
Mamãe!

AKOULINA

Ah. . . que é que tem! Que foi! *(Tatiana move a cabeça em sinal de reprovação.)* Eu disse outra vez alguma coisa de errado? Está bem, está bem, eu fico quieta. . . E que Deus abençoe meus filhos!

BESSEMENOV *(ofendido)*

Cuidado, mãe, cuidado! Mais precaução quando quiser exprimir um pensamento Estamos entre gente instruída, que pode criticar tudo do ponto de vista da ciência, com alta filosofia científica Enquanto que nós, nós somos gente velha, estúpida!

AKOULINA (pacificando)

Que é que você fazer? É claro, eles sabem coisas que nós não sabemos.

PERTCHIKIN

Irmão, você disse uma verdade, brincando você disse uma verdade!

BESSEMENOV

Eu não estava brincando.

PERTCHIKIN

Escreva, os velhos são uns estúpidos

BESSEMENOV

Basta olhar para você!

PERTCHIKIN

Ah, eu não conto. Eu só digo que se não houvesse velhos, não haveria estupidez no mundo. . . Velho pensa como pau verde queimando, mais fumaça do que fogo ! *(Pólia olha carinhosamente o pai e acaricia seu ombro.)*

TETERIEV

Aprovado.

BESSEMENOV

É, é assim mesmo. .. Vá! Continue mentindo! *(Piotr* e *Tatiana, parando de conversar, observam, sorrindo, a Pertchikin.)*

PERTCHIKIN *(cada vez mais animado)*

Os velhos são antes de mais nada uns cabeças duras . Peguem um velho, ele vê que está enganado, não entende nada . . mas admitir? Ah, não admite. Ah ! o orgulho! Eu vivi, ele diz; só de calça, só de calça eu já usei umas 40. . . e de repente eu não entendo mais nada, como e isso? E absurdo! E lá recomeça: sou velho, estou certo, tenho razão. . . mas onde a razão? Seu espírito está cansado enquanto que os jovens estão vivos, têm miolo.

BESSEMENOV *(grosseiramente)*

Êh, você passou dos limites ! Me diga uma coisa: se nós somos assim, tão estúpidos, então precisam nos ensinar a sermos mais inteligentes . . .

PERTCHIKIN

Pra quê’? Atirar contra o rochedo é gastar flecha!

BESSEMENOV

Me escute, não me interrompa! Sou mais velho que você. Me diga, por que essa gente de miolo, essa gente viva, fica nos cantos, se escondendo de nós, velhos, e lá dos cantos, covardemente, fica rindo de nós. Mas falar com a gente, não fala! Vá pensando nisso. Eu, por meu lado, vou pensar ! Mas sozinho, já que sou tão estúpido para a companhia de vocês! *(Empurra sua cadeira com grande barulho e, já na porta de seu quarto, diz)* Meus filhinhos cheios de ciência. . .

(Sai. Pausa.)

PERTCHIKIN *(a Piotr e Tatiana)*
Ah, criançada, por que vocês maltratam tanto o velho?. . .

PIOTR *(sorrindo)*
Mas foi você!

PERTCH1KIN
Eu! Eu nunca maltrato ninguém

AKOULINA
Ah, irmãozinhos! isso não fica bem aqui. . . por que maltrataram o velho? Anda todo descontente. . .e ele está velho, precisa tranqüilidade, devia ser tratado com respeito. . . É o pai de vocês. . . Eu vou atrás dele. Pólia, lava a louça, sim?

(Pólia lava a louça: Teteriev com os cotovelos na mesa fixa sobre ela um olhar pesado: Pertchikin se aproxima de Piotr e toma lugar à mesa, Tatiana sai lentamente para seu quarto.)

PÓLVI (a *Teteriev)*
Por que o senhor me olha desse jeito?

TETERIEV
Por olhar. . .

PERTCHIKIN
No que você está pensando, Piotr?
PIOTR
No lugar onde eu poderia sumir mais depressa.

PERTCHIKIN
Há muito tempo eu estou pra lhe fazer uma pergunta! Me explique, por favor, o que é uma canalização.

PIOTR
Por que você quer saber? E explicar isso de maneira que você entenda demora muito. . . É muito comprido, muito cansativo.

PERTCHIKIN
E você mesmo! Sabe o que é isso pelo menos?

PIOTR
Claro que sei!

PERTCHIKIN *(olhando desconfiado para Piotr)*
Hum. . .

PÓLIA
Como Nil Vassilievitch está demorando!

TETERIEV
Como você tem olhos bonitos!

PÓLIA
O senhor já disse isso ontem.

TETERIEV
E vou dizer de novo amanhã.

PÓLIA
Pra quê?

TETERIEV
Não sei . . . Talvez você pense que eu estou apaixonado por você. . .

PÓLIA
Deus me livre, não penso nada!

TETERIEV
Nada? Pensa, pode pensar.

PÓLIA
É. . . o quê?

TETERIEV
Vamos ver. . . por que eu vivo amolando você? Pense um pouco e depois venha falar comigo.

PÓLIA
Como o senhor é esquisito!

TETERIEV
Eu sei. . . você já me disse. E eu vou dizer de novo pra você. Vá embora daqui! Vá embora! Faz mal pra você viver nesta casa! Vá embora!

PIOTR
Vocês estão fazendo declaração de amor? Vocês querem que eu saia?

TETERIEV
Não, não precisa. Eu não considero você um ser dotado de vida!

PIOTR
Muito espirituoso

PÓLIA (para Teteriev)
Como o senhor é implicante!

(Teteriev vai para um lado e fica prestando atenção à conversa entre Piotr e Pertchikin. Tatiana sai do seu quarto agasalhada com um xale; se senta junto ao piano.)

TA TIA NA (enquanto mexe nas partituras)
Nil ainda não veio?

PÓLIA
Não. . .

PERTCHIKIN
A gente se aborrece por todo lado. . . Ah, Pétia! outro dia eu li no jornal que construíram na Inglaterra um navio voador! O barco parece um barco mesmo. mas, quando você está sentado nele, aperta um botão e zúuuum ! no mesmo instante se levanta como um passarinho, quase até às nuvens, e leva os homens não sei pra onde. Dizem que muitos ingleses desapareceram sem deixar um vestígio! É verdade, Pétia!

PIOTR
Besteiras.

PERTCHIKIN
Mas saiu no jornal.

PIOTR
Escrevem muita bobagem nos jornais.

PERTCHIKIN
Muita mesmo?

(Enquanto isto, Tatiana toca urna melodia triste.)

PIOTR
É, muita.

PERTCHIKIN
E por que é que vocês, jovens, olham a gente, homens já um pouco gastos, de cima a baixo? Vocês não querem nem falar com a gente . . . Isso não esta bem, não. . .

PIOTR
E daí?

PERTCHIKIN
E daí eu vou-me embora, estou aborrecendo você, Pólia, você vem logo pra casa?

POLIA
Logo que eu terminar a arrumação.

(Ela sai, *Teteriev segue-a com o olhar.)*

PERTCHIKIN
É, Pétia, você esqueceu do tempo em que a gente ia caçar passarinhos. Você gostava de mim, naquele tempo.

PIOTR
Agora também gosto .

PERTCFI IKIN
Sei, sei, mas não é como naquele tempo.

PIOTR
Naquele tempo eu adorava caramelo e rosquinha, agora não posso nem com o cheiro.

PERTCLIIKIN
É, eu entendo, Terênti. amigo velho, e se a gente fosse tomar uma cerveja?

TETERIEV
Não, eu não estou disposto.

PERTCHIKIN
Está bem, eu vou sozinho. Está bem. Lá no botequim há alegria, a gente se sente a vontade, mas, aqui, com vocês, a gente pode morrer de aborrecimento. Vocês não fazem nada, não tem vontade de fazer nada. Ah, tive uma idéia E se a gente jogasse uma partida de baralho, vamos, a gente faz uma parceria Estamos em quatro. *(Teteriev olha Pertchikin e sorri.)* Vocês não querem? Está bem, seja feita a vossa vontade: Então. . . até logo. . . *(Aproxima-se de Teteriev.)* Vamos?

TETERIEV
Não.

(Pertchikin sai, fazendo gesto de impotência com a mão. Alguns minutos de silêncio. Ouvem-se claramente as notas suaves da música que Tatiana está tocando. Piotr, recostado no sofá, presta atenção e assobia a melodia. Teteriev se levanta da cadeira e caminha pela sala. No vestíbulo, atras da porta, caí ao solo um objeto de ferro, um balde, ou a chaleira do samovar. Imediatamente se ouve a voz de Stepânida.)

STEPÂ NIDA
Onde *é* que o diabo o está levando?

TATIA NA (sem interromper a música)
Como Nil está demorando!

PIOTR
Não chega ninguém. . .

TATIANA
Está esperando Elena?

PIOTR
Qualquer pessoa.

TETERIEV
Ninguém vem mais até a casa de vocês. Ninguém vem porque não há nada pra arrancar de vocês!

PIOTR
Assim falou Terênti, a palavra de Deus

TETERIEV *(com insistência)*
Vocês viram esse insignificante bêbedo, esse pequeno e velho caçador de passarinhos, ele está

com o espírito vivo. Ao passo que vocês, que estão começando a viver agora, já estão quase mortos.

PIOTR
E você! Que opinião você tem de você mesmo?

TATIANA (levanta-se da cadeira)
Sosseguem, cavalheiros. Isso já aconteceu, tenho impressão de que vocês já discutiram antes sobre esse mesmo tema!

PIOTR
Eu aprecio muito o seu estilo, Terênti Khrisanfovitch, e gosto muito do seu papel de juiz de nós todos. Mas eu gostaria de saber por que e que o senhor está desempenhando esse papel?. . . O senhor diz sempre a mesma coisa, sempre falando como se estivesse nos rezando uma ladainha para o repouso de nossas almas.

TETERIEV
Não existem ladainhas assim.

PIOTR
Tanto faz ! Quer dizer que o senhor não gosta da gente?

TETERIEV
Em grau superlativo. . .

PIOTR
Obrigado pela franqueza. . .

(Entra Pólia.)

TETERIEV
Bom proveito *! (A Pólia,)* Venha participar da nossa festinha!

PÓLIA
Que é que você tem pra oferecer?

TATIANA
Insolências. . .

TETERIEV
Verdades. . .

PÓLIA
Eu queria ir ao teatro . . . Ninguém quer vir comigo?

TETERIEV
Eu vou.

PIOTR
Que é que estão levando hoje?

PÓLIA

A Segunda Juventude. . .[4] Vamos, Tatiana Vassilievna?

TA TIANA

Não. . . Não sei se nesta temporada eu vou ao teatro, não. Estou farta!. . . Me deixam enfurecida, irritada, todos esses dramas com armas disparando, gritos, soluços. . . (Teteriev *golpeia o piano; pela sala ressoa um som denso e triste.)* Tudo isso é mentira. A vida quebra os homens, sem barulho, sem gritos, sem soluços, sem ninguém perceber. . .

PIOTR

Eles representam dramas sobre os sofrimentos do amor, mas ninguém enxerga os dramas que explodem na alma do homem que se encontra no conflito entre "querer" e "dever".

(Teteriev, sorrindo, continua golpeando as teclas mais graves do piano.)

PÓLIA (sorrindo, toda confusa)

Eu não, eu gosto de ir ao teatro . . . Sou louca pelo teatro! Há, por exemplo, Dom César Bazan, um nobre espanhol! . . Como trabalha bem! Um herói de verdade. . .

TETERIEV

Eu me pareço com ele?

PÓLIA

O senhor? Nem de longe!

TETERIEV *(rindo)*

Que pena!.

TATIANA

Quando um ator entra no palco e faz uma declaração de amor, eu escuto e fico furiosa . . . Não é assim que isso acontece na vida real!

PÓLIA

Bom, então eu vou . . . Terênti Khrisanfovitch, o senhor vem comigo?

TETERIEV *(pára de golpear as teclas do* piano)

Não. . .Não vou com você. Já que você não acha parecido com um nobre espanhol. . .

(Pólia sai, rindo.)

PIOTR

O que é que ela vê num nobre espanhol?

TETERIEV

Um homem sadio. . .

TATIANA

Aparece bem vestido. . .

TETERIEV

E é uma pessoa alegre. . . Uma pessoa alegre é sempre uma pessoa boa. . . Os canalhas poucas vezes são alegres.

PIOTR

Se se for ver as coisas assim, Terênti, você é o maior canalha do mundo. . .

TETERIEV *(recomeça a golpear as ice/as do piano, tirando sons pastosos, não muito altos)*

Eu sou um bêbedo, nada mais. Vocês sabem por que na nossa Rússia há tantos bêbedos? Porque ser bêbedo aqui é muito cômodo. Gostam dos bêbedos aqui. Um inovador, um homem de idéias, corajoso, todos detestam; mas a um bêbedo, não; um bêbedo é sempre querido. Porque sempre é muito mais cômodo gostar da insignificância, das porcarias, do que das coisas grandes e boas. . .

PIOTR *(andando pela sala)*

Na Rússia, na nossa Rússia. . . como isso soa falso! Acaso a Rússia é nossa? É minha? É sua? Que negocio e esse de "nós"? Quem somos "nós"?

TETERIEV *(cantarolando)*
"Sornos pássaros livres. . ." 5

TATIANA

Terênti Klhrisanfovitch, por favor, deixe o piano em paz; isso está ficando fúnebre demais!

TETERIEV *(continuando)*

Estou acompanhando o humor reinante

(Tatiana sai da sala para o vestíbulo.)

PIOTR *(pensativo)*

É. . . é isso mesmo, pare com isso. . . Isso está me dando nos nervos. . . Quando um francês ou um inglês diz: França ! Inglaterra !. . . Ele sente, nessas palavras, alguma coisa de real, palpitante pra ele. . . Eu digo: Rússia, e sinto que isso é um som completamente vazio pra mim. Eu não sou capaz de colocar nessa palavra qualquer conteúdo. *(Silêncio. Teteriev continua batendo no teclado.)* A gente usa uma porção de palavras simplesmente por costume, sem pensar no que está escondido atras delas. . . A vida. . . minha vida. . . essas palavras estão cheias de que? . . .*(Cala-se, e continua caminhando pela sala. Teteriev, golpeando as teclas e enchendo a sala de sons queixosos, com um sorriso como que petrificado em sua face, observa Piotr.)* Foi o diabo que me levou a tomar parte naquelas estúpidas manifestações estudantis! Eu tinha entrado na universidade pra estudar, e estava estudando . . . Você quer parar de tocar, por favor?. . . No fundo, eu não sentia que nenhum regime ia me impedir de estudar direito romano. . . Não, não sentia! Estou falando com toda sinceridade, não sentia! Fingi que senti, mas foi por puro coleguismo!. . . Resultado, dois anos da minha vida jogados no lixo ! É, foi uma violência, uma violência contra mim! Não é verdade? Eu pensava: termino meus estudos, vou ser advogado, vou trabalhar. . . Vou ler, observar. . . vou viver!

TETERIEV *(ironicarnente)*

"Para o consolo dos pais e para o proveito da Igreja e da Pátria". . .6 no papel submisso de servo da sociedade. . .

PIOTR

Sociedade! Se há coisa que eu detesto é isso ! É a "sociedade" que fica constantemente impondo as suas exigências aos indivíduos, mas impedindo que eles se desenvolvam, sem obstáculos. . . O homem é antes de tudo um cidadão, isso me gritava a "sociedade" pela boca dos meus companheiros. Eu também sou um cidadão ! Que vão para o diabo ! Eu não quero . . . eu não sou obrigado a me submeter às exigências da sociedade. Eu sou um indivíduo ! . . . E um indivíduo e

livre. . . Você quer parar com o diabo desse piano? Você quer me escutar?

TETERILV
Mas eu estou acompanhando você, pequeno burguês. . . ex-cidadão de meia hora.

(No vestíbulo, se ouve um ruído vindo detrás da porta.)

PIOTR *(irritado)*
Você quer parar com esse deboche.

(Teteriev, olhando Piotr, continua a provocação tocando o piano; entram Nil, Elena, Chichkin, Tzvetáieva e, atrás deles, Tatiana.)

ELENA
Que significam esses sons fúnebres? Salve, resmungão! Salve, promotor! Que é que vocês estavam fazendo aqui?

PIOTR
Besteiras . . .

TETERIEV
Rezava a oração dos agonizantes em intenção de homem prematuramente morto. . .

NIL *(a Teteriev)*
Escute, quero fazer-lhe um pedido.
(Sussurra algo no ouvido de Teteriev. Este move a cabeça afirmativamente.)

TZVETÄIEVA
Ah, gente, como foi interessante o ensaio!

ELENA
Ah, promotor, se você soubesse com que fúria o tenente Bikov estava me cortejando!

CHICHKIN
O Bikov é um bezerrinho ! 7

PIOTR
Por que você pensa que eu me interesso em saber quem e como estava cortejando você?

ELENA
Ih, você está de mau humor?

TZVETÁIEVA
Piotr Vassilievitch está sempre de mau humor!

CHICHKIN
É estado habitual dele!. . .

ELENA
Tanietchka,[8] você também, como sempre, triste como uma noite de setembro?

TATIANA

É, como sempre.

ELENA
E eu estou muito alegre! Ah, meus amigos, me digam: por que é que eu vivo sempre alegre?

NIL
Bom, eu me recuso a responder, porque eu também estou sempre alegre!

TZVETÁIEVA
E eu também.

CHICHKIN
Bom, eu, nem sempre, mas. . .

TATIANA
Constantemente. . .

ELENA
Tanietchka, você fazendo gracinhas! Que bom! Eh, resmungão. Me responda: por que eu estou tão alegre?

TETERIEV
A leviandade encarnada. . .

ELENA
Como? Como é que você disse? Eu vou te lembrar isso quando você estiver se declarando. . .

TETERIEV
Me perdoe, mas por acaso eu sou obrigado a me declarar *à* senhora?. . .

ELENA
É claro, homem atrevido, monstro sombrio. . . É claro. . .

TETERIEV
Obedeço. Isso não é difícil pra mim. Uma vez eu me apaixonei ao mesmo tempo por duas virgens e uma mulher casada.

ELENA
E o que é que deu?

TETERIEV
Nada!

NIL
Eu gostaria de comer alguma coisa!. . . Vou ter que fazer um serão. . .

TZVETÁIEVA
A noite toda! . . . Coitadinho!. ..

NIL
Vinte e quatro horas seguidas. . . O que não vai me impedir de cumprimentar a Stepânida na cozinha.

TATIANA
Eu vou falar com ela.

(Sai com Nil.)

ELENA (a *meia voz, apontando* a *Piotr)*
Que é que há com ele?

(Teteriev ri, ambos conversam em voz baixa.)

CHICHKIN (a *Piotr)*
Escute, você não pode me emprestar um rublo por uns três dias? Sabe, o meu sapato está furado. . .

PIOTR
Tome. . . e já são sete. . .
CHICHKIN
Eu não esqueço, não. . .

TZVETAIEVA
Piotr Vassiliev, por que você não participa do nosso espetáculo?

PIOTR
Eu não sei representar. . .

CHICHKIN
E por acaso nos sabemos?. . .

TZVETAIEVA
Aparece pelo menos num ensaio. Os soldadinhos são muito interessantes. Há um deles, o Tchirkov, que é tão engraçado! Ingênuo, bom, ri tão carinhoso. . . Fica todo confuso. . . Não entende nada. . .

PIOTR *(vigiando Elena)*
Ah, vocês estão cansados de saber que eu me entendo muito pouco com essa gente "interessante" que não entende nada.. . .

CHICHKIN
Mas a companhia não é só o Tchirkov!

PIOTR
Bom, eu imagino que deve haver um batalhão de Tchirkovs. . .

TZVETAIEVA
Como é que você pode dizer uma coisa dessas? Você quer saber de uma coisa? Eu não o compreendo. O que *é* que você tem?. . . É aristocratismo, é?. . .

TETERIEV *(de repente falando em voz alta)*
Não sei ter pena. . .

ELENA
Psss . . .

PIOTR

Como consta, eu sou um pequeno burguês. . .

CHICHKIN

Muito mais incompreensível a sua atitude com as pessoas simples. . .

TETERIEV

Ninguém nunca teve pena de mim. . .

ELENA (em meia voz)

Por acaso você não sabe que e preciso pagar o mal com o bem?

TETERIEV

Eu não tenho dinheiro grande, nem moedinhas . . .

ELENA

Por favor, fala mais baixo. . .

PIOTR *(prestando atenção na conversa entre Elena e Teteriev)*

Eu não consigo entender em nome de que vocês estão brincando de ser simpáticos com gente simples. . .

TZVETÁIEVA

Não estamos brincando, nós repartimos com eles tudo o que possuímos. . .

CHICHKIN

E não é só isso, não . . . Simplesmente, nós temos prazer em estar ao lado deles... Eles não são artificiais . . . Entre eles se respira alguma coisa de puro. . Saudável. . . E acho que não pode fazer mal aos pedantes e eruditos, como nós, nos refrescarmos um pouco.

PIOTR *(insistente, mas com irritação simulada)*

Simplesmente, vocês gostam de viver de ilusões. . .Vocês procuram os soldados com intenções muito secretas, muito engraçadas . . . Isso é ridículo . . . Vocês me perdoem a franqueza. mas refrescar-se entre os soldados é, com o perdão da palavra. . .

TZVETÁIEVA

Não é só entre os soldados, não. Você não sabia que nós também organizamos espetáculos no depósito dos ferroviários ?

PIOTR

Dá na mesma. Chamar esse vaivém de uma "causa viva". . . Vocês estão convencidos que contribuem para o desenvolvimento da consciência política. . . Aí está a ilusão! Amanhã vem um oficial, um chefe qualquer, dá um belo murraço na tal consciência e lá se vai por água abaixo todo o trabalhinho de vocês. . .Se vocês aproveitassem esse tempo . . .

TZVETÁIEVA

É irritante ficar escutando essas suas divagações!

CHICHKIN *(lúgubre)*

É. . . Não é a primeira vez que eu ouço isso, e cada vez eu gosto menos. Qualquer dia desses nós vamos ter uma conversa mais detalhada com você, para encerrar esse assunto uma vez por todas.

PIOTR *(fria e preguiçosamente)*
Temo e anseio por esse duelo!. . .

ELENA (ardentemente, dando um grito)
Por que é que você toma esses ares? Por que, Piotr, você quer sempre passar por mau?

TZVETÁIEVA
Ora, para se fazer de interessante. Claro . . . Todos os homens gostam de se fazer de interessantes na presença das mulheres . . . Um faz papel de pessimista, outro de Mefistófeles [9] . . . E não passam de uns bobos. . .

TETERIEV
Breve, claro e exato!. . .

TZVETÁIEVA
E você, que é que está imaginando? Preciso agradecer por causa disso? . . . Eu conheço vocês muito bem. . .

TETERIEV
Nesse caso, a senhora sabe mais do que eu. E, certamente, a senhora terá resposta para a seguinte pergunta; deve-se pagar o bem com o mal ? Ou, em outras palavras, chega ao cúmulo de imaginar que o bem e omal são equivalentes?

PIOTR
Ih, já estão chegando os paradoxos. ..

CHICHKIN
Espera, não atrapalha Isso é muito interessante A mim, senhores, me agrada escutar Teteriev. Seja como for ele está sempre pronto a meter um espinho no cérebro de alguém . . .Porque, na verdade, em todos nós as idéias são vulgares, gastas, como as antigas moedinhas de cobre. . .

PIOTR
É muita bondade de sua parte estender suas qualidades aos outros. . .

CHICHKIN
Vamos, vamos . . .É preciso dizer a verdade. Inclusive nas coisas pequenas, e preciso sempre ser verdadeiro. Eu confesso: nunca pronunciei em toda a minha vida uma única palavra original. . .

TETERIEV
Você acaba de pronunciar uma!

CHICHKIN
Verdade? Você não esta mentindo? O que foi?

TETERIEV
Você pronunciou uma, sim. . .

CHICHKIN
Saiu sem querer . . .

TETERIEV

Não se pode ser original de propósito . . Já tentei muitas vezes. . .

ELENA
Mas fale, ó carrasco, fale sobre o bem e o mal!

CHICHKIN
Vamos, dê início à sua ária filosófica!

TETERIEV *(colocando-se em posição)*
Veneráveis bípedes Quando dizeis que o mal se paga com o bem, vós vos enganais. O mal é uma qualidade que vos é inata. E por isso de pouco valor. O bem, vós inventastes e pagastes terrivelmente caro. E em virtude disso o bem é uma coisa valiosíssima, rara. Conclusão: colocar num mesmo plano o bem e o mal é inconveniente e inútil. E eu, em verdade, em verdade vos digo: Pagai o bem com o bem somente! E nunca além do recebido, que é para não estimular no homem a tendência à usura. Porque o homem é ávido! Tendo recebido uma vez além do que lhe é devido, da próxima vai querer receber ainda mais. Mas não lhe pagueis menos do que lhe é devido. Porque, se o enganais uma vez, o homem é rancoroso: ele dirá de vós: são uns falidos! E deixará de respeitar-vos. E da próxima vez não será mais o "bem" que ele vos fará. Ele se contentará, simplesmente, em vos dar uma esmola. Irmãos! Não há nada mais triste sobre a terra, nem mais repugnante, do que um homem dando uma esmola ao seu próximo. Pagai o bem estritamente com o bem. Quanto ao mal, pagai cem vezes mais. Sede pródigos ao retribuir ao próximo pelo mal que ele vos ocasionou. Se quando pedirdes um pão vos derem uma pedra, descarregai sobre sua cabeça uma montanha! *(Começa em tom de brincadeira, mas passa a um tom sério; termina seu discurso vigorosamente, com convicção. Um minuto de silêncio geral. Todos estão confusos, tendo percebido, nas palavras de Teteriev, alguma coisa de grave, profundo, sincero.)*
ELENA
Os homens devem ter feito você sofrer muito!

TETERIEV *(mostrando os dentes)*
Mas isso me proporcionou a alegre esperança de que, com o correr do tempo, eu vou fazer a eles muito mal ainda. . . E eles a mim. . .

(Nil entra com um pedaço de pão numa mão e um prato de sopa na outra. Quando fala, cuida para não derramar a sopa. Tatiana o segue.)

NIL
Tudo isso é filosofia! Você tem o mau costume de fazer filosofia com qualquer ninharia. Se está chovendo, filosofia. . . dói o dedo, filosofia . . . cheira queimado, filosofia . . . E quando eu ouço filosofar sobre essas besteiras, começo a pensar, sem querer, que a alfabetização não é assim tão útil a todos, não. . .

TATIANA
Como você é grosseiro, Nil. . .

NIL *(senta a mesa, come)*
Que grosseiro coisa nenhuma! Se você se aborrece com a vida, arranje um trabalho. Quem trabalha não tem tempo de se aborrecer! A casa lhe faz mal? Lhe pesa? Vá embora, lecionar nas fazendas, viva lá. . . Ou então, vá para Moscou, estudar. . .

ELENAI
Isso, isso mesmo. Dê uma lição nela. E arrase com esse aqui também! *(Aponta Teteriev)*

NIL *(olhando de lado)*
Você também! Está treinando para ser um Heráclito, 10 é?

TETERIEV
Me chame de Swift, 11 se não houver problema. . .

NIL
É muita honra. . .

PIOTR
É! Honra demais. . .

TETERIEV
Para mim será agradável!
TZVETÁIEVA
Que guloso!

NIL *(olhando para o prato de comida)*
Não se aborreça. . . Me diga . . . A Pólia onde é que está?. . . Quer dizer. . . aonde é que ela foi?

TATIANA
Ao teatro. Por quê?

NIL
Não, nada. . . não. . .perguntei por perguntar. . .

TATIANA
Você está precisando dela?

NIL
Não, não preciso não. . . Quer dizer, não agora. . . mas, quer dizer, bom, de uma maneira geral. . . é. .. preciso, sim. .. Ah! diabo, me atrapalhei todo. . .

(Todos sorriem, menos Tatiana.)

TATIANA (insistente)
Por que ? Pra que que você precisa dela?

(Nil continua comendo, sem responder.)

ELENA (rapidamente, a Tatiana)
Por que é que ele estava lhe passando um sermão? Venha , diga!

TZVETÁIEVA
É, é interessante isso. . .

CHICHKIN
Eu também acho . . . eu gosto dos seus sermões, Nil Vassilievitch!

PIOTR
Eu gosto de ver como ele come. . .

NIL
Ah, eu faço tudo muito bem. . .

ELENA
Vamos, Tatiana, fale!
TA TIA NA
Não tenho vontade!

TZVETÁIEVA
Ela nunca tem vontade de nada!

TATIANA
Que é que você sabe? Pode ser que eu tenha muita vontade de morrer.

TZVETÁIEVA
Que horror, Tânia!

ELENA
Brrr! Eu não gosto de ouvir falar na morte . . .

NIL
O que é que uma pessoa pode dizer da morte, antes de estar moribunda?

TETERIEV
Aí está, é um verdadeiro filosofo!

ELENA
Vimos para minha casa, pessoal! Esta na hora. O samovar deve estar pronto há um tempão.

CHICHKIN
Uma xícara de chá! Acho que não vai fazer mal, pode ser até que acabe com esta chateação. Será que a gente pede esperar esse milagre do chá?

ELENA
Lógico. . .

CHICHKIN *(assinalando Nil)*
Eu olho para ele e fico com inveja. . .

NIL
Não fique com inveja não, já comi tudo! Eu também vou com vocês. Tenho mais uma hora de folga. . .

TATIANA
Seria melhor você descansar um pouco antes do seu serão.

NIL
Não. . .
ELENA
Piotr Vassilievitch, você vem?

PIOTR
Se você me permite.

ELENA
Permito com todo prazer. . . seu braço. . .

TZVETÁIEVA
Dois a dois. . . Nil Vassilievitch você vem comigo. . .

CHICHKIN *(a Tatiana)*
Isso quer dizer que você vem comigo. . .

TETERIEV
Dizem que no mundo existem mais mulheres do que homens. Apesar disso já vivi em muitas cidades, e sempre, em todas elas, me faltava uma dama. . .

ELENA (rindo, dirige-se até a porta e canta)
‘‘Allons, enfants de la patrie. . .”11

CHICHKIN *(empurrando Piotr pelo ombro)*
Vamos, anda mais depressa, filho da pátria!. . .

(Vão-se ruidosamente, com cantos e risadas. A sala fica vazia por alguns segundos. Logo, a porta do quarto dos velhos se abre, e sai Akoulina resmungando e bocejando. Ela apaga as lâmpadas. Ouve-se a voz do velho lendo os salmos no seu quarto. No escuro, tropeçando nas cadeiras, a velha retorna a seu quarto.)

Fim do primeiro ato

ATO II

A mesma sala. Meio-dia. Outono. Junto à mesa , sentado, o velho Bessemenov. Tatiana caminha a passos leves, indo e vindo pela sala. Piotr olha pela janela, parado junto ao biombo.

BESSEMENOV
Já faz mais de uma hora que eu estou falando, meus filhos queridos, mas, ao que parece, não encontro palavras que possam tocar o coração de vocês. . . um me ouve dando as costas, e a outra não pára de andar, vai e vem como uma gralha na gaiola. . .

TATIA NA
Está bem, papai, vou me sentar.

(Senta.)

PIOTR *(voltando-se para o pai)*
Afinal, o senhor quer dizer o que quer de nós?

BESSEMENOV
Quero compreender que espécie de gente são vocês. Quero saber que classe de homem você é!

PIOTR
Eu respondo. . . O senhor sai vai me compreender. O senhor vai ver. Deixe que eu termine meus estudos.

BESSEMENOV
É. . . é. . . estudos. Estuda, então! Mas você não estuda. . . você vive na vagabundagem. Você aprendeu a desprezar tudo que e dotado de vida. Mas agir, que é bom, isso você não aprendeu. Suspenderam-no da universidade. Você pensa que foi um a injustiça? Erro seu. Um estudante é um aluno, não é a palmatória do mundo. Se cada frangote de vinte anos quisesse instalar um novo regime, então seria a confusão completa. . . E um homem de negócios não teria lugar sobre a Terra. Primeiro estude, aprenda, seja mestre no seu ramo. . .você vai discutir...Mas, agora , qualquer um tem o direito de arrasar seus argumentos com um "cale a boca" . Não digo isso por mal. Afinal, você é meu filho, sangue do meu sangue, etc. A Nil eu não digo isso, apesar de ser o meu filho adotivo . . . Mas não é meu sangue, é sangue alheio. Eu sei que ele vai acabar se tornando um patife, ou um ator . . . ou qualquer cosa parecida . . . pode ser até mesmo que acabe virando socialista! Tanto melhor! Ele vai ter o que merece.
AKOULINA (olhando para a sala, pela porta, com voz lastimosa)
Pai, não está na hora de almoçar, não?

BESSEMENOV *(com severidade)*
Suma daqui Não se meta onde não é chamada! *(Akoulina desaparece atrás da porta. Tatiana olha o pai com reprovação; levanta-se e caminha pela sala.)* Está vendo, sua mãe sempre com medo que eu ofenda vocês. Eu não quero ofender ninguém, eu mesmo é que fico ofendido por vocês! Amargamente ofendido. Na minha própria casa, ando com as pontas dos pés, como se caminhasse sobre cacos de vidro. Até meus amigos mais íntimos não me visitam mais. "Você tem filhos instruídos, nós somos gente simples, eles vão rir de nós. E o pior é que eles têm razão. Vocês já fizeram isso, não foi uma vez. . . enquanto eu morria de vergonha. Todos os meus amigos me abandonam como se ter filhos instruídos fosse uma peste. Você não prestam a mínima atenção a seu pai. . . nunca me falam com carinho. .. nunca dizem em que estão pensando. . .nunca contam o que querem fazer na vida. . . Sou um estranho para vocês. Mas, eu gosto de vocês. Vocês compreendem o que quer dizer amor? Piotr. . . suspenderam você. . . isso me dói, me deixa envergonhado diante das pessoas!. . . Tatiana encalhada aí. Que é que Tatiana tem de diferente das que se casam? E tem muita coisa mais! Tenho uma vontade louca de ver você, Piotr, como homem, não como eterno estudante. . . Veja só o filho do Filipe Nazarov: acabou os estudos, casou, recebeu um bom dote, ganha quase dois mil rublos por ano, vai ser vereador na Câmara. . .

PIOTR
Não se incomode, pai. Eu também vou me casar.

BESSEMENOV
Sim, você seria capaz. sim! Amanhã mesmo. Mas com quem? Com essa desavergonhada. Uma

viúva. ainda por cima.

PIOTR
O senhor não tem direito nenhum de tratá-la assim.

BESSEMENOV
Assim como? De viúva ou de desavergonhada?

TATIANA
Papai, por favor. . . deixa isso de lado. . . Piotr, vá embora. . . ou fique quieto! Você não está vendo? Eu estou quieta. . .Escutem: eu não entendo nada. Pai, quando o senhor fala, eu sei, sinto que você fala a verdade! Sinto mesmo! Mas o caso é que sua verdade nada tem a ver conosco. . . Nem comigo, nem com ele . . . Entendeu? Nós temos a nossa verdade. Não fique chocado. Existem duas verdades, papai!

BESSEMENOV *(levantando-se de um salto)*
Mentira! Existe somente uma verdade, a minha verdade ! Qual é a verdade de vocês? Onde está? Me mostrem!

PIOTR
Não grite, pai. É, você tem razão. Mas a sua razão, a sua verdade, é estreita demais para nós. Nós crescemos e ela ficou como uma roupa apertada, nos sufoca. Nós nos sentimos mal. Os princípios em que você viveu e norteou sua vida não tem mais nada a ver conosco.

BESSEMENOV
Sim, vocês, vocês. Claro, vocês são gente instruída e eu sou um imbecil, um... mas vocês não. . .

TATIANA
Não é isso, papai, não é assim. . .

BESSEMENOV
Não, é isso mesmo! Vocês fazem o que bem entendem. O dia inteiro fazem barulho, o dia inteiro recebem visitas! À noite, é impossível dormir. E você, diante de meus olhos, fica com coisas aí com a inquilina de cima. . . E você sempre aborrecida. E eu e sua mãe nos enfiamos num canto. . .

AKOULINA (irrompendo no aposento, grita lamuriosamente)
Queridinhos, pois eu . . .minha filhinha! por acaso me queixo de alguma coisa? Eu, eu fico no meu canto. Só que não briguem mais. Não atormentem um ao outro, meus queridos!

BESSEMENOV *(puxando-a com a mão e repelindo-a com a outra)*
Fora daqui, velha. . . Eles não precisam de você. Eles não precisam de nós dois. Eles são inteligentes! E nós somos estranhos para eles.

TATIANA (gemendo)
Que suplício, que suplício!

PUITR *(pálido, completamente desesperado)*
Pai, compreenda. . . isso é tão idiota, tão irracional, tão bobo. De repente, sem o menor motivo. . .

BESSEMENOV
De repente? Mentira. Não foi de repente. Há anos que isso está supurando meu coração como um abscesso. . .

AKOULINA

Pétia, concorde com seu pai, não discuta. Tânia, tenha piedade do seu pai.

BESSEMENOV

Chega. Idiota é você! É horrível ! e não idiota. De repente. . . os pais vivem com os filhos e de repente, duas verdades. Vocês são umas feras.

TATIANA

Piotr, vá embora! Acalme-se, pai. . . Vamos, eu peço. . .

BESSEMENOV

Gente sem coração ! Nós estamos incomodando vocês. . . De que é que vocês se orgulham? O que é que vocês fizeram? Mas nós, sim, nós temos vivido. . . Temos trabalhado. . . construímos casas para vocês. . .temos até mesmo pecado para vocês. . . Tudo para vocês!

PIOTR *(grita)*

E por acaso eu pedi para que o senhor fizesse tudo isso?

AKOULINA

Piotr, pelo amor de Deus!. . .

TATIANA

Pétia, vá embora daqui!. . . Não aguento mais. . .*(Completamente extenuada, deixa-se cair numa cadeira.)*

BESSEMENOV

Ah ! . . Estão fugindo da verdade, como o diabo foge da cruz. . . É que vocês não têm a consciência tranqüila. . .

NIL *(abrindo de par em par* as *portas que dão para o vestíbulo, detém-se no umbral. Vem do trabalho, tem o rosto e as mãos pretas, por causa da fuligem. Usa jaqueta curta, brilhante de graxa, cinto de correia, botas grandes, sujas, que lhe chegam até os joelhos. Estende o braço e fala)*

Rápido, me dê uma moeda de vinte copeques para pagar o cocheiro. *(Sua aparição repentina e sua voz tranqüila interrompe, de repente, o ruído da sala, de modo que todos ficam em silêncio, olhando-o, imóveis. Ele notou a impressão produzida e percebendo de que se trata, diz, num sorriso de compaixão* e *dor)* A batalha recomeçou?

BESSEMENOV *(grita grosseiramente))*

Eh! Você, anticristo! Onde *é* que você pensa que está?

NIL

O quê? Onde é que estou?

BESSEMENOV

Esse gorro! Tire esse gorro!

AKOULINA

O que é que você pensa? Você vai entrando assim, sem mais nem menos, todo sujo. . . Você não tem vergonha?

NIL
Estou esperando os vinte copeques.

PIOTR *(dá o dinheiro e diz em voz baixa)*
Toma o dinheiro. . . e volta logo. . .

NIL *(com um sorriso)*
Pra socorrer, é?. . .É difícil !. . .Mas espere, eu já venho. . .

BESSEMENOV
Vocês estão vendo? Esse aí também. . .Sempre aos trambolhões. Andou por aí ouvindo coisas. . .E não respeita mais nada no mundo.

AKOULINA (procurando imitar o tom do marido)
É isso mesmo; Tânia, vá pra cozinha. Diga a Stepânida que nós queremos jantar...
(Tatiana sai.)

BESSEMENOV *(sorrindo sobriamente)*
E Piotr, pra onde é que você vai mandar Piotr? Ah, você velha bruxa. . . como você *é* burra. . . Compreende, eu não sou nenhuma fera, eu temo por eles. . .grito de dor, não de cólera. . . E por que é que você afasta os meus filhos de mim?

AKOULINA
Eu sei, pai. Meus queridinhos. . . Eu sei tudo, mas tenho pena deles. Nós dois, eu e você, somos velhos, pra nós tudo está acabado. Mas eles têm a vida inteira diante deles Eles já vão ter que sofrer tanto dos outros.

PIOTR
É, pai. O senhor se aborrece à toa, está imaginando coisas!

BESSEMENOV
Eu tenho medo . . Nossa época é terrível. Está tudo se quebrando, estalando, tudo em desordem, tudo se mudando. Essa vida deixa a gente fora de si. Temo por vocês. E se acontece alguma coisa com você? Quem vai nos sustentar na velhice? Você é o nosso único apoio. Olhe o Nil. Veja como ele é! E esse outro pau d'água, o Teteriev, também. Largue essa gente. Eles não gostam de nós. Cuidado!

PIOTR
Ora, vamos, não vai acontecer nada, papai. Daqui a pouco eu faço a petição.

AKOULINA
Isso, Pétia, faça a petição. Mas faça logo, para acalmar seu pai.

BESSEMENOV
Quando você fala assim, fica mais razoável, mais sério; aí eu tenho fé em você, Pétia. Eu fico acreditando que você não vai viver pior que eu. Mas, às vezes. . .

PIOTR
Bem, vamos deixar isso de lado, sim?

AKOULINA

Meus filhinhos!

BESSEMENOV
E Tatiana então. Ah, por que ela não larga essa escola? O que ganha com isso? Só cansaço, mais nada.

PIOTR
É, ela devia descansar.

AKOULINA
Ah! Se devia.

NIL *(entra já sem roupa exterior, com uma blusa azul, mas ainda sem se ter lavado)*
Vamos jantar logo, hein? *(Piotr, ao vê-lo, saí para o vestíbulo.)*

BESSEMENOV
Você podia lavar a cara antes de pedir comida.

NIL
Minha cara é pequena e não me custa lavar, mas estou com uma fome de lobo... Chuva, vento, um frio dos diabos, uma locomotiva velha. . .Esta noite eu me esgotei. Não tinha mais força. Seria bom obrigar o chefe a fazer uma viagenzinha como essa, com um tempo desses, numa locomotiva daquelas!

BESSEMENOV
Conversa, sempre conversa. Pelo que vejo, já começa com insolência sobre o chefe. Cuidado, que isso pode acabar mal.

NIL
Os chefes não vão acabar mal.

AKOULINA
Não é deles que o pai está falando. Mas de você!

NIL
Ah, de mim. . .

BESSEMENOV
É, de você.

NIL
Ah. . .

BESSEMENOV
Você está ficando muito presunçoso.

NIL
Há muito tempo?

BESSEMENOV
E não se atreva a falar comigo nesta língua.

NIL

Mas eu só tenho essa. *(Mostrando a língua)* E é com ela que eu falo a todos.

AKOULINA (juntando as mãos com assombro)

Ah, sem vergonha . . . Para quem é que você está mostrando a língua?

BESSEMENOV

Espera, mãe, espera . . . *(Akoulina sai, meneando a cabeça.)* Eh, você, seu inteligente! Quero falar com você!

NIL

Depois do jantar?

BESSEMENOV

Agora.

NIL

É melhor depois do jantar. Eu estou com muita fome, estou cansado, senti muito frio. . .O senhor me faz esse favor, depois do jantar está bem? E, além disso, o que que o senhor quer falar comigo! Eu sei que o senhor vai me insultar... Para mim, isso é muito aborrecido. . . Seria melhor que o senhor dissesse diretamente . . que não pode me agüentar . . e que eu. . .

BESSEMENOV

Vá para o diabo!

(Sai batendo a porta com violência)

NIL

Vou, sim! O diabo é melhor companhia que o senhor. . .

(Começa a andar pela sala, cantarolando.)

TATIANA

Vocês estavam se insultando de novo, é? Você não pode imaginar . . .

NIL

Eu imagino perfeitamente. . . Estávamos representando uma cena dramática da comédia intitulada *Chove-não-molha*. . .

TATIANA

É muito cômodo falar desse jeito . . . Você fica de fora. . .

NIL

Eu sei me afastar dessas confusões. E logo vou me afastar definitivamente . . . Vou pedir minha transferência para a secção de montagem . . . para o depósito de locomotivas. . . Estou farto de viajar de noite em trem de carga. Se pelo menos fosse um trem de passageiros, um expresso . . . Fiuuu!. . . Cortando o ar, voando a todo vapor . . . Eu gosto é de estar no meio das pessoas. . .

TATIANA

Mas você foge das pessoas!

NIL

É, é verdade. Me desculpe a franqueza, eu tenho razões para fugir. Eu gosto de barulho, de trabalho, de gente simples, alegre. Mas vocês, vocês vivem, por acaso? Vocês ficam rastejando, não sei por que motivo. Estão sempre prontos a chorar, a gemer, a se queixar. . . De quem? por que? pra que? É completamente incompreensível!

TATIANA

Você não compreende?

NIL

Não. Quando um homem não se sente bem deitado de um lado, se vira pro outro! Mas quando ele não se sente bem na vida, só se lamenta! Vamos, faça um esforço pra virar de lado!

TATIANA

Sabe, uma vez um filósofo disse que só os imbecis acham a vida simples!

NIL

Os filósofos entendem muito de bobagens. . . Mas eu também não me considero dotado de nenhuma luz especial! Só acho que viver entre vocês é profundamente cansativo. Acho que é porque vocês gostam de se lamentar de tudo e de todos. Se lamentar pra quê? Quem é que vai ajudar vocês? Ninguém. . . Ninguém vai estender uma mão de auxílio pra vocês. E, também não sei se vale a pena!

TATIANA

De onde você tirou tanta secura, Nil?

NIL

Ah! você chama isso de secura!

TATIANA

É maldade mesmo. Eu acho que você está contagiado pelo Teteriev que, não sei por que, odeia todo mundo.

NIL *(sorrindo)*

Vamos, nem todos

TATIANA

e agradável falar com você, você é um homem Ido aberto S() que você não tem consideração.

NIL

Com quem?

TATIANA

Com as pessoas. Comigo, por exemplo. . .

NIL

Hum. . . pode ser, mas não com todo o mundo.

TATIANA

É, comigo. . .

NIL

Com você. *(Ficam ambos calados, Nil olha as suas botas. Tatiana o encara como se esperasse algo.)*
Olhe. . . sabe, você. . . quer dizer, eu e você . . *(Tatiana faz um* gesto *em sua direção sem que* ele note.)
Eu a respeito muito, eu gosto de você . . . só que não gosto que você seja professora . . . pra quê? Você não gosta disso, isso a cansa, a irrita. . . Mas é uma profissão de uma importância enorme. É preciso dar valor as crianças. Qualquer coisa na vida, é preciso amar para se fazer bem . . . Sabe, eu gosto de trabalhar na forja. Diante da gente há uma massa vermelha, sem forma, ardente, má!. . . Golpear com o martelo é um gozo. Ela cospe fogo. Como se quisesse queimar meus olhos. . . me cegar, me expulsar. Ela é viva, elástica . . . Mas com a força dos braços você faz dela o que quer!

TATIANA
Para isso é preciso ser forte. . . Escute, Nil,. Você não sente piedade nunca ?

NIL
De quem?

ELENA (entrando)
Vocês já almoçaram? Não? Então vamos pra minha casa, por favor. Eu fiz um pastel. Onde é que esta o promotor? Fiz um pastel glorioso!. . .

NIL *(aproxima-se de Elena)*
Eu vou ! Acho que vou comer inteiro esse pastel glorioso. Estou morrendo de fome. E aqui eles me matam de fome mesmo ! Devem ter-se aborrecido comigo por algum motivo.. . .

ELENA
Certamente pela sua língua. . .Vamos, Tânia.

TATIANA
Vou avisar mamãe *(Sai.)*

NIL
Como é que você soube que eu mostrei a língua pro velho?

ELENA
Que? Eu não sei nada. . . de que se trata?

NIL
Bem, eu também não vou contar nada. . . Me fale do seu pastel glorioso!

ELENA
Ah!. . . Foi um preso, condenado por assassinato, que me ensinou a fazer. Meu marido deixava-o ajudar na cozinha. Era tão miserável . . .

NIL
Seu marido?

ELENA
Meu caro senhor, meu marido tinha um metro e cinqüenta de altura. . .

NIL
Era tão baixo assim? . .

ELENA
Pss!. . . E tinha uns bigodes assim ! *(Indica com os dedos o tamanho dos bigodes.)* Cada um de um metro e meio!

NIL
É a primeira vez que eu ouço medir as qualidades de uma pessoa em metros. . .

ELENA
Ele não tinha outras qualidades. . .

NIL
Ah, isso é triste ! . . . Me fale do seu pastel . . .

ELENA
O presidiário era cozinheiro . . . tinha matado a mulher. . . Mas eu gostava muito dele. Ele tinha matado assim, não sei. . .

NIL
Ah ! assim, sem mais nem menos. . .Entendo !. . .

ELENA
Vá embora! não quero mais falar com você! *(Tatiana aparece na porta, está olhando-os. Da outra porta sai Piotr.)* Promotor, pra minha casa, já. Vamos comer um pastel. . .

PIOTR
Com todo prazer!

NIL
O paizinho hoje lhe pregou um sermão...

PIOTR
Vamos, deixe. . .

NIL
E eu estou admirado: como é que você vai pra casa dela sem pedir permissão?. .

PIOTR *(olhando para a porta do quarto dos velhos)* Bem, se se tem que ir, então vamos!

TATIANA
Não, eu vou em seguida.

(Nil, Piotr e Elena saem. Tatiana vai *para seu quarto. Nesse momento ouve-se, do quarto dos velhos, a voz de .Akoulina Ivanovna.)*

AKOULINA
Tânia!. . .

TATIANA (pára, encolhe os ombros com impaciência)
O que e que há?

AKOULINA (da porta)

Venha cá ! *(Quase sussurrando)* O Pétia foi outra vez para o apartamento daquela. . .

TATIANA
Foi . . . e eu também vou .

AKOULINA
Ah, que desgraça! Ela vai acabar virando a cabeça do coitado do Pétia. Já estou pressentindo. . . Era bom você falar com ele: "Irmãozinho, afaste-se dela. Ela não é pra você." Você devia falar com ele! E o dinheiro! Somando tudo, a pensão do marido, ela não tem mais de três mil rublos!

TATIANA
Mamãe ! Deixe disso! Elena não tem o mínimo interesse por ele, nem sabe que ele existe. . .

AKOULINA
Ela finge que não liga! De propósito! De propósito! . . . Não liga. . . Não liga como? Ela está de olho nele, como gato no rato. . .
TATIANA
E eu com isso? Que me importa? Vá falar com ele a senhora mesmo. Me deixe em paz ! Tente compreender, eu estou cansada!

AKOULINA
Mas eu não lhe pedi para falar com ele agora. Vá deitar e descanse!

TATIANA (quase gritando)
Será que eu não tenho sossego? Não tenho lugar pra descansar! Estou cansada pra sempre! Pra sempre! Você compreende? Pra toda a vida ! . . . Cansada de vocês, de tudo!

(Vai *rapidamente para o vestíbulo.*
Akoulina faz um movimento em sua direção, como a desejar retê-la. Mas, juntando ruidosamente as mãos, fica no mesmo lugar, perplexa, com a boca aberta.)

BESSEMENOV *(aparecendo na porta)*
Briga de novo?

AKOULINA
Não. . nada. . . . Não foi nada. . .

BESSEMENOV
Como não foi nada? Ela fez malcriação pra você?

AKOULINA
Não, nada... Eu falei: "está na hora do almoço", e ela me disse: "não quero almoçar". Então eu falei: "como é que você não quer almoçar?. . . e ela. . .

BESSEMENOV
Você esta mentindo, mãe. . .

AKOULINA
Palavra de honra!

BESSEMENOV
Por que é que você mente por causa deles? Olhe bem nos meu olhos; ah, você não consegue *!*

(Akoulina está diante do marido, cabisbaixa e quieta; ele também guarda silêncio, acariciando a barba, pensativo. Logo, suspira e fala) Afinal de contas, foi bem inútil criar uma barreira de instrução entre nos e eles. . .

AKOULINA
Deixe, pai. Hoje em dia os que não têm instrução também não são grande coisa..
BESSEMENOV
Nunca se deve dar aos filhos mais do que se teve. . . E o mais triste é que eu não vejo neles nenhum caráter, nada de sólido. Todo homem deve possuir alguma coisa de sólido, alguma coisa bem dele. Mas eles são como se não tivessem cara . . Veja Nil! É um atrevido, um bandido. Mas é um homem . . . Tem uma cara. . . É perigoso! Mas a gente pode compreendê-lo . . . Ah . . quando eu era moço gostava de cantar na igreja e gostava de colher cogumelos. E Piotr, de que é que ele gosta?

AKOULINA (timidamente, com um suspiro)
Ele foi para o apartamento da inquilina. . .

BESSEMENOV
Aí está . . Mas eu vou dar um jeito nela . Ponho-a daqui pra fora! *(Entra Teteriev, sonolento e mais sombrio do que nunca. Traz uma garrafa de vodca e um copo.)* Terênti Krisanfovitch, você andou bebendo . . . Por que razão?

TETERIEV
Sem razão . . .Vamos almoçar . . .

AKOULINA
Vou arrumar a mesa. *(Começa os preparativos.)*

BESSEMENOV
Terênti Krisanfovitch! Você é um homem inteligente. . . Mas a vodca o está destruindo.

TETERIEV
Respeitável burguês, você está mentindo O que esta acabando comigo sou eu mesmo. . . É a minha força. . . O meu excesso de força, é isso que está me destruindo. . .

BESSEMENOV
Ora, a força nunca existe em excesso

TETERIEV
Você esta mentindo de novo! Atualmente, a força não é necessária. É preciso ser ágil, flexível, astucioso *(Mostra o punho.)* Olhe, se eu dou um soco na mesa, posso partir a mesa em pedaços. Mas com braços como esse não há nada a fazer na vida. Posso rachar lenha, mas vai ser difícil, e até mesmo ridículo, por exemplo, escrever. . . Não tenho onde empregar a minha força. É verdade que eu podia encontrar um emprego de acordo com a minha capacidade, mas numa tenda de feira, rompendo correntes de ferro, levantando pesos, etc. Mas eu estudei . . . aprendi!. . .Estudei tão bem que fui expulso do seminário. Estudei e não quero viver com ostentação; não quero chegar a esta tenda de feira, onde você iria me olhar e me gozar tranqüilamente. Eu gostaria de ser olhado por todos com inquietude. . .

BESSEMENOV
Você é mau. . .

TETERIEV

Os animais do meu tamanho geralmente não são maus. Você não entende nada de zoologia. A natureza é sábia. Porque, se além de forte eu fosse mau, como é que você ia fugir de mim?

BESSEMENOV
Não sei por que razão eu iria fugir. Eu estou na minha casa.

AKOULINA
Devia parar de falar um pouco, paizinho. . .

TETERIEV
É verdade. Você está em sua casa, toda a sua vida é essa casa, essas paredes, e é precisamente por isso que aqui não é lugar para mim, senhor pequeno-burguês.

BESSEMENOV
Você vive sem rumo, não se sabe pra quê. . . Mas se você quisesse. . .

TETERIEV
Não quero querer, me dá nojo! Acho mais moral, no meu caso, me embebedar e apodrecer, do que viver e trabalhar para você. Será que você, pequeno-burguês, pode me imaginar sóbrio, todo engomado, e falando consigo com a submissão de um dos seus empregados? Não, você não pode imaginar isso! *(Pólia entra; ao ver Teteriev, tem um movimento de recuo; este,* ao *notá-la, sorri largamente, cumprimenta com a cabeça, estende-lhe a mão, dizendo)* Bom dia, não tenha medo! Eu não digo mais nada para você, já sei de tudo!

PÓLIA (confusa)
O quê? O senhor não sabe de nada!

AKOULINA
Ah, você veio? Vá dizer a Stepânida pra servir a sopa, vamos. . .

BESSEMENOV *(a Teteriev)*
Eu gosto de ouvi-lo raciocinar, sobretudo quando se trata da sua própria pessoa. Isso lhe fica bem. Quando a gente olha pra você, você mete medo. Mas quando você começa a exprimir os seus pensamentos, a gente sente onde você é fraco. . *(Ele ri docemente satisfeito.)*

TETERIEV
Você também me agrada. Porque você é inteligente dentro de medidas, estúpido dentro de medidas, bom dentro de medidas, mau dentro de medidas, honesto e canalha dentro de medidas, covarde e corajoso . . .
Você é um pequeno burguês exemplar. Você encarna muito bem a mesquinharia consumada, esta força que derrota até os heróis. .. e que vive e triunfa. Bem, vamos beber antes da sopa, respeitável toupeira?

BESSEMENOV
Vamos, quando trouxerem a sopa! Mas, pra que xingar? Não é preciso ferir as pessoas sem motivo. É preciso raciocinar e discutir direito, com calma, para que a gente tenha prazer em ouvir você. . .

NIL *(entrando)*
Pólia já chegou?

AKOULINA
E o que é que você quer com ela?

NIL *(sem responder a Akoulina, dirigindo-se a Teteriev)*
Você está alto outra vez?

TETERIEV
É melho beber vodca do que sangue humano. . . Além do mais, o sangue humano anda muito diluído e insípido. Sobrou muito pouco do sangue jovem, foi tudo chupado.

(Entram Pólia e Stepânida, com a sopeira. Pólia traz uma travessa cheia de carne.)

NIL *(aproxima-se dela)*
E a resposta?

PÓLIA (baixo)
Mas não agora. . . Não na frente de todo o mundo. . .

NIL
Que é que tem? Do que é que você tem medo?

BESSEMENOV
Quem tem medo de quem? Do que é que estão falando?
NIL
Eu. . . e ela. . . .

AKOULINA
O quê? O que é que esta acontecendo?

BESSEMENOV
Eu não estou entendendo nada.

TETERIEV *(sorrindo)*
Pois eu entendo muito bem *! (Serve-se de vodca e bebe.)*

BESSEMONOV
De que se trata? O que é que você tem, Pelagéia? [13]

PÓLIA (confusa, em voz baixa)
Nada.

NIL *(tomando assento junto a mesa)*
É um segredo.

BESSEMENOV
Se é segredo, não fale diante dos outros. Vocês zombam do mundo inteiro. Sinais . . .reticências . . . conspirações. . . e a gente fica como idiota, de boca aberta, sem entender nada. Eu lhe pergunto. . . quem sou eu para você?

NIL *(tranqüilamente)*
O senhor é o meu pai adotivo. . . Mas não precisa ficar zangado, criar problemas . . . não

aconteceu nada de mais.

PÓLIA (levantando-se da cadeira em que acabara de sentar-se)
Nu Vassilievitch . . .me disse . . . ontem à noite. . . me perguntou. . .

BESSEMENOV
Perguntou o que?

NIL *(tranqüilo)*
Pólia, você não tem por que se assustar! Eu perguntei se ela queria se casar comigo . . . *(Bessemenov olha surpreendido para ele e Pólia, com a colher no ar.*
Akoulina também fica petrificada no seu lugar. Teteriev pestaneja pesadamente; sua mão, que esta sobre o joelho, treme. Pólia baixa a cabeça. Nil continua.) E ela ficou de dar a resposta hoje, foi só isso.

TETERIEV *(fazendo um gesto de desespero com a mão)*
É muito simples, nada mais. . .

BESSEMENOV
Muito bem! Realmente! É muito simples, muito moderno! Última moda!

AKOULINA
Você. . . Você é um anticristo! Anticristo malcriado, cabeça dura! Você devia ter pedido consentimento.

NIL
Pra que que eu fui falar. . .

BESSEMENOV
Deixa, mãezinha, não é de nossa conta. Coma e fique quieta. Eu também não digo mais nada.

TETERIEV *(Já meio bêbedo)*
Mas eu vou falar. . . Não, é melhor ficar quieto.

BESSEMENOV
Sim, é melhor que todos fiquem quietos . . Mas você. Nu, você retribui muito mal a comida que eu lhe dou!

NIL
Sua comida? A sua comida eu paguei com o meu trabalho. E vou continuar pagando, mas não vou me submeter a sua vontade. O senhor quis me casar com aquela boba, com a Sédova, pela simples razão de que ela tinha dez mil rublos de dote. Pra que que eu ia querer ela? Eu amo a Pólia . . . Faz muito tempo e nunca escondi isso de ninguém. Sempre vivi sem segredos e vou continuar vivendo assim. Não tenho nada de que me arrepender nem o senhor o que me censurar.

BESSEMENOV *(contendo*-se)
Pois não! Muito bem. . . Bem. . . Case-se. . . Não somos nós que vamos impedir. Mas com que capital vocês vão viver? Se não é segredo, eu gostaria de saber.

NIL
Vamos trabalhar. Eu vou passar para o depósito de locomotivas, e ela, ela também terá trabalho. E

eu continuarei a pagar os trinta rublos mensais para o senhor.

BESSEMENOV
Veremos . . .Promessas não custam nada. . .

NIL
Se o senhor quiser, eu assino uma letra.

TETERIEV
Vá, pequeno- burguês, não perca a oportunidade, aceite a letra.

BESSEMENOV
Ninguém pediu para o senhor se meter nesse negócio.

AKOUL1NA
Paizinho, acho melhor falar com o advogado.

TETERIEV
Não, você não pode perder a oportunidade. Aceite a letra, o que é que o impede? A consciência? Nil, dê um documento por escrito: "Eu, fulano de tal, me comprometo mensalmente. . ."

BESSEMENOV
Eu, se quiser, tenho todo o direito de pedir um documento. Desde dez anos dei de comer, de beber, de vestir e de calçar. . .

NIL
Não seria melhor ajustar as contas mais tarde?

BESSEMENOV *(calmo)*
Também se pode fazer isso depois ! *(Enfurecendo-se repentinamente)* Mas, tome nota. . . de agora em diante você e eu somos inimigos! Nunca mais perdôo essa ofensa! Não posso, tome nota!

NIL
Mas qual é a ofensa? Não vai me dizer que esperava que eu me casasse com o senhor!

BESSEMENOV *(grita sem escutar)*
Tome nota! Você, zombando de quem lhe deu de comer, de beber! Sem pedir conselho! Escondido ! E você, humildezinha? Santinha! Que é que está de cabeça baixa? Não diz mais nada? Saiba que eu posso. . .

NIL *(levantando-se com ela)*
O senhor não pode nada. Chega de barulho. Nessa casa também sou o dono, trabalhei aqui dez anos, entreguei todo o meu salário. Aqui, aqui! *(Dá um forte golpe no chão com o pé e mostra em torno de si.)* Aqui há muita coisa minha. 0 dono é quem trabalha!
(Durante o discurso de Nil, Pólia se levanta e se retira; na porta encontra Piotr e Tânia. .Aquele, depois de lançar um olhar ao interior da sala, desaparece. Tatiana fica na porta.)

BESSEMENOV *(atônito, abre desmesuradamente os olhos, olhando Nil)*
Como . . . você, o dono? Você?

AKOULINA
Vamos embora, paizinho ! Vamos! . . . Por piedade *(Ameaçando Nil com o punho)* Ah! Nil, você vai

ver. . .

NIL *(insistentemente)*
É isso mesmo, o dono é quem trabalha ! Meta isso na cabeça!

AKOULINA (arrastando o marido atrás de si)
Vamos, meu velho, vamos. Que Deus os perdoe, não fale nada, não grite, não . . quem vai ouvir a gente?. . .

BESSEMENOV *(cedendo aos esforços da mulher)*
Pois bem, fique aqui . . . dono ! Vamos ver quem e o dono. Vamos ver!

(Retira-se para seu quarto. Nil anda pela sala muito agitado. Na rua, ouve-se um realejo.)
NIL
Que confusão! Porque eu tinha que tocar nesse assunto agora! Vamos, não estou em condições de ocultar nada. . . Não consigo me controlar. . . Ah! você. . .

TETERIEV
Não foi nada. Foi até uma cena bem interessante. Eu estava escutando e contemplando com muito prazer. Nada mal, nada mal. . . Não fique nervoso, irmão. Você tem capacidade para desempenhar o papel de herói ! Hoje, nós temos necessidade de heróis. Hoje, os homens estão divididos em heróis, isto é, imbecis, e em canalhas, isto é, pessoas inteligentes. . .

(Tatiana ainda na porta; os sons do realejo cessaram)

NIL
Por que que eu fui fazer Pólia passar por isso?. . . Ela se assustou. . . Pode ser que tenha se ofendido. . .

(Tatiana se detém na porta; ao ouvir o nome de Pólia faz um movimento.)

TITERIEV
É muito cômodo dividir os homens em imbecis e canalhas. Destes existem milhões e milhões! Irmão, eles vivem com a inteligência animal e se acreditam na verdade da força bruta. . .Não na minha, na que esta encerrada neste peito e neste braço, mas sim, na força da astúcia. . . A astúcia é a inteligência da fera.

NIL *(sem escutá-lo)*
Agora nos vamos ter que antecipar e acelerar o casa mento . . .E ela ainda não me deu resposta. Eu sei o que ela sai dizer. . . minha menininha . . .Como eu odeio essa casa. . . Todos aqui são uns aleijados, nenhum deles sente que a vida está podre por causa deles mesmos. Eles fazem da vida um exílio, uma catástrofe. Como conseguem isso? Não compreendo. Mas eu detesto gente que degrada a vida. *(Tatiana dá um passo para a frente e se detém; vai na ponta dos pés até o baú e se senta nele, parecendo mais pequena e mais digna de pena.)* Mas com Pólia vou ter uma vida esplêndida! Nós, juntos, vamos ter coragem!

TETERIEV
São os imbecis que adoram a vida. Eles são poucos. São eles que estão sempre buscando alguma coisa que não é necessário nem pra eles mesmos. Eles gostam de idealizar projetos de felicidade coletiva e outros disparates do gênero. Querem encontrar o princípio e o fim de tudo que existe. E, em geral, só fazem besteiras.

NIL *(pensativo)*

É, besteira! Sou mestre nisso . . .Mas ela está mais acordada que eu . . . Ela também ama a vida. . . com um amor imenso, tranqüilo . . . Com a Pólia vou ter uma vida esplêndida. Nós somos valentes. . . e quando desejamos alguma coisa, nós conseguimos. . . Sim, nós dois vamos conseguir! . . . Ela parece . . . uma recém-nascida . . . *(Rindo)* Vamos ser felizes. . .

TETERIEV

Um imbecil pode passar a vida pensando por que o vidro é transparente. enquanto que o canalha pega o vidro e faz uma garrafa. . .

(Novamente ouve-se o realejo, já perto, quase debaixo da janela.)

NIL

Você sempre pensando em garrafa. . .

TETERIEV

Não, estou pensando nos imbecis Aliás, os dois são imbecis. Mas um é imbecil de um modo heróico, enquanto que o outro é estupidamente limitado, miserável! E os dois chegam, por caminhos diferentes, ao mesmo lugar: ao túmulo. Unicamente ao túmulo, meu amigo!

(Ri os gargalhadas. Nil balança a cabeça muito quieto.)

NIL *(a Teteriev)*

O que é que você tem?

TETERIEV

Estou rindo. . . o imbecil contempla contempla o cadáver do amigo morto e pergunta: "Onde é que ele está agora?" Ao passo que o canalha herda os bens do finado e passa o resto da vida confortavelmente!

(Ri às gargalhadas.)

NIL

Parece que você bebeu pra valer mesmo. . . Quer que eu leve você para sua casa?

TETERIEV

Levar, pra onde?

NIL

Vamos, não se faça de idiota,. eu levo você, quer?

TETERIEV

A mim, irmão, é que você não vai levar. Não tenho parentesco de sangue com o acusado, nem com a vítima. Eu sou a prova palpável e evidente do crime. A vida está perdida. Está mal talhada. Não é para a estatura dos homens de força. Isso é o que eu digo. Os pequenos burgueses encolheram, encurtaram, reduziram tudo. . . e eu sou a prova material de que o homem não tem onde, nem com que, nem pra que viver.

NIL

Bem, vai. . .

TETERIEV

Deixe-me, você pensa que eu vou cair? Já estou no chão, cretino! Há muito tempo. Além disso, já tinha pensado em levantar, mas você passou de lado e sem perceber me deu um empurrão. Eu não me queixo, não. Vá, você é um homem sadio que pode ir para onde quiser. Mas eu não. Eu acompanho você do chão! Eu o encorajo com o olhar! Vá, ande!

NIL
De que é que você está falando? Você disse algumas coisas interessantes. . . mas nem tudo eu entendi. . .

TETERIEV
Não, não, nem tente entender, não é preciso. . . Há coisas que é melhor não compreender, porque são inúteis. Vá embora, ande!

NIL
Pois bem, eu vou.

(Sai para o vestíbulo sem Ter notado a presença de Tatiana, que se havia escondido num canto.)

TETERIEV *(inclinando-se atrá s dele, como que cumprimentando)*
Desejo-lhe toda a felicidade possível, saqueador ! Sem saber, você me arrancou a última parcela de esperança. . . E que o diabo o carregue com ela! *(Vai a mesa onde havia deixado a garrafa, percebe Tatiana no canto da sala)* Quem é que está aí?

TATIANA (baixo)
Sou eu . . *(Os sons do realejo param de repente.)*

TETERIEV
Hum. . . você?. . . Imaginei que. . .

TATIANA
Não! sou eu. . .

TETERIEV
Compreendo . . . Mas, por que você? O que é que você faz aqui?

TATIANA (baixo, mas com clareza e precisão)
Porque eu não tenho nem onde, nem com que, nem pra que viver. . .*(Teteriev se aproxima dela com passos tranqüilos e em silêncio.)* E eu não sei por que estou tão cansada, por que sinto tanta angústia. . . você compreende?. . . Uma angústia que quase chega ao horror!. . . Tenho só vinte e oito anos e tenho vergonha . . . vergonha de me sentir tão fraca. . . tão inexistente. Dentro de mim, está tudo vazio. . . Tudo secou, ardeu, ardeu como fogo; eu sinto, eu sinto isso e isso me dói. Foi acontecendo pouco a pouco, sem eu perceber . . . foi crescendo... um vazio! Mas por que é que eu estou lhe dizendo tudo isso?

TETERIEV
Não entendo. . . estou muito, muito bêbado. . . Não entendo nada, nada. . .

TATIANA
Ninguém me fala como eu quero . . como eu desejaria. . .Eu tinha esperança que ele começasse a falar . Esperava muito tempo, em silêncio. Mas essa vida. . . essas brigas, essa mesquinharia. . . essa vulgaridade tudo me esmagou. Calmamente. Insensivelmente. Me esmagou. E eu não tenho mais forças pra viver. E, ainda por cima, meu

desespero é impotente. . . Estou começando a sentir o horror! De repente. . . neste momento. . . eu sinto o horror. . .

ETERIEV *(balançando a cabeça, afasta-se dela e dirige-*se *para a porta, abrindo-a)*

Que essa casa seja amaldiçoada para todo o sempre, nada mais! *(Tatiana vai lentamente para seu quarto. Um segundo de tranquilidade e silêncio na sala. Entra rapidamente Pólia, com passos que mal se ouvem. Em seguida vem Nil, sem dizer palavra; vão até a janela, onde Nil, tomando Pólia nos braços, fala a meia voz.)*

NIL

Me desculpe, tudo aconteceu do contrário do que eu esperava, mas eu não sei ficar quieto, quando eu tenho que falar!

PÓLIA (quase sussurrando)

Tanto faz. . . tanto faz . . . Que *é* que eles são pra mim? Tanto faz. . .

NIL

Eu sei que você me ama, eu vejo. . . já nem pergunto mais. Como você é engraçada! Ontem você me disse: "eu respondo amanhã, preciso pensar. . ." Pra que pensar?. . . Você me ama!

PÓLIA

Ah, claro, claro. . . faz tanto tempo! *(Tatiana, voltando quarto,* se *esconde atrás da cortina e escuta.)*

NIL

Nós vamos viver muito bem, você vai ver. Você é uma boa companheira. Você não tem medo da pobreza. . .

PÓLIA

Com você. . . de que é que eu vou ter medo? E depois, eu também não sou medrosa. . . Nem quando estou só. . . eu sou é quieta. . .

NIL

Não, é muito mais! você e obstinada, forte!. . .Eu estou contente! Eu sabia que isso ia acabar assim. Mas eu estou contente!

PÓLIA

Eu também já sabia isso. . .

NIL

Você também já sabia?. . . Ah, como é bom viver na Terra . . Não é que é bom viver?

PÓLIA

É, meu amigo querido!. . . meu homem bom!. . .

NIL

Como você diz isso bem!. . .

PÓLIA

Bem. Mas não fique me elogiando. Não precisa. Eu preciso ir embora. . . eu preciso ir embora. . .

se alguém chega.. . .

NIL
Ora, que chegue. . .

PÓLIA
Não vi tua mãe. . . eu preciso. . . me beija outra vez. *(Escapando dos braços de Nil, passa correndo em frente de Tatiana, sem percebê-la. Nil, seguindo-a com um largo sorriso no rosto, vê Tatiana e se detém na sua frente. Surpreendido com a sua presença, e ao revoltado. Ela também fica em silêncio, olhando-o com um sorriso turvo que lhe desfigura o rosto.)*

NIL *(com desprezo)*
Então você estava ouvindo escondida?. . . Você estava espionando? . . .*(Sai rapidamente. Tatiana fica imóvel, como que petrificada. Ao sair, Nil deixou a porta aberta. Chega à sala um grito do velho Bessemenov: "*Stepânida, quem foi que esparramou o carvão? Você por acaso não enxerga? Vamos, recolha!". . .O

ATO III

Mesmo cenário. É de manhã. Stepânida espana os móveis.

AKOULINA (lavando as xícaras de chá)
Stepânida, a carne de hoje não está muito gorda. Você faz o seguinte: deve ter sobrado gordura do assado de ontem. Ponha na sopa, assim ela vai ficar parecendo mais gorda. Esta ouvindo?
STEPÂNIDA
Estou.

AKOULINA
E, quando você fizer o assado de vitela, não vá entupir de manteiga. Quarta-feira comprei cinco libras, e quando fui ver, ontem, não havia mais nada.

STEPÂNIDA
Isso quer dizer que a manteiga foi usada.

AKOULINA
Claro. . . olhe só quanta no seu cabelo.

STEPÂNIDA
Será que pelo cheiro a senhora não percebe que é óleo de lamparina?

AKOULINA
Bom. . . está bem *(Silêncio)* Aonde foi que a Tânia a mandou hoje de manhã?

STEPÂNIDA
À farmácia, comprar amoníaco. "Vá", me disse ela, "vá lá e me compre vinte copetes de amoníaco".

AKOULINA

Ela deve estar com dor de cabeça. *(Suspirando)* Vira e mexe, fica doente. . .

STEPÂNIDA

A senhora devia casá-la. Ficaria boa num instante. . . Garanto!

AKOULINA

Pensa que é fácil casar uma moça hoje em dia? Anda mais uma moça preparada...

STEPÂNIDA

Com um bom dote, sempre aparece alguém que aceite. Mesmo ela sendo preparada. . .

(Piotr aparece na porta de seu quarto.)

AKOULINA

É, mas essa felicidade meus olhos não vão ver. . . Tânia não quer casar. . .

STEPÂNIDA

Como, não quer? Na idade dela, não quer?

AKOULINA

Pois é. . . Quem foi que visitou a nossa inquilina ontem à noite?

STEPÂNIDA

O professor, aquele de cabelo de fogo. . .

AKOULINA

Ah, aquele que a mulher dele fugiu?

STEPÂNIDA

É.ele mesmo. E estava também aquele fiscal, aquele amarelento, magricela. .

AKOULINA

Ah, sei, aquele cuja mulher é sobrinha do comerciante Pimenov. Dizem que é tuberculoso. . .

STEPÂNIDA

A gente olha e vê na cara.

AKOULINA

E o nosso cantor, também estava lá?

STEPÂNIDA

É, o cantor também estava lá. E Piotr Vassilievitch também. O cantor berrava. Cada musica. . . Mugia que nem um boi.

AKOULINA

A que horas que o Pétia voItou?

STEPÂNIDA

Quando abri a porta para ele, o dia estava clareando!

AKOULINA
Ai, ai, ai !. . .

PIOTR *(entrando)*
Vamos, Stepânida, faça depressa o seu trabalho e vá embora.

STEPÂNIDA
Já vou, já vou. Eu também estou com pressa. . .
PIOTR
Nesse caso, trabalhe mais e fale menos. *(Stepânida sai.)* Mamãe, quantas vezes eu já pedi para a senhora não ficar de conversa com ela. A senhora compreende, não fica bem essas conversas íntimas com uma cozinheira. A senhora não vai aprender nada.

AKOULINA
E com você, o que é que vamos aprender? Se você não honra nem o pai nem a mãe com a sua palavra, então deixe-me ao menos trocar algumas palavras com a empregada. . .

PIOTR
Mas a senhora não compreende que ela não é igual a nós . . . O que é que ela pode dizer de interessante. . .

AKOULINA
E você, o que diz de interessante ?. . . Faz seis meses que você voltou de Moscou e anda não contou pra sua mãe como é, como não é. . .

PIOTR
Mas, escute, mamãe.

AKOULINA
Quando fala comigo é só pra criticar; isso não se faz, aquilo esta errado . . Como se a mãe fosse uma boba, repreendendo como se ela fosse uma menina . . . *(Piotr faz gesto de indiferença e sai rapidamente pela porta principal.)* Olha só como conversou comigo *! (Enxuga os olhos com a ponta do avental)*

RTCHIKIN *(entra com as roupas rasgadas e sujas, usa uma corda no lugar do cinto. Sapatos de cortiça, arrebentados, traz um gorro de peles na cabeça)*
Que cara de poucos amigos! É por causa do Pétia. Ele passou por mim voando, nem me cumprimentou . . . A Pólia está aqui?

AKOULINA (suspirando)
Está na cozinha, picando couve.

PERTCHIKIN
Aí está! Os passarinhos têm uma excelente organização. Mal aparecem as penas, saem voando pelos quatro cantos! Nem pai nem mãe seguram mais. . . Não sobrou um chazinho pra mim?

AKOULINA
Eh, você só fala em passarinho: até parece que é um deles!
PERTCHIKIN
Isso mesmo. . . e vivo muito bem. Não tenho nada, não incomodo ninguém, é como se eu vivesse

não na terra mas no ar. ..

AKOULINA (superior)
Só que ninguém o respeita. Tome, beba! O chá está um pouco frio, está meio aguado. . .

RTCHIKIN *(pegando o copo de chá e examinando)*
Hum. . . Está bem aguado. . .mas o copo está cheio. Se fosse mais forte a gente podia ficar atolado nele, não é? E essa história de respeito, eu peço, por favor: não me respeitem, que eu não respeito ninguém!

AKOULINA
E quem é que precisa do seu respeito? Ninguém.

PERTCHIKIN
Então, está ótimo. . .Nessa terra, os homens tiram o pão, uns da boca dos outros. Eu não, eu pego o pão diretamente do ar. . . Me alimento das aves que voam no céu.

AKOULINA
E esse tal do casamento, é pra logo?

PERTCHIKIN
Casamento de quem?

AKOULINA
Da sua filha, ora. Olhe só, ele se faz de inocente!

PERTCHIKIN
Da minha filha? Pois, quando ela quiser, eu a caso. . . quando houver com quem...

AKOULINA
Deixe de brincadeiras! Essa história já vem de muito tempo?

PERTCHIKIN
Que história?

AKOULINA
Do casamento. . .

PERTCHIKIN
Que casamento?

AKOULINA
Mas não tem vergonha, um velho como você se fazendo de idiota?

PERTCHIKIN
Que é isso, mãezinha, não fique zangada. . . me diga do que se trata. ..

AKOULINA
Não vale a pena falar com você . . .

PERTCHIKIN

Mas, assim mesmo, está falando . . Falando o tempo todo. . . E todo o sem razão. . .

AKOULINA (seca e invejosa)
Quando e que você vai casar Pelagéia com Nil?

PERTCHIKIN *(levantando-se de um salto, completamente surpreendido)*
Com Nil?

AKOULINA
Então você não sabia de nada mesmo. Ah, essa juventude de hoje . . . ao seu próprio pai. . .

PERTCHIKIN *(feliz)*
Verdade? Você não está brincando? Ah, peste! com Nil!. . . É verdade? . . Ah, diabo! Ah, essa Pólia! Verdade? Você não esta mentindo? Essa é boa! E eu que sempre pensei que Nil ia se casar com Tatiana. Palavra de honra. Parecia que ia ser com Tatiana.

AKOULINA (ofendida)
E quem é que ia querer casar Tatiana com ele? Deus me livre! Um moço briguento. . .

PERTCHIKIN
Você esta falando de Nil? Vamos. Se eu tivesse dez filhas dava todas as dez pra ele, de olhos fechados. . . Nil é capaz de sustentar cem pessoas ao mesmo tempo!... Nil!. . . ah, ah, ah. . .

AKOULINA (irônica)
Estou vendo que belo sogro ele vai Ter, muito agradável. . .

PERTCHIKIN
Sogro, eu? Um sogro que não vai montar no lombo de ninguém . . . Ah, dá tempo até de dançar *a Kamarínskaia.* 15 Agora eu sou um homem livre. . . Agora vou começar a viver . . .Ninguém vai me ver mais por aqui. Direto pro mato e acabou-se Pertchikin!. . . Ah, Pólia eu pensava: *é* minha filha, como é que ela vai viver? . . . Eu tinha mesmo vergonha na frente dela. Eu dei a vida pra ela, mas que mais eu dei . . . E agora. . . agora . . . Agora vou pra onde eu quero! vou até o fim do mundo caçar o pássaro de fogo! E acabou-se Pertchikin!

AKOULINA
Você não vai, não.. Ninguém foge da felicidade. . .

PERTCHIKIN
Felicidade? Pra mim a felicidade é justamente ir . . . E Pólia será feliz sim, vai ser muito feliz. . . claro. . . com Nil?. . .Que sorte que eu tenho?! *(Cantando* e *dançando)* "Minha Pólia, o NiI caçou. . .Vejam como trabalhou!. . ."

BESSEMENOV *(entrando com o chapéu na mão)*
Outra vez bêbedo?

PERTCHIKIN
Sim, bêbedo de alegria! Você já sabe? Pelagéia, hein (Ri *gostoso.)* Ela vai se casar com o Nil? Hein? Hein?

BESSEMENOV *(fria e asperamente)*
Não temos nada com isso. O que é nosso nós vamos cobrar.

PERTCHIKIN
É que eu pensei sempre que o Nil ia se casar com a Tatiana!

BESSEMENOV
O quê?

PERTCHIKIN
Palavra de honra! Via-se bem. . . Ela não desgostava dele, não. . . Olhava pra ele de um jeito . . .E você sabe. . . De repente. . .

BESSEMENOV *(tranqüilo e mau)*
Ouça o que eu tenho a dizer, "meu amigo"! Apesar de você ser um imbecil, devia saber que não é permitido falar de uma moça com essas palavras. Isso em primeiro lugar! *(Levantando aos poucos a voz)* Em segundo lugar,. não quero saber de sua filha, não quero saber pra quem é que ela olha e nem quem olha pra ela. Nem que espécie de moça ela é! Só uma coisa: se ela se casar com Nil é bem feito. Porque os dois não valem nada. Apesar de me deverem muito, eu cuspo na cara deles! Isto em segundo lugar. E agora, terceiro: nós somos mais ou menos aparentados. Olhe um pouco pra você: o que é que você é? Um vagabundo, nada mais. E me diga uma coisa: quem é que lhe deu permissão pra vir aqui, uma casa decente, em farrapos e de chinelos?

PERTCHIKIN
O que foi que houve. Vassilievitch? Que é que você tem irmãozinho? Essa não é a primeira vez que eu venho aqui assim. . .

BESSEMENOV
Eu não contei as vezes, nem quero contar. Só sei que se você se apresenta aqui neste estado é porque você não tem o mínimo respeito pelo dono da casa. Mais uma vez eu lhe pergunto, quem é você? Um mentiroso! Um maltrapilho! Agora, fora daqui.

PERTCHIKIN *(aturdido)*
Mas por que, Vassili Vassilievitch, por quê?

BESSEMENOV
Fora daqui! Não venha com conversa.

PERTCHIKIN
Pense um pouco. Que é? Que foi que eu fiz?

BESSEMENOV
Fora daqui, senão. . .

PERTCHIKIN
Ah, velho, se você soubesse que eu tenho de você! Adeus!

(Bessemenov se recompõe e vai em direção ao quarto de Tatiana com passo firme e pesado. Está desconfiado, sombrio. Suas mãos tremem, ela murmura alguma coisa.)

BESSEMENOV
Que é que você está resmungando? Bruxaria?

AKOULINA
Eu estou rezando, paizinho. . . rezando. . .

BESSEMENOV
Sabe. . .Não vou mais ser prefeito! Estou vendo que não vou ser eleito... canalhas.

AKOULINA
Que é que está dizendo, paizinho! E por quê?. . .Mas quem sabe.. . .

BESSEMENOV
Nem quem sabe, nem meio quem sabe. . .Fedka Dosiekin, presidente do sindicato dos serralheiros, está sendo indicado para o cargo. . . bandido.

AKOULINA
Mas talvez não o elejam. . . Não fique preocupado. . .

BESSEMENOV
Vai ser eleito, sim. . . Tludo indica isso. . .Ontem em eu cheguei ao Conselho municipal, e lá estava Fedka Dosiekin, fazendo demagogia. . . Dizendo que os operários precisam se unir, que a vida *é* difícil, que *é* preciso fazer tudo em comum. . . Que é preciso formar cooperativas. . . "Agora só existem fábricas", dizia ele, "os artesãos não podem ficar trabalhando cada um no seu canto". . . Entao não consegui me conter e disse: "Nada disso. São os judeus que têm culpa. É preciso deportar os judeus. São eles que atrapalham a vida dos russos" *(Tatiana abre lentamente a porta e, sem ruído, passa para seu quarto.)* E sabe o que ele me respondeu? " E onde vamos mandar os russos, que são piores que os judeus?" E começou a fazer alusões contra mim. . . Eu me fiz de desentendido, mas percebi muito bem onde ele queria chegar. . . Escutei um pouco, e depois me afastei. . "Espere um pouco, não perde por esperar", pensei. . .E aí, Mikhail Krioukov chegou perto de mim, e me falou que era bem possível que esse Dosiekin fosse eleito prefeito. . .

ELENA (entrando)
Bom dia, Vassili Vassilievitch! Bom dia, Akoulina Ivanovna!

BESSEMENOV *(seco)*
Ah, é a senhora. Faça o favor de entrar. . .. que deseja?.

ELENA
Vim trazer o dinheiro do aluguel. . .

BESSEMENOV *(mais amável)*
Isso *é* bom. . . Quanto *é* que *é'?* Vinte e cinco rublos. . . Consta mais do seu débito, quarenta copeques pelos vidros quebrados no corredor. E também pelo trinco da porta do forro, que a sua cozinheira quebrou. . . digamos: vinte copeques!

ELENA (com sorriso forçado)
Como o senhor é exato ! Se é assim, está bem. Mas eu não tenho trocado comigo. . . tome três rublos . . .
A*KOULINA*
Ah, a senhora também levou carvão emprestado. . . um saco inteirinho. . .

ELENA
Quanto pelo carvão?

AKOULINA
Pelo carvão, trinta e cinco copeques. . .

BESSEMENOV

Totalizando noventa e cinco copeques, ao todo. E quanto a pontualidade, minha prezada senhora, meus parabéns!. . . O mundo inteiro se mantém graças a pontualidade. . . O próprio Sol se levanta e se deita pontualmente, observando a ordem eterna, desde séculos. . . E se a ordem é respeitada no céu, com muito mais razão deve ser respeitada sobre a Terra. . . A senhora mesma, quando vence o aluguel, a senhora vem trazer o dinheiro. . .

ELENA

Eu não gosto de ter dívidas. . .

BESSEMENOV

É uma atitude louvável. . . assim todo mundo vai lhe dar crédito. . .

ELENA

Bem, até a vista ! Preciso ir embora. . .

BESSEMENOV

Nossos respeitos. *(Olha-a sair e fala)* A vagabunda é bonita! O que não impede que eu a ponha pra fora! Ela ficando aqui, Piotr corre perigo.

AKOULINA

Paizinho!

BESSEMENOV

Mas, na verdade. . . Enquanto ela está aqui, nós podemos vigiá-la Se se muda, Pétia começara a ir à casa dela, fora da nossa vista, e ela o agarrará com mais facilidade. . .É preciso levar em consideração que ela paga com pontualidade. . . E paga, sem protestar, por qualquer estrago. . . Mas para Piotr, é claro. . .é perigoso, muito perigoso. . .

AKOULINA

Mas talvez ele nem sonhe em se casar com ela. . . é só assim. . .

BESSEMENOV

Ah, se fosse só assim, como você fala. . . então não haveria motivo para ficar preocupado. . . Eu acho mesmo que é muito melhor ele ter tudo aqui, à mão; melhor do que freqüentar as casas de tolerância. . . é até melhor.

Do quarto de Tatiana vem um gemido rouco.)

AKOULINA

Eh?

BESSEMENOV

O que foi isso??

AKOULINA (olha para todos os lados, como se estivesse escutando alguma coisa)

Parece no vestíbulo. . .

BESSEMENOV

Deve ter sido o gato. . .

AKOULINA (indecisa)
Sabe, paizinho . . . Eu queria dizer uma coisa. . .

BESSEMENOV
Fale.

AKOULINA
Você não foi muito severo com o Pertchikin? Ele é inofensivo . . .

BESSEMENOV
Bem, se é inofensivo, não vai se ofender . . . e se se ofender . . . e se se ofender, ninguém vai chorar por causa disso . . . Não é uma honra assim tão grande ele freqüentar a nossa casa . . *(O gemido se repete mais forte.)* Quem será? O que é isso, mãezinha?

AKOULINA (agitando-se inquieta)
Não sei. O que será?

BESSEMENOV *(precipitando-se ao quarto de Piotr)*
Parece que vem daqui! Piotr!

AKOULINA (correndo atrás dele, nervosa)
Pétia! Pétia! Pétia!. . .

TATIANA (grita, voz rouca)
Me salvem!. . .Me salvem !. . . Mamãe !. . .
(Bessemenov e Akoulina saem do quarto de Piotr e correm na direção dos gritos. Param um instante, como se não se *decidissem a entrar no quarto. Ouve- se Tatiana gritar)* Está me queimando . . ai! ai! ai! Estou passando mal!. . . Água. . . Preciso de água. . . Me salvem. . . Me dêem de beber. . . Ai! como queima!

.AKOULINA (saindo correndo do quarto, abre a porta do vestíbulo)
Deus misericordioso ! Pétia ! *(Escuta-se do quarto de Tatiana a voz surda de Bessemenov.)*

BESSEMENOV
Que é que voce tem? Minha filha, o que é que você tem? O que é que te aconteceu? Filhinha minha. . .

TATIANA
Água . . . água . . . Eu morro . . . Está tudo me queimando. . . Meu Deus!.

.AKOULINA
Venham . . . venham aqui . . .

BESSEMENOV *(do quarto)*
Corram . . . Chamem o médico!

PIOTR *(correndo)*
Que é que está acontecendo?

AKOULINA (agarrando seu braço)

Tânia . . . está morrendo, está morrendo . . .

PIOTR *(soltando-se)*
Me larga! Me larga!

TETERIEV
Um incêndio?

BESSEMENOV
Um médico ! Chamem um médico Piotr, chame um médico, por vinte e cinco rublos. . .

PIOTR *(aindo do quarto de Tatiana, para Teteriev)*
Um médico, rápido, um médico. . . Diga que uma moça se envenenou. . . uma moça . . . com amoníaco. . . rápido, rápido. . .
(Teteriev corre ao vestíbulo.)

STEPÂNIDA (entra correndo)
Paizinhos. . . paizinhos. . .

TATIANA
Pétia. . . estou ardendo. . .estou morrendo. . .quero viver ! Viver!. . .Água me dêem de beber. . .

PIOTR
Quanto você bebeu? Quanto foi? Fale!. . .

BESSEMENOV
Minha filhinha, Tânia. . . Tanietchka. . .

AKOULINA
Você se destrói, minha pombinha. . .

PIOTR
Mamãe, vá embora daqui! Stepânida, leve mamãe daqui! Saiam todos, estou dizendo. . . *(Elena passa correndo em direção ao quarto de Tatiana.)* Levem mamãe daqui. . *(Entra uma mulher, se detém junto* à *porta, olha para dentro, murmura qualquer coisa.)*

ELENA (trazendo Akoulina pelo braço)
Não é nada grave, não há perigo nenhum. . .

AKOULINA
Minha filhinha! Minha pombinha!.. . Em que é que eu a ofendi? Em que é que eu lhe desagradei?...

ELENA
Isso passa logo, o doutor já vem. . . vai curá-la Ah, que desgraça. . .

A MULHER (segurando Akoulina pelo outro braço)
Não chore, mãezinha . . . podia ser pior. . . Ah, coitadinha. . . sabe, na casa do comerciante Sitanov, o cavalo ficou louco e deu um coice nas costas do cocheiro. .

A KOULINA

Ah, minha queridinha. . . Que é que vou fazer agora?. . . Que vai ser de mim?. . Minha única filha!. . . *(Levam Akoulina. No quarto de Tatiana se confundem os gritos de Tatiana com os do pai; e com as palavras nervosas de Piotr. Barulho de vidros. Uma cadeira que cai. A cama range. Stepânida, rapidamente, cabelos desarrumados, boca aberta, olhos enormes, sai correndo do quarto, pega guardanapos no armário, copos, quebrando alguns, e desaparece. Caras desconhecidas aparecem na porta. Mas ninguém chega a entrar. Depois um pintorzinho de casas vai à porta do quarto de Tatiana, entra e volta depressa, falando com voz baixa.* "Ela está morrendo!" *Ouve-se o realejo no pátio. Pára logo. As pessoas começam desordenada conversa.* "Morreu?" "O pai. . . Foi o pai!" "Cuidado!. . ." "Na cabeça, direto na cabeça. . ." "Não sabe com quê?..." "Ou que é que você está inventando?. . ." "Por que, você sabe?. . ." "É mentira, ela se enforcou com as próprias mãos!" . *Uma voz de mulher pergunta.* "Será que era casada?" *Alguém responde com compaixão)*

MULHER *(sai do quarto dos velhos e, passando perto da mesa, apanha um pão, escondendo-o debaixo do avental. Aproximando-se da porta, fala)*
Silêncio, está agonizando. . .

VOZ DE HOMEM
Como é que ela se chama?

A MULHER
Lisabetha. . .

VOZ DE MULHER
E por que foi que ela. . .

A MULHER
Foi porque, um pouco depois da festa da Assunção, o pai disse pra ela: "Lisabetha. . ." *(Um movimento da multidão. Entra o médico, junto com Teteriev. De casaco, com o chapéu na cabeça, o médico entra no quarto de Tatiana. Teteriev olha pela porta e se afasta, sombrio. Do quarto ouvem-se vozes, entremeadas com gemidos. Do quarto dos velhos, chegam os gritos de Akoulina:* "Deixem-me, eu quero ficar com ela. . . me larguem. . ." *Do vestíbulo, ruído de vozes. Destacam-se as exclamações:* "É um homem importante. . ." "É o cantor do coro, não é?. . ." "Verdade?" "Palavra!" "Ele cantou no dia de São Jorge !" "Não diga !" "Palavra!". . .)

TETERIEV *(chegando a porta)*
Que *é* que vocês estão fazendo aqui? Vão embora, que é que vocês estão esperando?. . .

A MULHER *(chegando também à porta)*
Vão embora, boa gente. . .São coisas que não interessam a vocês. . .

TETERIEV
E a senhora, quem é? Que *é* que a senhora quer aqui?
A MULHER
Eu vendo legumes, paizinho, cebolas verdes, pepino, alface. . .

TETERIEV
Mas que é que a senhora quer?

A MULHER
Eu, paizinho, eu ia até a casa de Semiaguin, minha comadre. . .e aí. . .

TETERIEV
Está certo, mas que é que a senhora quer afinal?

A MULHER
Eu estava passando . . .aí eu ouvi um barulho. .. aí, então, eu pensei que era incêndio. . .

TETERIEV
E então. . .

A MULHER
E então eu entrei pra apreciar a desgraça. . .

TETERIEV
Vá-se embora! Todos vocês, fora daqui!. . .

STEPÂNIDA (correndo, a Teteriev)
Traz uma bacia de água . . . depressa, depressa. *(Um velhinho de cabelo branco, com a testa enfaixada, aparece na porta de entrada e piscando o olho diz a Teteriev:* "Olha, ela roubou pão de cima da mesa . . ." *Teteriev se aproxima deles e os empurra para a porta. No vestíbulo, barulho de passos, um garoto grita:* "Ai!" *Alguém ri. Outro fala ofendido:* "Devagar!")

TETERIEV
Vão todos pro diabo! Fora daqui !

PIOTR(*(aparecendo na porta do quarto de Tânia)*
Mais silêncio. *(Voltando para o quato)* Vá, pai, ficar com a mamãe. Por favor, vá! *(Grita para sala)* Não deixe ninguém entrar. . . *(Bessemenov sai cambaleando, senta numa cadeira perto da mesa, olha para a frente, abobalhado. Depois se levanta e vai para seu quarto, de onde se ouve a voz de Akoulina.)*

AKOULINA
Entao, eu não gostava bastante dela?. . . Então não dei bastante carinho aos meus filhos?. . .
ELENA
Vamos, calma. . .Fique calma.

AKOULINA
Paizinho. . . meu amigo. . . *(A porta se fecha, não se ouvem as últimas palavras. A sala fica vazia. O baualho vem dos dois lados ao msmo tempo: vozes do quarto dos velhos, murmúnío e gemidos do quarto de Tatiana. Teteriev entra trazendo uma bacia de água junto à porta e bate com cautela. Stepânida abre a porta do quarto de Tatiana, pega a bacia, entra, sai novamente, limpando o suor do rosto).*

TETERIEV
Então?

STEPÂNÍDA
Parece que não foi nada.

TETERIEV
Foi o doutor que disse?

STEPÂNIDA

Foi, sim. . . Mandou não deixar entrar nem o pai nem a mãe..

TETERIEV‘

Ela está melhor?

STEPÂNIDA

Quem sabe? Ela não está gemendo mais. Isso já parou. . Está toda verde, com os olhos esbugalhados. . . deitada, nem se mexe. *(Reprovando)* Mas eu quantas vezes não disse: casem essa menina. . . casem, ninguém me ouviu. . . e olhe o resultado. Me diga, com sinceridad,e. se uma moça pode ficar sem marido na idade dela? E ainda por cima ela não acredita em Deus . . . nenhuma oração. . . Olhe o resultado. . .

TETERIEV

Chega de praguejar, corvo!

ELENA (entrando)

E então?. . .

TETERIEV

Nao sei . . .parece que o doutor disse que não há perigo.. . .

ELENA

Os velhos estão arrasados. . . da até pena olhar pra eles *(Teteriev dá de ombros, sem responder.)*

STEPÂNIDA

Ah, meu Deus, estava me esquecendo da *cozi*nha. ..

ELENA

Mas por quê’ O que está acontecendo. . . Pobre Tânia! Como deve estar sofrendo. . . Será que dói muito? Muito mesmo?. .. Que coisa horrível!

TETERIEV

Não sei. Amoníaco eu ainda não bebi. . .

ELENA

Como é que o senhor pode brincar?

TETERIEV

Eu nao estou brincando.

ELENA (aproximando-se da porta do quarto de Piotr)

E Pétia. . .Piotr . . .Piotr Vassilievitch, não está no quarto dela?

TETERIEV

É provável, já que não saiu de lá . . .

ELENA (preocupada)

Posso imaginar como isso está repercutindo nele. . . *(Pausa.)* Quando eu. . . Quando eu vejo uma coisa dessas . . eu sinto crescer em mim tamanho ódio da desgraça. . .

TETERIEV *(com um sorriso)*

É louvável. . .

ELENA

Ah, você me compreendeu. Você me compreende . . . Eu gostaria de agarrá-la e atirá-la aos meus pés, e esmagá-la!. . .

TETERIEV

Quem?

ELENA

A desgraça, é claro!... Eu não tenho medo dela, mas eu a detesto . . . Eu gosto de viver, de alegria de gente. . . eu gostaria de ter sempre gente feliz, perto de mim...

TETERIEV

Mais louvável ainda. . .

ELENA

Sabe . . . eu vou confessar um a coisa . . . Sou muito dura, muito insensível . . . Eu não consigo gostar das pessoas infelizes . . . O senhor entende, existem pessoas que se sentem infelizes sempre: ponha sobre a cabeça dessas pessoas o Sol em vez do chapéu, enfim, a coisa mais deslumbrante do mundo . . . e elas continuarão a se queixar: "Ah, como eu sou desgraçado, como eu vivo só, ninguém me dá atenção, a vida é triste, angustiante, entedia, começa e recomeça. . . Quando eu vejo esse tipo de gente, eu sinto uma vontade má de fazê-las mais desgraçadas ainda!. . .

TETERIEV

Minha cara senhora, agora é minha vez de confessar: nao suporto ouvir mulher filosofando, mas quando a senhora filosofa, eu sinto vontade de beijar suas mãos...

ELENA (maliciosa)

Só quando eu filosofo?. . . *(Percebendo)* E eu brincando enquanto lá dentro está uma pessoa sofrendo. . .

TETERIEV *(apontando com o dedo a porta dos velhos)*

Eles também estão sofrendo; em toda parte, em qualquer direção que você aponte, o homem esta sofrendo. . . Isso já é um hábito. . .

ELENA

O que não o impede de sofrer menos. . .

TETERIEV

Certo! . .

ELENA

E a gente precisa ter pena. . .

TETERIEV

Nem sempre. . . E quem sabe é preciso não ter pena nunca... melhor é ajudar. . .

ELENA

Não é possível ajudar a todos. E sem a gente sentir pena, não pode ajudar...

TETERIEV

Minha cara senhora, eu filosofo de outra maneira. O que eu digo é que os sofrimentos vêm dos

desejos. Nos homens existem desejos que merecem todo o respeito. E existem outros que não merecem respeito nenhum. É preciso ajudar a satisfazer os desejos do corpo, os que são imprescindíveis, para que o homem seja sadio e forte.

ELENA (sem escutá-lo)

Talvez. . . mas o que é que está acontecendo ali?. . . Será que ela conseguiu dormir?. . . Que silêncio... Acho que estão sussurrando alguma coisa. Os velhos também se foram, estão quietos no seu canto. . . Como é estranho!. . . De repente. gemidos, gritos, soluços, um vaivém. . . De repente. Silêncio, imobilidade. . .

TETERIEV

Assim é a vida. . . Os homens gritam, se cansam e se calam. . . descansam e recomeçam a gritar. . Mas aqui, nesta casa, tudo se interrompe muito depressa. Tanto os gritos de dor, como os gritos de alegri. . . Todos os abalos aqui são como pauladas na lama. . . e o último som será sempre o da mesquinharia, triunfante e furiosa. . . Ela terá sempre a última palavra. . .

ELENA (pensativa)

Quando eu viva na a prisão era muito interessante. . . meu marido era um grande jogador de cartIas. . . bebia muito e ia sempre caçar A cidadezinha era muito provinciana. . . as pessoas tinham sempre o ar de estar em disponibilidade. . . eu era livre. . . não ia a lugar nenhum. . . não recebia visitas. . .Sabe o que fazia? Vivia com os prisioneiros!. . . São mesmo gente muito boa, na intimidade... gente tremendamente engraçada, simples, delicada. . . juro! Quando eu olhava pra eles, achava impossível que um fosse assassino, outro ladrão, outro outra coisa qualquer. . . As vezes eu perguntava: "Você matou?" — "Sim, mãezinha Elena Nikolaievna, eu matei. . . que é que se vai fazer?" Me parecia que esse assassino tinha deixado cair sobre si a culpa de um outro. . . que ele era uma pedra jogada por alguma força estranha. . . eu comprava tudo quanto era revista. . .livro. . .dei, pra cada um, um jogo de damas e um baralho. . . dava tabaco, vinho,. . .mas só um pouco. . . Nos passeios, eles jogavam bola, amarelinha. . . palavra de honra!... As vezes eu lia uns livros cômicos e eles riam como crianças. . . Comprei passarinhos, e como me amavam. . . ficavam muito contentes quando eu punha uma blusa vermelha, amarela. . . Eles adoravam as cores berrantes e alegres. . . eu me vestia só para alegrá-los, da maneira mais vistosa possível . . . *(Suspirando)* Era bom estar com eles . . Nem senti passar aqueles três anos, e quando meu marido morreu, acho que chorei menos por ele do que pela cadeia . . . Meu coração ficava pesado só de pensar em abandoná-los. . . Os presos também viviam tristes. . . Mas aqui nesta cidade, não. . . não vivo bem, não. . . essa casa tem alguma coisa de mau . . . Não são as pessoas que são más. . . é outra coisa. . . estou me tornando muito triste *(Pausa.)* Veja, estamos sentados conversando e pode ser que aí do lado alguem esteja morrendo. . .

TETERIEV *(tranqüilamente)*

E a senhora não tem pena dela. . .

ELENA

O senhor não tem pena?

TETERIEV

E a senhora?. . .

ELENA

É, o senhor tem razão. . . isso não está certo, eu sei. .. Mas eu não sinto que não esteja certo. . . Sabe, eu tenho muito mais pena do Pierot do que dela. . .Sempre tive pena dele . . .ele está mal aqui, não está?

TETERIEV

Todos estão mal aqui.

POLIA (entrando)
Bom dia!

ELENA (levantando-se e aproximando-se dela)
Silêncio. Fale baixo . . .Sabe. . . Tatiana se envenenou. . .

POLIA
O que? Ela . . ela vai morrer?. . .

ELENA
Niguém sabe nada.

POLIA
Mas por quê? Ela disse por quê? . . Ela disse, não?

ELENA
Não sei. . . Não. . .

PIOTR *(aparecendo na poria)*
Elena Nikolaievna, venha ajudar aqui um instante, por favor. *(Ela* sai *rapidamente.)*

PÓLIA (a Teteriev)
Por que é que o senhor está me olhando assim?

TETERIEV
Quantas vezes você já me perguntou isso.?

POLIA
A culpa é minha se o senhor me olha assim? Sempre esse olhar? Sempre a mesma coisa? Por que? *(Aproximando-se dele, severa)* O senhor me acha culpada disso?

TETERIEV *(com sorriso forçado)*
Você sente a consciência culpada?

PÓLIA
Sinto cada vez mais. . . que não gosto do senhor. Me diga, como é que aconteceu isso?

TETERIEV
Ontem a noite lhe deram um pequeno empurrão e,. como ela é fraca. . . hoje caiu! É só isso!

PÓLIA
Não é nada disso

TETERIEV
O quê?

PÓLIA
Eu sei o que o senhor está pensando. Não é verdade! Nil...

TETERIEV
Nil? O que é que Nil tem a ver com isso?

POLIA

Nem ele nem eu. . .Nós não temos nada com isso. O senhor. . . não, eu sei... o senhor está me acusando . E dai? Eu amo Nil e ele me ama. E isso há muito tempo!

TETERIEV *(seriamente)*

Eu não estou acusando você de nada. É você mesma que está se acusando e já está se justificando ao primeiro que aparece. Por que? Eu a respeito muito . . Quem é que sempre a aconselha a deixar de vir a essa casa, essa casa doente?

POLIA

E então?. . .

TETERIEV

Então nada. . . Só que, se você tivesse deixado de vir aqui, não estaria passando por isso. . .

POLIA

Sim . . . Mas Mas como foi que ela. . . É grave? Com o que foi?

TETERIEV

Não sei *(Aparecem Piotr e o médico.)* E então?

MÉDICO

Não é nada. Agora é só nervoso. Ela bebeu muito pouco. . .Só um pouco de amoníaco penetrou no estômago, muito pouco, mas ela vomitou logo.

PIOTR

O senhor está cansado, doutor; sente-se um pouco, por favor.

MÉDICO

Obrigado. . .Ela ficará na cama por uns oito dias. . . Há poucos dias tive um caso interessante. . .im pintor do sindicato, completamente embriagado, em vez de beber cervaja, tomou álcool puro. . .

(Entra Bessemenov; pára na porta do quarto, olha interrogativamente o médico).

PIOTR

Não se assuste pai, não há perigo.

MÉDICO

Sim, não se assuste. Dentro de poucos dias ela poderá se levantar. . .

BESSEMENOV

Verdade?

MÉDICO

Sim, sim, não se preocupe.

BESSEMENOV

Bem, muitíssimo obrigado! Se é mesmo verdade. . .que ela não corre perigo. . . muito obrigado!. . . Piotr, um instante. . .

(Piotr se aproxima do pai; Bessemenov faz com que ele passe em sua frente, os dois entram no quarto do velho; ouvem-se sons de moedas.)

TETERIEV
É o pintor?

MÉDICO
Quem?

TETERIEV
Que aconteceu com o pintor?

MÉDICO
Ah, sim, o pintor. . . Não aconteceu nada, sarou. . . Hum. . . Parece que eu conheço o senhor de algum lugar, será?

TETERIEV
É possível?

MÉDICO
O senhor não estava na barraca dos doentes de tifo?

TETERIEV
Sim, estive. . .realmente estive. . .

MÉDICO *(com alegria)*
Ah, aí está, é isso! Eu sabia que tinha visto seu rosto em algum lugar. . . Desculpe, mas isso não foi na primavera? Acho que sou capaz de lembrar seu nome. . .

TETERIEV
Eu também me lembro do senhor. . .

MEDICO
Sim?

TETERIEV
Sim, lembro sim. Quando eu comecei a me sentir melhor, pedi ao senhor que me aumentasse a alimentação diária. Mas o senhor fez uma cara feia e me disse: "Fique contente com o que tem. Temos muitos aqui como você, bêbedos e vagabundos. . ."

MÉDICO *(confuso)*
Me desculpe. . .mas. . . o senhor me desculpe. . .o seu nome eu. . .sou o Dr. Nikolai Troierukov. . .e . . .

TETERIEV *(aproximando dele)*
E eu, eu sou o bêbedo inveterado. Cavaleiro da Grande Ordem da Serpente Verde,[16] Terênti, Palavra de Deus. *(O médico recua.)* Não tenha medo, não vou bater.
(Teteriev passa pelo médico que, confuso, observa-o abanando-se com o chapéu; entra Piotr.)

MÉDICO *(olhando a porta do vestíbulo)*
Bem, adeus, estão me esperando. . . Se ela se queixar de dores, dêem mais algum as gotas do

remédio. . . não serão dores muito fortes. . . Adeus!. . . Ah, por favor, esteve aqui um senhor tão estranho. . .É parente dos senhores?

PIOTR
Não, um pensionista.. . .

MÉDICO
Ah, sim. . . muito agradecido. . . É um homem sumamente estranho. . .Adeus!.. Muito obrigado!. . .

(Sai. Piotr acompanha-o . Bessemenov e Akoulina saem do seu quarto, cautelosamente, sem barulho. Aproximam-se do quarto da filha.)

BESSEMENOV
Espere, não vá. . . Não se escuta nada. . . Ela deve estar dormindo. . .*(Leva a velha para um canto, perto do baú.)* Estamos em maus lençóis, mãezinha. Os boatos vão correr pela cidade.

AKOULINA
Pai, o que tem? Que é que você está dizendo? Deixe,deixe todas as trombetas anunciarem o que quiserem. Importante é que ela esteja viva! . . . Deixe que batam os sinos. . .

BESSEMENOV
Sei. sei . . . só que você não pode compreender. Isso é uma desonra para nós dois. . .

AKOULINA
Mas que desonra.?

BESSEMENOV
Nossa filha se envenenou, compreende? É sobre isso que se vai falar na cidade! Nós lhe fizemos algum mal? Eu suporto tudo por meus filhos. Mas... por que razão? Se nós soubéssemos. . . Os filhos. . . eles vivem calados. . . que se passa com eles? Ninguém sabe. Isso dói. . .

AKOULINA
Sim. . . pra mim também dói. . . Mas eu sou a mãe, não é? Compreendo, sim, mas que podemos fazer? O essencial é que estejam sãos e salvos. . .

PÓLIA (saindo do quarto de Tatiana)
Psiu! Ela está dormindo!. . .

BESSEMENOV *(levantando-se)*
Como é que ela está? Podemos entrar?

AKOULINA
Eu entro sem fazer barulho. . . O pai e eu. . .

PÓLIA
O doutor não quer que ninguém entre.

BESSEMENOV *(descompondo)*
O que é que você sabe? . . .Você não estava aqui quando o doutor chegou. . .

PÓLIA

Elena é que me disse.

BESSEMENOV
Ela esta lá dentro? Olhe só, os estranhos podem! Mas o pai e a mãe não deixam entrar ! Formidável!

AKOULINA
Vamos ter que almoçar na cozinha para não incomodar a Tânia. Minha filhinha querida. A gente não pode nem dar uma olhadinha *(Fazendo gesto de desespero) com a mão, vai para o vestíbulo. Pólia está apoiada no armário com os olhos fixos no quarto de Tatiana, tem o semblante enrugado, os lábios apertados, está toda tensa. Bessemenov está sentado à mesa como se esperasse alguma coisa.*

PÓLIA (lentamente)
Meu pai esteve aqui hoje ?

BESSEMENOV
Não é seu pai que você está procurando ! Que é que lhe interessa o seu pai? Eu sei o que lhe interessa. *(Pólia o encara assombrada.)* Seu pai esteve aqui, sim. . sujo. . .maltrapilho, sem um mínimo de decência mas, mesmo assim, você tem que ter respeito por ele.

PÓLIA
Eu tenho respeito por ele . . .muito. . .Por que o senhor está dizendo isso?

BESSEMENOV
Para que você compreenda. . . Seu pai é um vagabundo . . mas você lhe deve obediência. Você, por exemplo. . . é uma moça pobre . . .você devia ser modesta. . afetuosa, humilde com todos. . . pois bem, você se mete a raciocinar . . . a imitar as pessoas instruídas . . .e. . . e . . . você vai se casar, enquanto aqui, uma pessoa que por pouco não morreu. . .

PÓLIA
Não compreendo o que o senhor está querendo dizer com tudo isso . . . e por quê...

SEMENOV*(aparentemente tendo perdido, ele mesmo, a continuidade do seu pensamento, se irrita)*
Pense um pouco. Se eu estou falando para que você compreenda! Quem é você?. E mesmo assim vai se casar. . E minha filha. . . Que é que você está fazendo plantada, aí, sem fazer nada. . .Vá pra cozinha! Veja se faz alguma coisa! Eu fico de guarda aqui na porta. . . *(Pólia o encara perplexa e vai sair)* Espere aí... agora mesmo andei dando uns gritos com seu pai. . .

POLIA
Por quê ?

BESSEMENOV
Não *é* de sua conta ! Vá, vá embora ! Vá ! *(Pólia se retira espantada. Bessemenov se aproxima da porta de Tânia, abre e lança um olhar para o quarto. Elena vem saindo e o afasta dali.)*

ELENA
Não entre, não. Eu acho que ela esta dormindo. O senhor pode incomodar. . .

BESSEMENOV
É. . . mas a nós todo mundo pode incomodar, não e? Isso nao tem nenhuma importancia, nao é?

ELENA (estranhando)
Que é que o senhor está dizendo? Ela está doente. . .

BESSEMENOV
Eu sei sei de tudo *(Bessemenov vai para o vestíbulo. Elena sacode os ombros. Vai até a janela e se senta no divã com as mãos juntas atrás da cabeça, reflete; esboça um sorriso, sonhadora, fecha os olhos; Piotr entra, sombrio; sacode a cabeça como se quisesse se libertar de algo. Vê Elena e se detém.)*

ELENA (sem abrir os oltios)
Quem é que está aí?

PIOTR
De que é que você está rindo? É estranho ver uma cara risonha depois do que aconteceu. . .

ELENA (abrindo os olhos)
Você está cansado? Pobrezinho. . . eu tenho uma pena de você. . .

PIOTR *(sentando-se do lado dela)*
Eu também. . .tenho pena de mim.

ELENA
Você precisa sair daqui.

PIOTR
Se preciso!

ELENA
Como é que você gostaria de viver? Me fale. Eu sempre lhe pergunto e você nunca me responde.

PIOTR
E difícil falar com sinceridade.

ELENA
Comigo?

PIOTR
Com você também. Eu sei lá o que é que você ia pensar de mim. O que você ia pensar das coisas que eu podia dizer. As vezes tenho a impressao que você . . .

ELENA
Que eu, o quê?. . . Fale. . .

PIOTR
Que você está. . .

ELENA
Eu estou muito bem intencionada a seu respeito. . .muito bem intencionada. . . Você é meu doce e triste menininho.

PIOTR *(com ardor)*

Eu não sou menininho coisa nenhuma. Tenho pensado muito. . Escute... escute... me diga. . . você gosta, você acha mesmo interessante todas essas idiotices do Nil, Chichkin, Tzvetáieva. Você acha que a leitura em comum dos livros "inteligentes", os espetáculos para operários . . . Você acha que tudo isso seja realmente uma coisa importante?. . . pela qual valha a pena viver?. . . me diga! .

ELENA

Meu pombinho . . . eu não sou uma pessoa preparada ! Não sei falar do que eu nao entendo. Não sou uma pessoa séria. Gosto muito deles, do Nil, do Chichkin... Eles estão sempre alegres, sempre fazendo alguma coisa . . . Eu gosto muito de gente assim, alegre. Eu também sou assim, alegre . . . Por que é que você me pergunta isso?

PIOTR

A mim, tudo isso me irrita. Se eles acham ótimo viver assim, se acham nisso um prazer imenso, esta bem . . . eles que continuem assim. Eu não me oponho, não quero atrapalhar a vida de ninguém. Mas não venham atrapalhar a minha. Me deixem viver como eu quero. . . Por que eles acham que tudo que eles fazem tem um sentido especial? Por que vivem me acusando de covarde, de egoísta?

ELENA (afagando a cabeça de Piotr)

Atormentaram você?. . . deixaram-no cansado?. . .

PIOTR

Não, eu não estou cansado, eu estou com raiva, só. . . Tenho todo o direito de viver como eu quero, não tenho? Então eu não tenho esse direito ?

ELENA (brincando com o cabelo de Piotr)

Não sei. . . isso ainda é um problema muito complicado para mim. Eu só sei responder uma coisa: eu vivo como posso, fazendo o que quero. E se alguém vem me convencer de ir para um convento, não vou, juro: me atiro num rio, sei lá. . .

PIOTR

Você passa mais tempo com eles que comigo. . . e você gosta muito mais deles do que de mim. . . eu vejo isso claramente. Mas eu quero dizer uma coisa. . .posso dizer isso. . . No fundo, eles são vazios . . .

ELENA

Ah! entendo agora; você quer dizer que eu também sou vazia.

PIOTR

Não. . . você não. . .você é como uma fonte. . .

ELENA

Ah! você acha então que eu sou fria?. . .

PIOTR

Por favor, você continua rindo? Será que sou assim tão engraçado? Eu quero viver . . eu quero viver. . . Ah! como eu sei disso! Quero viver de acordo com a minha vontade!

ELENA

Mas viva. . .quem é que o impede?

PIOTR

Quem? Alguém. Há alguém. . . quando penso que tenho de viver só, independente. . Parece que alguém diz: impossível!

ELENA

A voz da consciência?

PIOR

Não tem nada a ver com a consciência. Por acaso eu vou cometer um crime? Elena, eu quero. . .eu quero só ser livre . . . voce me compreende?

ELENA (atirando-se sobre ele.)

Não é assim que se diz. . . é preciso dizer com mais simplicidade . . . Quero ajudar você, menino . . . Mas por que é que você complica as coisas mais simples?

PIOTR

É, você tem razãao. . . eu sou uma pessoa fraca. E essa vida está acima das minhas forças. Eu sinto a vulgaridade das coisas, mas eu não tenho forças pra poder mudar nada, pra criar alguma coisa de novo. . . eu quero ir embora, ficar só...

ELENA (tomando nas mãos o rosto dele)

Repita comigo: "Eu o amo". . .

PIOTR

''Eu a amo". . . não. você quer brincar o tempo todo.

ELENA

Nao, juro! . . . eu decidi. Seriamente, há muito tempo já. Vou me casar com você ! Eu acho isso um pouco errado, não vai ficar muito bem . . . mas eu quero! Muito. . .

PIOTR

Mas. . . como eu estou feliz . . . eu a amo tanto. . . eu preciso tanto de você ! *(Ouve-se Tatiana gemendo. Piotr se levanta de um salto. Olha em torno de si, perdido. Elena se levanta, tranqüilamente. Piotr diz em voz baixa)* É Tânia . . . e nós aqui. . .

ELENA (pasaando diante dele)

Nós não estamos fatendo nada de mau . . . *(Voz de Tatiana no quarto:* "Água. . . eu quero água. . . me dêem de beber. . .")

ELENA

Eu vou. . . *(Sai, sorrindo a Piotr. Este fica com a cabeça entre as mãos, olha perdido ao sou redor. A bre-se a porta do vestíbulo, aparece Akoulina.)*

AKOULINA

Pétia, Pétia, onde é que você está?

PIOTR

Estou aqui!

AKOULINA

Venha jantar. . .

PIOTR
Não vou.. . estou sem vontade...

ELENA (saindo)
Vou pra minha casa! Ele vem comigo! *(Akoulina examina Elena dos pés á cabeça; sai.)*

PIOTR *(atirando-se nos braços de Elena)*
Como está tudo errado. . . ela lá, estirada na cama, e nós. . .

ELENA
Vamos. . . que é que há de mau nisso? Até no teatro, depois de um drama, vem uma peça alegre. . . Na vida, então, isso é muito mais necessário. . . *(Piotr abraça Elena, que o leva pelo braço.)*

TATIANA (gemendo)
Elena. . . Elena. . . Eu quero água. . . Elena. . . água. . . me dêem de beber... Elena. . .

(Pólia entra correndo.)

ATO I V

A mesma sala. Entardecer. A sala está iluminada por uma lâmpada colocada no centro da mesa. Pólia está preparando chá. Tatiana, ainda doente, recostada no divã, num canto em penumbra. A seu lado, Tzvetáieva, sentada numa cadeira.

TATIANA (reprovando, lentamente)
Então você acha que eu também não gostaria de olhar a vida com o mesmo ânimo que você? Ah, se gostaria, mas eu não posso. . . eu já nasci sem fé. . aprendi a falar bem, a julgar as coisas. . .

TZVETÁIEVA
Mas, minha querida, você fala bem demais . . . E você há de concordar que não vale a pena ser inteligente só para falar bem. Ser inteligente é bom, mas. . . sabe, para viver sem aborrecimento, é preciso inventar um pouco, tem que se saber olhar, é lógico que nem sempre, mas tem que se saber olhar pro futuro. . .*(Pólia escuta atentamente, carinhosa, pensativa.)*

TATIANA
Mas o que é que há, no futuro, pra se olhar?

TZVETÁIEVA
O que você quiser ver. . .

TATIANA
É. . . eu tinha que inventar . . .

TZVETÁIEVA
Não. . . tinha que ter fé. . .

TATIANA
Em quê?

TZVETÁIEVA

Em sua própria invenção. Sabe, Tânia?. . . Quando eu olho pros meus alunos, eu penso. . . Olha só o Novikov, vai acabar o curso, entrar pro ginásio, depois para a universidade; vai ser médico. É um menino tranqüilo, atento, bom... Tem uma testa grande. É muito amoroso, vai trabalhar muito. Tem um futuro enorme pela frente. . . Todos vão gostar muito dele, vão respeitá-lo. . . Eu vejo isso. E pode ser que, quando se lembrar de sua infância, vai se lembrar que, um dia, a professora Tzvetáieva, brincando com ele no recreio, caiu e quebrou o nariz. . . Pode ser que nem se lembre de nada. . . pode ser, tanto faz!. . . Tem um outro aluno, distraído, relaxado, sempre imundo, o Klokov. É órfão, vive na casa do tio, que é guarda-noturno. . . é quase um mendigo. . . mas fala tanto, valente! Acho que vai ser jornalista. . . Ah! tenho uns alunos tão interessantes. . . E mesmo sem querer, penso sempre no que vai acontecer com eles. . . É bom, entende, ficar imaginando como vão viver os meus alunos!. . . Você vê, Tânia, isso é pouco. . . mas se você soubessse como isso é bom !. . .

TATIANA

E você, você mesma, onde está nisso tudo? Seus alunos vão viver, vai ver que muito bem. . . mas, e você mesma . . . a essa altura já estará. . .

TZVETÁIEVA

Já estarei morta?. . . Que nada! Não, tenho a firme intenção de viver muito tempo ainda.

PÓLIA (carinhosa, quase suspirando)

Como você é boa e simpática. . .

TZVETÁIEVA (sorrindo a Pólia)

Sabe, Tânia, eu não sou sentimental, mas quando eu penso no futuro, me vem uma tristeza boa. . . Como se no meu coração brotasse um claro e alegre dia de outono! Sabe? existem dias assim, no outono! No céu azul, um sol tranqüilo, o ar parado, tudo tão nítido, um pouco de frio, não muito. . .

TATIANA

Tudo isso são invenções, lendas. . . Eu aliás admito que gente como você, Nil, Chichkin, seja mesmo capaz de viver de ilusões. . . mas eu não, não posso. . .

TZVETÁIEVA

Não, espere. . . não é ilusão, só ilusão. . .

TATIANA

Nada me parece que é verdade. . . somente que isso sou eu, aqui é uma parede. . Quando eu digo "sim" ou "não" . . . eu não digo por convicção . . eu respondo, simplesmente: "sim", "não". . . Às vezes uma pessoa diz "sim", e logo em seguida pensa: será? Talvez seja "não". . .

TZVETÁIEVA

É porque você gosta disso. . . talvez você tenha simplesmente medo, medo de crer. . . A fé cria obrigações.

TATIANA

Nao sei, não. . . não sei. . . olhe, faça com que eu acredite em alguma coisa. . . voces obrigam todos a acreditar em vocês. *(Ri.)*Eu tenho pena dos que acreditam em vocês . . . Porque a vida foi sempre assim, como é agora . . . confusa e estreita... e vai continuar sendo sempre assim !. . .

TZVETÁIEVA (sorrindo)

Será? Talvez seja "não".

POLIA (como que falando consigo mesma)
Não. . .

TATIANA
Que é que você falou?

POLIA
Que não será assim.

TZVETÁIEVA
Bravo, Pólia. . .

TATIANA
Aí está uma dessas infelizes crentes. . . Pergunte a ela por que ela diz "não"... por que a vida vai mudar... Vá, pergunte!. . .

*PÓLIA (aproximando-*se, *(tranqüila, falando lento)*
Veja uma coisa . . . nem todos os homens vivem ainda . . . poucos. . .muito poucos aproveitam a vida! Para a maior parte, nem sequer há tempo para viver. . . só trabalham, trabalham por migalhas. . . mas quando eles também. . .

CHICHKIN *(entrando rapidamente)*
Boas tardes! *(A Pólia)* Salve a filha do Rei Duncan! [17]

PÓLIA
Quê? De que rei?. . .

CHICHKI N
Ah, peguei em flagrante, hein? . . . Estou vendo que você não leu mesmo o Heine ! [18] . . . E olha que o livro está com você há mais de duas semanas! Salve, Tatiana Vassilievna!. . .

TATIANA (escondendo a mão)
Ela agora não tem mais cabeça para livros. . . vai se casar!

CHICHKIN
Casar com quem?. . .
TZVETÁIEVA
Com o Nil!

CHICHKIN
Ah, então nesse caso merece os parabéns!. . . mas, de uma maneira geral, essa história de casar não é lá uma coisa muito inteligente, não. . . O casamento, na situação de nossos dias. . .

TATIANA
Ah, não! por favor; você já deu o seu parecer sobre esse assunto. . .

CHICHKIN
Nesse caso, me calo. E, pra falar a verdade, não tenho tempo mesmo. *(A Tzvetáieva)* Você vem comigo?. . . Ótimo!. . . Piotr, não está?

PÓLIA
Está lá em cima.

CHICHKIN

Bem, não vou lá, não. Eu vou pedir a você, Pólia, e a você, Tatiana, um favor. Vocês digam a ele que. . . bem, que eu. . . que as aulas. . . bem, que as aulas na casa do Prokorov. . bem. . . acabaram. . .

TZVETÁIEVA

Outra vez!. . . Nossa, você tem pouca sorte. . .

TATIANA

Vocês brigaram, é?

CHICHKIN

Não, não foi briga, não. . . Eu. muito discreta mente, cheguei lá e. . .

TZVETÁIEVA

Mas qual foi o motivo? Você mesmo vivia elogiando esse Prokorov!

CHICHKIN

É, vivia elogiando ! . . . diabo . . . Olhe, pra falar a verdade, ele é mesmo muito mais decente que muitos outros. Não é burro, não. Só que ele é um pouco metido... e de uma maneira geral, é uma boa besta!. . .

TATIANA

Assim Piotr não vai mais querer saber de arranjar aulas pra você. . .

CHICHKIN

É, pode ser. . . ele vai se aborrecer com isso. . .

TZVETÁIEVA

Mas o que foi que aconteceu com o Prokorov?

CHICHKIN

Bem, vocês nao vão acreditar! Mas ele é um anti-semita!. . .

TATIANA

E que diferença faz isso pra você?

CHICHKIN

Isso é indecente! Indigno de um intelectual! E além disso, ele é um burguês sujo! Escute só, por exemplo, o que aconteceu outro dia: a empregada da casa dele estava indo à escola aos domingos. Ótimo! Ele mesmo passava o dia inteiro me falando na importância da alfabetização. . . e eu nunca tinha tocado nesse assunto com ele . ele, inclusive, ficava se vangloriando, dizendo que tinha sido um dos iniciadores das tais aulas . . Bom, vocês não vão acreditar: mas um domingo desses, ele chegou em casa e a empregada não estava lá para abrir a porta. . . A cozinheira teve que parar de fazer a comida para abrir a porta. . . Vocês sabem o que ele fez? Proibiu a empregada de ir a escola! Como é que vocês qualificam uma atitude dessas. . .

TZVETÁIEVA

Pura conversa fiada. . .

CHICHKIN

De uma maneira geral eu diria que o Piotr zomba de mim. . . Fica me arrumando aulas particulares nas casas de uns velhos, que. . .

TATIANA (seca)
Eu me lembro que você elogiava muito o tesoureiro oficial. . .

CHICHKIN
Sim, é claro, é um velhote simpático. Mas ele é um numismata ! Passava o dia inteiro me mostrando suas moedinhas de cobre. Me falava dos césares, de tudo quanto era faraó, com seus carros. Esse me venceu, viu? Não tive forças para agüentar. . . Eu falei pra ele: Escuta. Vikenti Vassilievitch, na minha opinião tudo isso é bobagem, qualquer pedra é mais antiga que esses seus cobres. Ele ficou ofendido, e me respondeu: "Que é que você quer dizer com isso? Que eu me enterrei sem razão durante quinze anos, me ocupando com bobagens? Eu respondi: "É. . ." E quando fez a conta, ele me deu um rublo a menos, acho que para completar a sua coleção numismática. . . Mas isso nao é nada . . . Com Prokorov o negócio foi outro . . . *(Abatido)* Ih! Eu tenho um gênio péssimo *(Apressado)* Escute, Maria NiKitchna, [19] vamos, está na hora!

TZVETÁIEVA
Estou pronta. Até logo, Tânia Amanhã, Domingo,. eu venho ver você bem cedo...

TATIANA
Obrigada. Eu pareço um parasita aos pés de vocês. Eu não tenho nem beleza, nem alegria, fico atrapalhando todo o mundo. . .

CHICHIKIN
Mas que pensamento mais negro, o que é isso?

TZVETÁIEVA
Isso até ofende, Tânia!

TA TIA NA
Não, espere. . . Sabe? Eu compreendi, eu compreendi a lógica da vida: quem não pode acreditar em nada não pode viver. Tem que perecer!

TZVETÁIEVA (sorrindo)
Será? Talvez seja "não". . .

TATIA NA
Você está brincando com as minhas palavras. Vale a pena? Rir de mim vale a pena?

TZVETÁIEVA
Não. Não, Tânia querida. . . Tudo isso não é você, não: é a doença, o teu cansaço. Bem, até a vista! E não fique pensando mal da gente. . .

TATIANA
Bem, podem ir, até a vista!

CHICHKIN (a *Pólia)*
Eh, quando é que você vai ler o Heine? Ah! Você vai se casar! Eu podia dizer alguma coisa contra isso. . . Bem, até a vista!

(Sai com Tzvetáieva. Silêncio.)

PÓLIA

Daqui a pouco a reza termina; quer que eu traga o samovar?

TATIANA

Pode ser que os velhos queiram chá. . . Por mim. tanto *faz* . . . *(Silêncio.)* Antes o silêncio me deixava agoniada, mas agora. acho bom . .

PÓLIA

Não está na hora de você tomar o remédio?

TATIANA

Ainda não ! Ultimamente tem havido tanto ruído. . .tanto barulho em nossa casa... como é barulhento esse Chichkin.

PÓLIA (aproximando-se dela)

Ele é bom. . .

TATIANA

Bom... só que é tudo. . .

PÓLIA

É corajoso. É só perceber uma injustiça e já vai contra. . .Viu, se interessou pela empregada. E quem é que se interessa pelas empregadas? E pelas pessoas que trabalham para os ricos? E, entre os que se interessam, quantos são os que se arriscam a defender?

TATIANA (sem olhar)

Me diga uma coisa, Pólia. Você não tem medo de se casar com o Nil?

PÓLIA (tranqüila)

E do que havia de ter medo? Não, não tenho medo de nada.

TATIANA

De que, não sei. . . mas; eu. . . eu teria medo. . . Eu falo porque eu gosto. . . gosto muito de você Pólia. . . Você não é como ele. . . você é simples. . . mas ele leu muito, é instruído. . . Um homem instruído. . .. pode ser que se aborreça com você. . . Você já pensou nisso, Pólia?. . .

PÓLIA

Não, mas sei que ele me ama.

TATIANA

Como é que você pode saber?

(Teteriev traz o samovar.)

PÓLIA

Muito obrigada, vou buscar o leite.

(Sai.)

TETERIEV *(depois de uma bebedeira,* está *com a cara inchada)*

Eu estava passando pela cozinha, e Stepânida me veio com isso: “Paizinho, leve o samovar para a sala! Quando o senhor quiser, eu dou uma comidinha a mais...” Bem, eu sou guloso e não resisti. . .

TATIANA

Você já voltou da reza?

TETERIEV

Não. . . hoje eu não fui. . . A cabeça está arrebentando de dor. . . E você está se sentindo melhor hoje?

TATIANA

Bem, obrigada. Hoje já me perguntaram isso umas vinte vezes . . . Eu me sentiria melhor se não houvesse tanto barulho aqui em casa . . .Essa correria me irrita . . . Todos correm, gritam . . . O pai está furioso com o Nil . . . Mamãe passa o dia inteiro suspirando . . . e eu, deitada, assisto a isso tudo . . e não vejo nenhum sentido nisso que vocês chamam de vida.

TETERIEV

Não . . . Mas é interessante isso. Eu sou um homem um pouco estranho, não participo muito dos acontecimentos terrenos . . . Vivo por pura curiosidade. . . Até que acho tudo isso bem interessante . . .

TATIANA

Você não é exigente, eu sei. Mas o que é que há de interessante aqui?

TETERIEV

Gente. . . gente se afinando para viver. . No teatro, eu gosto de ver os músicos afinando os instrumentos, os violinos, as trombetas . . . o ouvido vai captando uma série de notas isoladas. . . já bem afinadas . . . E às vezes até uma frase melódica. E a gente fica com vontade de adivinhar o que vão tocar os músicos. . Qual deles é o solista? Que peça vai ser executada? Aqui, também, todos estão afinando.

TATIANA

No teatro, sim. Vem o regente, levanta a batuta, e os músicos começam a tocar. E tocam, sem o menor sentimento, alguma composição antiga. Mas aqui, será que alguém, aqui, é capaz de executar alguma coisa? Não sei. . .

TETERIEV

Acho que sim . . . alguma coisa em “fortíssimo”. . .

LA TIA NA

Veremos. *(Silêncio. Teteriev fuma o cachimbo.)* Por que o senhor fuma cachimbo e não cigarros?

TETERIEV

É mais cômodo. Eu sou um vagabundo e a maior parte do ano eu vivo pelas estradas. Assim que chegar o inverno vou embora outra vez...

TATIANA

Pra onde?

TETERIEV

Não sei... pra mim, tanto faz....

TATIANA

Um dia você vai ficar bêbedo e vai acabar morrendo congelado por aí...

TETERIEV

Eu nunca bebo na estrada.. . E se morro congelado, que é que tem? É melhor morrer congelado do que apodrecer encravado no mesmo lugar!

TATIANA

Está se referindo a mim?

TETERIEV

Deus me livre e guarde! Que é que você diz? Eu não sou nenhuma fera...

TATIANA (com um sorriso)

Não tenha medo, isso não me ofende. Já perdi toda a minha sensibilidade para a dor. *(Com amargura)* Todos eles sabem que ninguém mais me ofende: Nil. Pelagéia, Elena, Tzvetáieva. .. Se comportam como os ricaços, que quando estão comendo nem pensam no que os mendigos podem estar pensando, sentindo. . .

TETERIEV

Para que essa humilhação? Todo mundo tem que ter respeito por si. . .

TATIANA

Bem, deixemos isso de lado... *(Silêncio.)* Me diga alguma coisa de você mesmo... Você nunca fala de você mesmo. Por quê?

TETERIEV

É um objeto muito grande, e muito pouco interessante...

TATIANA

Não, fale alguma coisa! Por que você leva uma vida tão estranha? Você parece tão inteligente. . . Que foi que aconteceu na sua vida?

TETERIEV *(mostrando os dentes.)*

O que aconteceu? Ah, é uma história longa, aborrecida. . . Eu

"Fui buscar o sol, a felicidade.
E fiquei nu antes da hora.
A minha esperança e as *minhas roupas*
Se gastaram pelos caminhos".

Mas essa explicação é poética demais, para mim. Mesmo sendo tão breve. É preciso acrescentar a isso que na Rússia é mais cômodo e mais tranqüilo ser um bêbedo, um vagabundo, do que ser uma pessoa sensata. *(Entram Piotr e Nil.)* Só os homens duros, inflexíveis como espadas, abrem caminho . . . Ah, Nil!. . .De onde vem você?

NIL

Do depósito de locomotivas ! De uma batalha com o chefe, que me deu uma vitória brilhante!

PIOTR

Desse jeito, você vai ser despedido logo .

AKOULINA
Sabe, Piotr? Chichkin brigou com Prokorov, e como não teve coragem de lhe dizer pessoalmente. . .

PIOTR *(irritado)*
Ah, é? Em que situação ele me coloca com Prokorov!. . .

NIL
Espere, calma! Você tem que averiguar primeiro quem é o culpado.

PIOTR
Estou cansado de saber!

TATIANA
Chichkin ficou furioso quando soube que ele era anti-semita!

NIL
Ah! galinho simpático! . *(Ri.)*

PIOTR
Você esta satisfeito ! Você não tem o mínimo respeito pela opinião dos outros. Gente selvagem!

NIL
Espere, você acha muito civilizado respeitar um anti-semita?

PIOTR
Em caso algum eu me consideraria com o direito de agredir um homem.

NIL
Mas eu agrido.

TETERIEV
Agride.

PIOTR
Mas quem foi que lhe deu esse direito?

NIL
O direito não se dá, Piotr. O direito se toma!

TATIANA
Mas, chega. . . chega dessas discussões. .. Como é que vocês não se cansam?.. .

PIOTR
Desculpe, eu não vou continuar. . . Mas, de qualquer forma, esse Chichkin me deixa numa situação. . .

TATIANA
É. . . é um idiota; pronto!

NIL

É um excelente amigo! Não só não vai permitir que lhe pisem nos pés, como é sempre o primeiro a pisar nos pés dos outros! É bom ter tanta dignidade dentro de si!

TATIANA
Você quer dizer criancice, não é?

NIL
Não, não quis dizer isso, não. Mas mesmo que seja, mesmo que seja criancice, se é assim, isso é muito bom...

PIOTR
É ridículo.

NIL
Quando a gente rejeita a única migalha de pão, pela simples razão de que quem deu é canalha. . .

PIOTR
É porque não está com tanta fome assim. . . Eu sei que você vai discordar, você é como ele . . também é um pouco criança. . . A cada minuto você procura mostrar ao meu pai que não tem por ele o mínimo respeito. . . Porquê?

NIL
E por que é que eu devia fingir?

TETERIEV
A decência exige que os homens mintam . . .

PIOTR
Mas que sentido tem isso? Que sentido?

NIL
Nós não compreendemos, irmão! Por isso é inútil falar. Tudo o que diz e faz teu pai me repele.

PIOTR
A mim também, pode ser. . mas eu me contenho. E você? . . . Vive todo o tempo irritando o velho, e eu e minha irmã *é* que pagamos. . .

TATIANA
Mas parem, basta; vocês me aborrecem com isso. . .

(Nil, depois de encará-la, vai para a mesa.)

PIOTR
A conversa o incomoda?

TATIANA
Me cansa. Sempre as mesmas coisas, sempre a mesma coisa . . .

(Entra Pólia com a jarra de leite na mão. Ao ver que Nil está sorrindo, olha os presentes, sonhadora.)

POLIA
Olhem, esse bem-aventurado!

TETERIEV
De que é que você está rindo?

NIL
Eu? Estava me lembrando do jeito que tratei o chefe do depósito. . . Que coisa interessante *é* a vida!

TETERIEV/ *(voz de baixo profundo)*
Amém!. . .

PIOTR *(encolhendo* os *ombros)*
Fico espantado: será que os otimistas nascem mesmo cegos?

NIL
Eu não sei bem se sou otimista ou não, tanto faz. Mas sinto prazer em viver!. *(Levanta, caminha pela sala.)* É um prazer muito grande viver nessa terra!

TETERIEV
Sim, é instrutivo!

PIOTR
Vocês são muito engraçados

NIL
E você, Piotr? você o que é que *é?* Eu sei, e isso não é segredo para ninguém: você está apaixonado e também gostam de você. Pois bem: você não tem vontade de cantar e de dançar? Será possível que você não fica alegre nem por isso? *(Pólia está ouvindo orgulhosa, por trás do samovar*. *Tatiana se mexe, inquieta, tentando ver o rosto de Nil. Teteriev sorri e sacode a cinza do cachimbo.)*

PIOTR
Você se esquece de uma porção de coisas. Primeiro: os estudantes não podem casar. Segundo: seria preciso travar uma verdadeira batalha contra meus pais; terceiro. . .

NIL
Bom, nesse caso, você não tem senão uma alternativa: fugir. . . fugir pro deserto... *(Pólia sorri.)*
PIOTR
Você quer deixar de ser palhaço comigo, Nil?

NIL
Não. Petrushka,[20] não! Viver, mesmo sem estar apaixonado, já é uma excelente ocupação. Viajar nas piores locomotivas, debaixo de chuva e vento, em plena tempestade de neve. . . tudo, na terra, está tapado com as trevas, sepultado pela neve. . . é cansativo viajar num tempo desses, é até mesmo perigoso. . . mas, mesmo assim, isso tem um certo encanto. . . existe esse encanto !. . . Só há uma coisa que eu acho absolutamente desprovida de encanto: é que nós devemos obedecer, eu e outras pessoas, aos canalhas, aos imbecis, aos ladrões. Mas a vida não pertence inteiramente a eles! O futuro não é deles ! Eles vão desaparecer como desaparece um abscesso num organismo sadio! Não existe nada na vida que não possa alterar, mudar!

PIOTR

Já ouvi mais de uma vez esses discursos, vamos ver agora que resposta a vida lhe prepara. . .

NIL

Eu vou obrigar a vida a me responder como eu quero. Não adianta tentar me fazer ter medo. Eu estou mais perto da vida que você! E sei, muito mais que você, que a vida é dura, que às vezes é repugnante, má. E que uma força desenfreada oprime o homem. Eu sei, e isso me deixa indignado. Mas essa ordem eu não aceito ! Eu sei que a vida é uma coisa séria, mas ainda não está bem organizada. Para ajudar a organizá-la eu vou ter que dar toda a minha força, toda a minha juventude. Também sei que não sou nenhum herói, mas simplesmente um homem E digo mesmo: não me importa, nós é que vamos vencer! E com todas as minhas forças, eu vou me colocar na própria espessura da vida. Tratar de moldá-la, atrapalhando uns e ajudando outros. . . Isso é a alegria de viver!

TETERIEV *(rindo)*

Ai está o sentido mais profundo da ciência ! Aí está o sentido de toda a filosofia verdadeira! Quanto a todas as outras filosofias, nada. . .

ELENA (da porta)

O que é que provoca aqui tantos gritos e gesticulações?

NIL *(aproximando-se dela)*

A patroa, sim, me compreende. Acabo de cantar a glória da vida. Repete comigo: não é que viver é gostoso?

PÓLIA (lentamente)

Viver é bom. . .

ELENA

E quem e que afirma o contrário?

NIL *(a Pólia)*

Ah, minha menininha!. . .

ELENA

É proibido fazer galanteios na minha presença. . . Esperem. . . vocês estão se preparando para tomar chá? Mas eu vim buscar vocês para tomar chá na minha casa. . . Mas já que é assim, fico. . . Isso aqui hoje está muito alegre *(A Teteriev)* Só você, corvo sábio, está batendo suas asas. . . por que santo?

TETERIEV

Não, eu também estou alegre. Só que eu me divirto em silêncio, e me aborreço em voz alta. . .

ELENA

Nunca vi você nem alegre nem triste, mas sempre filosofando Ah, vocês sabem? Sabe, Tatiana ele está me ensinando filosofia. Ontem me fez uma conferência sobre certa lei chamada “lei do princípio da razão suficiente”. . . Mas eu não me lembro de que jeito se expressa essa misteriosa lei. . . as palavras quais são. . . como é mesmo?

TETERIEV *(sorrindo)*

Não há nada sem fundamento, sem razão suficiente, e por isso. . .

ELENA

Estão ouvindo? Vejam como estou senda iniciada em conhecimentos profundos! Aí está: vocês ignoram o que essa lei constitui, o que representa esta lei em si. Ah, e "em si" é o mais filósofo dos termos!. . . mais ou menos assim como um dente, essa misteriosa lei . . . porque possui quatro raízes. . .não é isso?

TETERIEV

Não me atrevo a discordar. . .

ELENA

Lógico ! . . . tente discordar, para ver o que acontece . . . Bem, a primeira raiz, que talvez não seja mesmo a primeira, é a lei da razão suficiente da existência do ser. O ser é a matéria em suas formas. Por exemplo: eu sou uma matéria que, com muita razão, assumiu a forma de mulher, mas que, agora sem muita razão, carece de ser, de existência. . . Ah, o ser é eterno, mas a matéria, na sua forma, passa uma temporada na terra e fiuuu!. . .está certo isso?

TETERIEV

Serve. . . continue. . .

ELENA

Eu sei também que existe a casualidade "a priori" e "a posteriori". Mas o que isso quer dizer, eu me esqueci. Ah! se toda essa sabedoria não me deixar careca, eu vou ficar muito inteligente. Mas o ponto mais curioso de toda essa filosofia é o seguinte: por que você, Terênti Klrisanfovitch me fala em filosofia?

TETERIEV

Primeiramente, porque me é muito agradável olhar para a senhora. . .

ELENA

Obrigada! O segundamente já não tem mais interesse para mim. . .

TETERIEV

Em segundo lugar, porque somente filosofando o homem não mente, pois nesta ocupação, tão gloriosa como benemérita, o homem não *faz* senão inventar . . .

ELENA

Não entendi nada! Como é que você se sente, Tânia? *(Sem esperar a resposta.)*Piotr Vassilievitch, com quem você está tão descontente?

PIOTR

Comigo mesmo.

NIL

E com todo o resto.

ELENA

Sabem? Eu estou com muita vontade de cantar!... Pena que hoje é sábado, e ainda não terminou a reza . . . *(Entram os velhos.)* Ah, eis os nossos devotos que chegam! Salve!

BESSEMENOV *(secamente)*

Nossos respeitos. . .

AKOULINA
Bom dia. mãezinha. . . só que já nos vimos hoje. . .

ELENA
Ah, sim, tinha me esquecido. . . Fazia calor na igreja?

BESSEMENOV
Não fomos a igreja para apreciar o clima. . .

ELENA (um pouco confusa)
Ah, claro! Não quis perguntar isso; eu queria dizer, tinha muita gente na igreja?.

AKOULINA
Não contamos as pessoas, mãezinha.

PÕLÍA (a Bessemenov)
Querem tomar chá?

BESSEMENOV
Primeiro, vamos cear. . . Mãe, ande, prepare o que tem que preparar. *(Akoulina sai, fungando o nariz. Tatiana levanta e se dirige para a mesa, para ajudar Elena. Nil vai para o lugar dela. Piotr passeia pela sala. Teteriev, sentado ao piano, vigia todos com sorriso de espectador. Pólia está junto ao samovar. Bessemenov, no canto, sentado no baú.)* Hoje em dia, ninguém mais presta ! Todo o mundo *é* ladrão ! Antes de ir para a igreja com a mãe, coloquei uma tábua, perto do portão. em cima da lama, para poder passar. Quando nós voltamos, a tábua já tinha sumido. . . Um vigarista deve ter roubado. Hoje em dia a corrupção tomou conta de tudo. *(Pausa.)* Antigamente havia menos vigarice, roubava-se era a mão armada, tinham vergonha de manchar a consciência por pequenas bobagens. . .*(Na rua ouvem-se cantos, sons de acordeão.)* Olhe, estão cantando! Hoje é sábado, mas eles cantam. *(O canto se aproxima.)* Na certa são os operários. . . vão passar o tempo de folga em algum cabaré, bebendo todo o salário da semana. . . e agora estão berrando como desgraçados. . . *(Cantam embaixo da janela. Nil olha a rua.)* Vão viver assim por mais um, dois anos, depois vão acabar ladrões e vigaristas. . .

NIL
Acho que é Pertchikin. . .

AKOULINA (da porta)
Pai, venha comer. . .

BESSEMENOV *(levantando-se)*
Pertchikin. Esse aí também, um homem de vida inútil! *(Sai.)*

ELENA (acompanhando Bessemenov com os olhos)
Na minha casa. . . beber chá é menos complicado.

NIL
Você conversou com os velhos de uma maneira engraçadíssima. . .

ELENA
Eu?. . .Ah, ele me deixa confundida não gosto nada disso. O que é que eu fiz para ele não gostar de

mim?

PIOTR
No fundo, o velho não é mau. . . tem muito amor próprio!

NIL
No fundo ele é um pouco avarento, e um pouco mau mesmo.

PÓLIA
Psiu !. . .não fica bem falar de um homem na sua ausência. . .não fica bem. . .

NIL
É, mas ser avarento é mau.

TATIANA (seca)
Eu acho bom deixar esse assunto de lado. O pai pode entrar de um momento para outro. Nos últimos dias até que não insultou ninguém, está tentando ser amável com todos.

PI0TR
E isso não custa pouco pra ele, não. . .

TATIANA
É preciso levar em consideração que ele está velho. Não tem culpa de haver nascido antes de nós, nem de pensar de maneira diferente da nossa. *(Irritando-se)* Mas como há maldade no mundo ! . . .Como ninguém tem piedade Só grosseria, grosseria . . .Nos ensinam a amar uns aos outros. . .

NIL *(no mesmo tom)*
E montam em cima da gente pro resto da vida. *(Elena ri as gargalhadas. Pólia e Teteriev sorriem. Piotr* vai *dizer alguma coisa a Nil, e se aproxima de/es. Tatiana balança a cabeça, em reprovação silenciosa.)*

SEMENOV *(entra, olha Elena da cabeça aos pés, com hostilidade)*
Pelagéia . . . seu pai está na cozinha. Vá até lá e diga que ele só apareça quando não estiver bêbedo. *(Sai Pólia, Nil vai atrás dela.)* E vocês, por que não dizem nada? Estou observando isso há dias . . .é só eu aparecer na porta e todos fecham a boca. . .

TATIANA
Na sua ausência nos também falamos muito pouco. . .

SEMENOV *(referindo se a Elena, com um olhar* de *soslaio)*
E de que *é* que vocês estavam rindo?

PIOTR
De nada. . .bobagens. . . o Nil. . .

BESSEMENOV
Nil!. . . Já sabia, tudo vem dele. . .

TATIANA
Quer que eu sirva um pouco de chá para o senhor?

BESSEMENOV

Pode servir. . .

ELENA
Deixe. Tatiana. . .eu mesma sirvo. . .

BESSEMENOV
Não, em absoluto . . .! Por que a senhora vai se incomodar? Minha filha mesmo serve.

PIOTR
Bem, eu acho que não tem importância nenhuma saber quem *é* que vai servir o chá. Tatiana não está ainda bem de saúde. . . Está muito fraca. . .

BESSEMENOV
Eu não perguntei o que você pensava a respeito desse assunto. Agora, se as pessoas de fora são mais queridas por você que a própria família. . .

PIOTR
Pai, o senhor não tem vergonha?.

TA TIA NA
Já começa? Piotr, por favor, um pouco de bom senso. . .

ELENA (com um sorriso forçado)
Vamos . . .não tem importância. . . *(Abre-se a porta. Entra Pertchikin, bêbedo, mas não em excesso.)*

PERTCHIKIN
Vassíli Vassilievith! Eu vim aqui. . .você foi embora de lá. . . e eu vim aqui. . . você foi embora de lá. . . e eu vim aqui atrás de você. . .

BESSEMENOV *(sem encará-lo)*
Já que veio, sente-se, então, beba um pouco de chá. . . e. . .

PERTCHIKIN
Não, não preciso de chá. . . tome você sozinho aproveite bastante. . . eu vim para conversar. . .

BESSEMENOV
Que conversa, nem meia conversa. . . bobagens!

PERTCHIKIN
Bobagens ! . . . Que fenômeno ! *(Ri. Entra Ni, encara furiosamente Bessemenov.)* Eu fiquei me preparando quatro dias pra vir . . . agora . . . vim . . .

BESSEMENOV
Está bem. . .

PERTCHIKIN
Não está nada bem Vassíli Vassilievitch, você é um homem inteligente. . . um homem . . . eu vim apelar para sua consciência. . .

PIOTR *(aproximando* se *de Nil, com voz não muito at a)*
Por que que você deixou que ele viesse até aqui?.

NIL
Deixe! Isso não tem nada que ver com você!

PIOTR
Você sempre faz essas coisas, sei lá o que. . .

PERTCHIKIN
Velho . . . há muito que nós nos conhecemos. . .

BESSEMENOV *(irritado)*
Afinal de contas, que é que você quer aqui

PERTCHIKIN
Me diga uma coisa. . .por que você me expulsou de sua casa, outro dia? Pensei... repensei. . . não consegui compreender. . . Me diga, irmão, eu vim até aqui sem o menor rancor, com amor no coração. . .

BESSEMENOV
Você veio com más intenções. . .

TATIANA
Piotr. . . me ajude. . . vá chamar a Pólia. . . *(Piotr sai.)*

PERTCHIKIN
Pólia, justamente . . . minha criança querida. . .meu passarinho puro. . .foi por causa dela que você me expulsou, não foi? Por que ela caçou o noivo de Tatiana, nao foi?. . .

TATIANA
Que estupidez! Que vulgaridade!

SEMENOV *(levantando-se lentamente de seu lugar)*
Olhe, Pertchikin, pela segunda vez eu. . .

ELENA (a Nil, em meia voz)
Leve esse homem daqui, eles vão acabar brigando. . .

NIL
Não, não vou levar, não.

PERTCHIKIN
Pela segunda vez você não me põe pra fora. não, Vassili Vassilievitch . . . Não há razão . . Pólia . . . eu gosto muito dela, ela é muito boa. . E mesmo assim, eu não aprovo, irmão . . . não, não aprovo . . . não . . por que conquistar a presa alheia? Isso não está certo!

TATIANA
Lena. . . eu vou pro meu quarto. . . *(Elena ajuda Tatiana a caminhar; ao passar por Nil, fala para que somente ele* ouça) Você não tem vergonha Tirem esse homem daqui!

BESSEMENOV *(contendo-se)*
Pertchikin, você cale a boca, fique sentado, quieto. Ou então, vá pra sua casa ! *(Entram Piotr e*

Pólia.)

PIOTR (a *Pólia)*
Por favor. . . fique calma. . .

PÓLÍA
Vassíli Vassilievitch, por que o senhor expulsou o meu pai daqui? *(Bessemenov olha furiosamente para ela, depois para um dos presentes*.)

PERTCHIKIN *(ameaçando com o dedo)*
Psiu ! . . . Minha filha, não fale. . .você precisa compreender . . . Tatiana se envenenou por quê?. . . Ah,Vassíli Vassilievitch, você está vendo? Eu, irmão, vou julgar vocês todos, de acordo com a minha consciência, que é muito simples. .

PÓLIA
Espere, Paizinho. . .

NIL
É melhor você ficar calado . . .

PIOTR
Por favor, Pólia . . .

BESSEMENOV
Pelagéia ! . . . olhe aqui, você é uma atrevida!

PERTCHIKIN
Atrevida?... Ela é minha filha, minha filha querida, adorada!

BESSEMENOV
Silêncio ! Não compreendo mais nada! De quem essa casa? Quem é o dono?
Quem tem o direito de julgar, aqui dentro?

PERTCHIKIN
Eu, eu vou julgar vocês todos . . . um de cada vez. . . Primeiro: não se apodere do que nao é seu; segundo: se se apoderou. devolva. . .

PIOTR
Escute, deixe de falatório . . . Vamos pro meu quarto. . .

PERTCHIKIN
Não . não gosto de você, Piotr. Você é um homem soberbo, um homem vazio... você não sabe nada . . . o que e uma canalização, hein? Ah, pode deixar que já me explicaram. . . *(Piotr tenta segurá-lo pelo braço.)* E não ponha a mão em mim .

NIL (a *Piotr)*
Não ponha a mão nele . . . deixe, vamos . . .

BESSEMENOV (a *Nil)*
E você, o que faz aqui?. . . atiçando os cães?

NIL
Não. Mas eu quero saber o que significa isso tudo. Qual é a culpa do Pertchikin? Por que você botou ele para fora daqui? E o que é que a Pólia tem a ver com isso?

BESSEMENOV
Você está me submetendo a um interrogatório

NIL
É, sim . . . eu estou interrogando o senhor. E o que é que tem isso demais? O senhor é um homem . . .e eu também...

BESSEMENOV
Não, você não é um homem! Você e um veneno, é uma besta feroz!

PERTCHIKIN
Psiu ! . . calma . . . tudo tem que ser dito com calma, com consciência...

BESSEMENOV *(a Pólia)*
Você é uma víbora . . . uma mendiga. . .

NIL *(com os dentes apertados)*
O senhor não grite!

BESSEMENOV
O quê! Fora daqui! Filhote de uma cobra! E dizer que eu o criei com meu suor, com o meu sangue. . .

TATIANA (de dentro de seu quarto)
Papai . papai. . .

PÓLIA (a meia voz)
O senhor não se atreva a gritar comigo.. . não sou sua escrava! O senhor não pode ofender os outros sem mais nem menos. . . E o senhor responda: por que expulsou meu pai?

NIL *(tranqüilo)*
Eu também exijo. . isso não é uma casa de loucos. . .Cada um tem que responder pelos seus atos.

BESSEMENOV *(com mais tranqüilidade, contendo-se)*
Vá embora. Nil, antes que seja tarde. Vá embora! Você foi alimentado por mim, educado por mim. . .

NIL
Não me jogue na cara um pedaço de pão. . .Já devolvi com o meu trabalho tudo o que eu comi aqui!

BESSEMENOV
Foi minha alma que você comeu!

POLIA (tomando Nil pelo braço)
Vamos embora daqui!

BESSEMENOV
Vá. . .. arraste-se para fora daqui. . .víbora. . .você é a culpada de tudo! Foi por causa de você! Você envenenou minha filha . . .Por sua causa minha filha. . .

PERTCHIKIN
Vassíli Vassilievitch . . . calma. .

TATIANA (grita)
É mentira tudo isso; pai, isso não é verdade! Piotr, Piotr ! que é que você está esperando? *(Aparece na porta, estendendo os braços, indefesa, vai ao centro da sala.)* Piotr . . . mas não é necessário tudo isso . . . Oh, meu Deus! Terênti Krisanfovitch, diga a eles. . . diga. . . Nil,. Pólia, pelo amor de Deus, vão-se embora . . . por que tudo isso? por que? *(Todos se movimentam, se agitam. Teteriev, mostrando* os *dentes, se levanta lentamente da cadeira. Bessemenov recua diante da filha. Piotr torna Tatiana nos braços, olha em torno de si, completamente perdido.)*

PÓLIA
Vamos!

NIL
Está bem ! *(A Bessemenov)* Bem, nós vamos . . . Eu só sinto que isso tenha acontecido com tanto barulho!

BESSEMENOV
Vá, vá embora. . . leve-a.. . .

NIL
E não vou voltar mais . . .

PÓLIA (forte, com voz trêmula)
Por acaso o senhor pode me culpar disso?. . . Eu não tenho a culpa. . . Tania. . . por acaso sou eu a culpada? O senhor não tem vergonha.

BESSEMENOV *(furioso)*
Vão embora de uma vez!

NIL
Não fale assim com ela. . .

PERTCHIKIN
Não se exaltem. . . é preciso agir com calma. . .

PÓLIA
Adeus! Vamos, pai?

PERTCIIIKIN
Não, não quero ir com vocês. Não é o meu caminho. Eu vou em outra direção. Vou só. . .

PIOTR *(a Nil)*
Mas, vão embora de uma vez, que diabo!

NIL

Vou. Adeus!. . . Apesar de tudo. . .

BESSEMENOV *(saem os dois. Bessemenov grita)*
Vocês ainda voltam ! Vão se ajoelhar diante de mim ! Vão pedir desculpas!

PIOTR
Papai, chega!

TATIANA
Papai, querido, não grite...

BESSEMENOV
Esperem. . . esperem. . .

PERTCHIKIN
Bem . . . aí está: se foram, já se foram. Está certo isso: que façam o que quiserem!

BESSEMENOV
Eu ainda queria ter dito, a esses assassinos, antes deles terem ido embora, que eu dei de beber, de comer. . . *(A Pertchikin)* E você, diabo velho ! A culpa é sua. Você veio, falou, falou. . . que é que você quer? Por que você precisava fazer isso?

PERTCHIKIN
Vassíli Vassilievitch, não grite. . . eu o respeito. Você é um sujeito fenomenal e eu sou um imbecil. . .está certo! Mas eu compreendo o caminho de cada um!

BESSEMENOV *(senta-se no divã.)*
Perdi o fio dos meus pensamentos. Não entendo o que aconteceu. . . De repente, não posso acreditar. . ele disse que não volta mais. . . Veja como é simples! Mas não consigo acreditar!...

TETERIEV *(a Pertchikin)*
Mas pra que tudo isso? Pra quê?

PERTCHIKIN
Pra respeitar a ordem . . . Eu, irmão, eu falo de uma maneira muito simples . . . Dois e dois são quatro! Ela é minha filha? Muito bem. Isso quer dizer que ela tem que. . . *(Cala* se.) Eu sou um mau pai, e ela não me deve nada. . Que ela viva como quiser! De Tânia eu tenho muita pena. . . Tânia, eu tenho muita pena de você. . . Irmãozinhos, tenho pena de vocês todos. Ah! Se nós quisermos agir de acordo com a consciência, vocês todos são uns idiotas. . .

BESSEMENOV
Cale a boca. . .

PIOTR
Tânia, onde é que está Elena?

AKOULINA (de dentro do quarto de Tânia)
Estou aqui, preparando o remédio. . .

BESSEMENOV
Me confundiram todo, me embrulharam o pensamento. . não entendo nada! Será possível que Nil

tenha ido embora assim, sem mais nem menos?

AKOULINA (entra)
Que aconteceu? Nil e Pelagéia estão na cozinha . . .

BESSEMENOV
Eles já foram embora?

AKOULINA
Não. . . estão chamando Pertchikin. Pelagéia disse: "Diga a meu pai. . ." e os lábios dela tremiam . . .e o Nil, então, está rugindo feito um cachorro. . .o que aconteceu?

BESSEMENOV *(levantando-se)*
Ah! Vocês vão ver! Eu vou lá!. . .

PIOTR
Pai, não há necessidade, não vá!

TATIANA
Papai, por piedade! Não vá, não há necessidade nenhuma. . .

BESSEMENOV
Não há necessidade de que?

AKOULINA
Mas o que é que aconteceu?

BESSEMENOV
Entende? Nil foi embora. . . pra sempre. . .

PIOTR
E o que tem isso? Ele se foi, pronto. Pra que é que o senhor precisava dele? Ele quer ter sua própria família. . .

BESSEMENOV
Ah, sim?. . . E eu, o que sou, um estranho para ele?

AKOULINA
Por que você se preocupa tanto, paizinho! Eles que vão com Deus. . . Que é que tem. . . nós não temos nossos filhos?. . . *(A Pertchikin)* E você? o que é que está fazendo aí? Vá embora, vá com eles. . .

PERTCHIKIN
Eu não sigo o mesmo caminho deles. . .

BESSEMENOV
Não. . . isto não está certo. . . quer ir, vá então. . . mas como? como ele se foi. . . e que olhar me lançou. . . *(Elena vem do quarto de Tatiana.)*

TETERIEV *(toma Pertchikin pelo braço e leva-o até a porta)*
Vamos tomar um gole . . .

PERTCHIKIN
Trombeta de Deus, você e um sábio!

(Saem os dois.)

BESSEMENOV
Eu tinha certe`za de que um dia ele ia embora, mas não desse jeito. . . E ela gritou comigo! Uma menina! Uma empregadinha! Eles ainda têm o que ouvir. . .

AKOULINA
Eh, paizinho. . . eles são uns estranhos pra nós. . . Por que ter pena deles? Por que se lamentar? Foram embora ? Muito bem. . .

ELENA (a *Piotr, em voz baixa)*
Vamos até a minha casa. . .

TATIANA (a *Elena)*
Eu também quero ir. . . me levem com vocês. . .

ELENA
Venha, vamos. . .

BESSEMENOV
Onde?

ELENA
Pra minha casa. . .

BESSENONOV
Quem é que você está convidando? Piotr?

ELENA
É. . . e Tânia vai também. . .

BESSEMENOV
Tânia não perdeu nada lá. E Piotr não tem também nada que ir à sua casa. . .

PIOTR
Desculpe, pai. Mas eu não sou mais criança. Acho que se eu vou ou se não vou é assunto que me compete!

BESSEMENOV
Não vai...

AKOULINA
Pétia.. . concorde com o teu pai, sim? Concorda, não é?

ELENA (indignada)
Com licença, Vassíli Vassilievitch?

BESSEMENOV

Licença peço eu... ainda que vocês sejam gente instruída, ainda que tenham perdido todo o sentido de moral, ainda que não respeitem a mais ninguém...

TATIANA (grita histericamente)
Papai. . . pare!

BESSEMENOV
Cale a boca! Se você não é dona da sua sorte, cale a boca... Espere. E vocês onde vão? *(Elena se dirige para a porta.)*

PIOTR *(se precipita até ela, tomando-a nos braços)*
Com licença, é preciso ser agora, neste minuto. *(Com um golpe)* É preciso agora me explicar!

BESSEMENOV
É preciso agora me escutar. Conceda-me esta gentileza: escute-me. Explique, o que é que se passa? *(Entra Pertchikin radiante e alegre; atrás dele, também sorridente, Teteriev. Detêm-se junto à porta e trocam olhares inteligentes. Pertchikin bate nas costas de Bessemenov e faz gestos com as mãos.)* Todos estão se afastando, não se sabe pra onde, sem explicação, sem motivo. . . Isso é uma ofensa. . . Onde você pode ir, Piotr? Quem é você? Como *é* que você quer viver? O que é que você sabe fazer? *(Akoulina soluça. Piotr,* E*lena, Tatiana,* estão *juntos, formando um grupo compacto frente a Bessernenov. Quando esse pronuncia as palavras "*Aonde você pode ir, Piotr?" *Tatiana se separa do grupo* e *fica perto da mesa, ao lado da mãe. Pertchikin faz alguns sinais a Teteriev: este sacode* as *mãos, afugentando pássaros.)* tenho direito de perguntar... Você ainda é uma criança. . .Um bobo . . .Durante 58 anos trabalhei para meus filhos . . .Como um burro de carga. . .

PIOTR
Pai, o senhor está se atormentando a toa . . .Por que é que o senhor precisa de mim . . .Que é que e senhor quer. . .

ELENA (a Piotr)
Bem, chega. . . eu nao posso mais. . . eu *vou* embora!

PIOTR
Espere, pelo amor de Deus, um instante só, tudo vai ficar claro agora!

ELENA
Mas isso é um manicômio!

TATIANA
Piotr, vá embora... Assim isso acaba de uma vez, vá embora.

PIOTR *(quase gritando)*
Pai, olhe, olhe bem . . Mãe... ela é minha noiva! *(Pausa. Todos olham para Piotr. Depois Akoulina junta as mãos assombrada e olha para seu marido. Bessemenov, como se tivesse recebido um empurrão, retrocede com o corpo e baixa a cabeça. Tatiana, com um suspiro difícill e pesado, os braços abandonados ao longo do corpo, vai em direção ao piano.)*

TETERIEV
Você escolheu o momento com muita habilidade!

PERTCHIKIN *(dando um passo adiante)*

Todos... todos levantam vôo... Vamos, criançada! Fora da gaiola, como os passarinhos no dia da aleluia...

ELENA (libertando-se das mãos de Piotr)
Me deixe... eu não posso mais.

PIOTR *(murmurando)*
Agora tudo está esclarecido. . . de uma vez por todas.

SEMENOV *(inclinando-se profundamente para o filho)*
Bem, obrigado, meu filho, pela alegre notícia...

AKOULINA
Você está perdido! *(Chorando)* Ela por acaso serve para você?

PERTCHIKIN
Ela?. . . E ele, o que é que ele vale?

BESSEMENOV *(lentamente, para Elena)*
Muito obrigado à senhora também, madame. Agora a senhora pode começar a fazer o caixão para ele!. . .ele ia estudar. . . Eu bem que pressentia. . . *(Com maldade.)* Eu felicito a senhora por ter feito uma boa caça. A senhora. . . pescou muito bem. . . Me roubou o filho, sua cadela imunda!

ELENA
Não se atreva a . . .

PIOTR
Pai... o senhor está louco.

EL ENA
É verdade. Fui eu, eu mesma... fui eu mesma que propus a ele que se casasse comigo. O senhor fique sabendo. . . Eu arranquei Piotr de vocês, sim, porque tenho pena dele. . . Vocês o atormentam dia e noite. Vocês não são seres humanos, são ferrugem! Isso que vocês chamam de amor é a morte. Vocês estão certos, muito certos. . . eu fiz tudo pra que ele ficasse comigo. . Pensem o que quiserem, não faz diferença. . .Como eu detesto vocês todos!

PIOTR
Elena, vamos embora!

ELENA
Sabe. . . talvez eu nem queira casar com ele. . Vocês estão contentes? É, isso é possível, não fiquem assustados antes do tempo. Vou viver com ele, sim, assim, viver com ele, nada mais. . . Sem casamento. Gostou? Mas a vocês eu nao deixo o Piotr, não. Não deixo. Não ! Ele não volta mais pro lado de vocês, não! Nunca, nunca mais!

TETERIEV
Bravo, bravo mulher valente!

AKOULINA
Ai, paizinho. . . Paizinho, que *é* isso. . . Ai, paizinho. . . *(Piotr empurra Elena para a porta. Ela sai e leva Piotr.)*

BESSEMENOV *(impotente, olha ao seu redor)*

Então e assim? . . *(De repente grita em voz alta)* Polícia ! . . . Chamem a policia! ! ! *(Batendo os pés)* Fora da casa ! Amanhã vocês vão todos embora! Você, a senhora. . .

TATIANA

Papai, que e que o senhor tem? . .

PERTCHIKIN

Vassíli Vassilievitch, meu paizinho . . . por que está gritando? . Você devia ficar alegre ! . . .

TATIANA (aproximando-se do pai)

Escute, papai. . .

BESSEMENOV

Ah ! você ficou?. . Você, por que é que não vai embora? Ah, não tem com quem? Nem pra onde ir? *(Tatiana afasta-se para o piano. Akoulina se precipita para ela, se lastimando.)* Perdeu a chance?.

PFRTCHIKIN

Vassíli Vassilievitch . . . deixe . . . pense um pouco. Piotr não precisa estudar agora . . .pra que? *(Bessemenov olha estupidamente para Pertchikin e move afirmativamente a cabeça.)* Tem com que viver. Você juntou bastante dinheiro. Ele está com uma mulher formosa . . . E você gritando, se preocupando. . . você é um fenômeno *(Tèteriev ri as gargalhadas)*

AKOULINA

Foram todos embora, todos nos abandonaram. . . todos. . .

BESSEMENOV *(rondando em torno dela)*

Cale a boca, mãe. Eles voltam. . . eles não se atrevem a tanto; e depois, pra onde eles vão *(A Teteriev)* E você, por que é que está mostrando os dentes!. . . Pústula! Fora de minha casa. . . Amanhã mesmo você vai embora . . .você e toda sua corja...

PFRTCHIKIN

Vassíli Vassilievitch!. . .

BESSEMENOV

Fora! Você também, infeliz, vagabundo!

AKOULINA

Você é uma doente, uma desgraçada...

BESSEMENOV

Você, filha, sabia de tudo.. . Sabia de tudo e ficava calada. . . Uma revolta contra o pai. . . *(De repente assustado)* Que é que você acha? Não é serio, nao é? Ele vai abandonar essa mulherzinha.. . Você acha que ele vai tomar essa prostituta como esposa? Meu filho? Ah ! vocês todos, malditos. . . uns miseráveis. . . depravados. . . desgraçados!

TATIANA

Me deixe em paz, não me obrigue a odiar o senhor, ainda mais...

.AKOULINA

Minha filhinha, minha filhinha desafortunada. . .Maltrataram você? Todos maltratam a gente? Por quê?. . .

BESSEMENOV

Quem é culpado'? Nil Vassilievitch . . . Bandido, canalha. . . envenenou nosso filho. . . e minha filha sofre! *(Olhando Teteriev que está junto ao armário)* E você, maltrapilho? O que você está fazendo na minha casa... Fora!.. . Fora de minha casa!. . .

PERTCHIKIN

Vassíli Vassilievitch . . . ele também? Por quê? Eh. . .você perdeu a razão, velho?

TETERIEV *(tranqüilamente)*

Não grite, velho. . . Você não pode mandar embora todos os que o atacam. Não se preocupe, seu filho volta!

BESSEMENOV *(rapidamente)*

Como é que você sabe?

TETERIEV

Não vai longe, não. Ele subiu ao andar de cima porque foi arrastado até lá. . . temporariamente. . . mas ele volta. Quando você estiver morto, vai reformar alguma coisa deste estábulo. . . vai mudar os móveis de lugar. . . e vai viver como você vive agora. . . tranqüilo, razoável, acomodado. . .

PERTCHIKIN

Veja, fenômeno! O homem lhe quer bem... diz palavras boas, pra você ficar sossegado. .. tranqüilo . . .e você está praguejando! Terênti é um homem sábio, enxerga longe. . .

TETERIEV

Vai mudar os móveis de lugar, e vai viver com a consciência tranqüila de que cumpriu plenamente o seu dever perante a vida e os homens. . . É completamente idêntico a você!

BESSEMENOV *(rapidamente)* Como é que você sabe?

PERTCHIKIN

Como duas gotas d'água!

TETERIEV

Completamente idêntico, covarde e bobo!

BESSEMENOV

Ah! Fale, mas não precisa xingar! Quem lhe deu licença?

TETERIEV

E será, com o tempo, tão avarento como você. Tão seguro de si mesmo, como você. .. tão mau, como você... *(Pertchikin, estranhando, olha a cara de Teteriev. Também na cara de Bessemenov se reflete perplexidade. Mas o que Teteriev diz lhe interessa vivamente.)* E um dia. . . será até infeliz como você é agora!. . . A vida avança, velho, e quem não avança ao lado dela, fica só! Como você.

PERTCHIKIN

Está vendo? Tudo está certo e você.

BESSEMENOV

Espere! Saia daí!

TETERIEV

E ninguém vai ter pena do seu desafortunado filho. E dirão a verdade na cara dele, assim como eu estou dizendo para você agora: Pra que você viveu? Que é que você fez de bom? E seu filho, como você agora, não vai responder nada. . .

BESSEMENOV

Falar, você fala. . . Você tem jeito para falar. . . Eu não acredito em você. . . Fora!. . . fora de minha casa. . . vocês todos. . . *(Teteriev se levanta.)* Você encheu a cabeça deles contra mim. . .

TETERIEV

Ah! Se fosse eu! Mas não, não fui eu. . . *(Sai.)*

BESSEMENOV *(sacudindo a cabeça)*

Havemos de ter paciência. . . tivemos paciência a vida inteira. . . vamos ter paciência agora . . . esperar. . . *(Vai para seu quarto.)*

AKOULINA (*atrás do marido)*

Paizinho, querido . . . Somos uns desgraçados Por que nossos filhos . . . Por que eles maltratam a gente? . . . *(Pertchikin* fica *no meio da sala completamente perplexo. Tatiana olha em seu redor com olhos desorientados, sentada* na *cadeira junto ao piano. Do quarto dos velhos ouve-se uma conversa surda.)*

PERTCHIKIN

Tânia. . . Tânia. . . *(Tânia não encara e nem responde.)* Tânia, por que será que eles?. . . Uns fugiram, outros choram. . . *(Olha Tatiana e suspira.)* Vocês são uns fenômenos!. . . *(Olha* a *porta que dá para o quarto dos velhos, caminha em direção da porta da saída, mexendo a cabeça.)* Eu vou atrás de Terênti. . . Ah, Fenômenos!. . . *(Tatiana se curva lentamente, depois se apóia nas teclas. Pela sala ressoa um acorde dissonante e forte, que se extingue pouco a pouco.)*

CAI O PANO

NOTAS DO EDITOR

1. Pétia, forma diminutiva e afetiva de Piotr.
2. *Kasha,* alimento em forma de papa, eito à base de arroz, trigo ou aveia.
3. Terênti, o verdadeiro nome de Teteriev.
4. *Segunda Juventude,* peça de P. M. Nevejine, que fez muito sucesso no fim do século passado.
5. Trecho do poema *O Prisioneiro do Cáuscaso,* de A . S. Puchkin
6. Palavras finais da oração que se rezava nas escolas da Rússia, antes das aulas diárias. (N. do T.)
7. Trocadilho intraduzível: *bik* em russo significa *boi.* (N. do T.)

8. Tanietchka, forma diminutiva e afetiva de Tânia que, por sua vez, é uma forma diminutiva de Tatiana.

9. Mefistófeles, personagem da demonologia medieval que aparece na lenda do Doutor Fausto como figura satânica que procura dominar e perder as almas.

10. Heráclito, filósofo grego (544-480 a .C) que atribuía ao fogo a qualidade de elemento criador e eterno, concluindo pela perpétua e constante transformação e movimento da natureza, onde nada reconhecia estável ou definitivo.

11. SWift (Jonathan), escritor irlandês, crítico da sociedade, ferino e pessimista.

12. Em francês no original; as três primeiras palavras de .*A Marselhesa,* hino nacional francês "Vamos, filhos da pátria!"

13. Pelagéia, o nome de Pólia.

14. Jogo de palavras intraduzíveis: em russo uma mesma expressão significa "levar alguém para casa" e "recusar ir a um depoimento (N . do T.)

15. *Kamarínskaia,* nome de uma dança popular russa.

16. Crença popular na Rússiant: os bêbedos inveterados vêem uma enorme serpente verde em seus delírios. (N. do T.)

1 *7.* Duncan, rei da Escócia, morto por Macbeth.

18. Heine (Heinrich), poeta e prosador alemão (1797 - 1856) marcada pelo liberalismo e por sua simpatia para com Karl Marx, o que serviu de inspiração política e revolucionária para alguns de seus poemas.

19. Maria Nikitchna, outro nome de Maria Tzvetáieva.

20. Petruchka, outra forma diminutiva e afetiva de Piotr.